

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO

WEBER MENDES DE PAULA

**“EDUCAÇÃO E HUMANISMO REAL: UMA PROPOSTA NO VENTRE DO
CAPITALISMO TARDIO (PROVISÓRIO)”**

**GOIÂNIA/GO
2022**



UFG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

WEBER MENDES DE PAULA

3. Título do trabalho

Educação e Humanismo Real: uma proposta no ventre do capitalismo tardio
(provisório)

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);
b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;

- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **WEBER MENDES DE PAULA, Discente**, em 14/04/2023, às 14:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Sílvia Rosa Da Silva Zanolla, Professora do Magistério Superior**, em 18/04/2023, às 08:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3666742** e o código CRC **CA20CD7D**.

WEBER MENDES DE PAULA

**“EDUCAÇÃO E HUMANISMO REAL: UMA PROPOSTA NO VENTRE DO
CAPITALISMO TARDIO (PROVISÓRIO)”**

Tese apresentada à comissão examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Goiás, como requisito para obtenção do título de doutor.

Área de Concentração: Educação.

Linha de Pesquisa: Cultura e Processos Educacionais.

Orientadora: Professora Doutora Silvia Rosa da Silva Zanolla.

**GOIÂNIA/GO
2022**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Paula, Weber Mendes de

"Educação e Humanismo real: uma proposta no ventre do capitalismo tardio (provisório)" [manuscrito] / Weber Mendes de Paula. 2022.

CXXXVII, 137 f.

Orientador: Profa. Dra. Sílvia Rosa da Silva Zanolla.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação (FE), Programa de Pós-Graduação em Educação, Goiânia, 2022. Apêndice.

Inclui gráfico, tabelas.

1. Educação. 2. Capitalismo. 3. Humanismo. I. Zanolla, Sílvia Rosa da Silva, orient. II. Título.

CDU 37



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ATA DE DEFESA DE TESE

Ata Nº 9 da sessão de Defesa de Tese de **WEBER MENDES DE PAULA** que confere o título de **Doutor em Educação** pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás-PPGE/FE/UFG, na *área de concentração em Educação*.

Aos **trinta e um dias do mês de janeiro de dois mil e vinte e três (31/01/2023)**, a partir das **14h**, em plataforma virtual no link público <http://meet.google.com/bqg-qjoy-dmv>, realizou-se a sessão pública de Defesa de Tese intitulada "**Educação e Humanismo Real: uma proposta no ventre do capitalismo tardio (provisório)**". Os trabalhos foram instalados pela Orientadora Prof^a. Dr^a. **Silvia Rosa da Silva Zanolla (PPGE/FE/UFG)**, doutora em **Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano** pela **USP**, com a participação dos demais integrantes da Banca Examinadora: Prof^a. **Márcia Ferreira Torres Pereira (PPGE/FE/UFG)**, doutora em **Educação** pela **UFG** - integrante titular interna, Prof. Dr. **Paulo Vitorino Fontes (UEVORA/Portugal)**, doutor em **Teoria Jurídico-Política e Relações Internacionais** pela **UEVORA/Portugal** - integrante titular externo, Prof. Dr. **Sandro Henrique Ribeiro (IFG)**, doutor em **Sociologia** pela **UFG** - integrante titular externo e Prof. Dr. **Pedro Adalberto Gomes de Oliveira Neto (FE/UFG)**, doutor em **Filosofia** pela **PUC/RS** - integrante titular externo. Durante a arguição os integrantes da banca **não fizeram** sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Tese, tendo sido o candidato **aprovado** pelos seus integrantes. Proclamados os resultados pela Prof^a. Dr^a. **Silvia Rosa da Silva Zanolla**, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Integrantes da Banca Examinadora, aos trinta e um dias do mês de janeiro de dois mil e vinte e três.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. **Silvia Rosa da Silva Zanolla**

Prof^a. Dr^a. **Márcia Ferreira Torres Pereira**

Prof. Dr. **Paulo Vitorino Fontes**

Prof. Dr. **Sandro Henrique Ribeiro**

Prof. Dr. **Pedro Adalberto Gomes de Oliveira Neto**

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Paulo Vitorino Fontes, Usuário Externo**, em 06/02/2023, às 10:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Sandro Henrique Ribeiro, Usuário Externo**, em 07/02/2023, às 09:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Sílvia Rosa Da Silva Zanolla, Professora do Magistério Superior**, em 08/02/2023, às 15:35, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Pedro Adalberto Gomes De Oliveira Neto, Professor do Magistério Superior**, em 04/04/2023, às 18:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marcia Ferreira Torres Pereira, Professor Ensino Básico, Técnico e Tecnológico**, em 05/04/2023, às 11:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3496800** e o código CRC **26781B08**.

Referência: Processo nº 23070.066068/2022-47

SEI nº 3496800

AGRADECIMENTOS

A conclusão de uma tese para a avaliação de uma comissão finaliza um determinado momento da produção; o que dificulta tecer agradecimentos a pessoas, situações e instituições por ter chegado a determinado momento, quando não se sabe exatamente qual será o resultado final da apreciação do trabalho. Mas aqui estamos a agradecer e seria a nossa intenção não fazer injustiças quando destes agradecimentos. Assim, tentaremos mencionaraqueles que conhecemos e lembramos, mas como agradecer de modo mais justo gestos simples e importantes como alguns sorrisos, algumas palavras amigas, alguns favores e gentilezas de pessoas que eu não conhecia, que eu nunca vi, mas que com estes gestos animaram a minha vontade de continuar?

À esta instituição Universidade Federal de Goiás tenho muito a agradecer; nesta encontrei todo o respaldo que precisei com acréscimos para que chegasse a este momento. Mas uma instituição é uma coisa vazia sem as pessoas que nela atuam e, portanto, agradeço aos docentes que a fazem, especialmente aos que me ensinaram diretamente ou indiretamente, por meio de aulas, diálogos esporádicos, estudos em grupo. Mas também agradeço aqueles e aquelas que desta instituição zelam fisicamente, tornando-a na medida do que podem, agradável e adequada ao nosso desenvolvimento; também tenho muito a agradecer aos que por ocuparem funções ligadas a trabalhos burocráticos não tive a oportunidade de conhecer ou quase não tive contato, mas que ofereceram grande contributo a este momento com a sua função institucional e profissional. À comissão de avaliação que compõe a banca agradeço pela leitura dedicada deste texto e os comentários e apontamentos indispensáveis à minha formação desde a qualificação em que obtive muitos contributos importantes e um tratamento muito respeitoso com as minhas limitações.

Muitos agradecimentos aos colegas do NEVIDA/FE/UFG, Núcleo de Estudos em Violência, Infância, Diversidade e Arte da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás com os quais tive grande oportunidade de aprender e, em especial agradeço à minha orientadora que também pelo exemplo, tem me ensinado muito, pois, argumentos ensinam, exemplos arrastam. Por fim, agradeço oportunidades que me trouxeram ânimo para o enfrentamento das etapas que antecederam a este momento.

RESUMO

O estágio de desenvolvimento a que chegamos como humanidade não se mostra satisfatório em termos de humanização, e trás perplexidade quando comparamos o nível de satisfação das necessidades das pessoas com o desenvolvimento da técnica (ADORNO; HORKHEIMER, 1985), pois, os sofrimentos que nos acometem, em especial os sofrimentos psíquicos, alvo constante de processos de dominação da subjetividade pelo universo objetivo (ADORNO, 1995b), são fatos cada vez mais comuns, apesar de não serem claramente revelados os seus alçozes capitalistas, perfaz um cenário “(...) carregado de processos ideológicos que levam à mentira e à alienação e, conseqüentemente, à adaptação ao contexto social de violência e à cegueira cultural” (TERRA, 2021b, p 142). Se por um lado este cenário tem nas grandes mídias um dos seus principais elementos de sustentação, pois a divulgação dos fatos “(...) dispensa aos homens do processo de conhecimento por si mesmo, como também se dá a ideia de que, para conhecer e experienciar, basta ver, basta assistir a determinado programa, ou seja, basta consumir autonomamente” (ZANOLLA; PONTES, 2021, p 80), por outro lado, os fatos assim divulgados pela grande mídia se articula a uma cultura administrada (ADORNO; HORKHEIMER, 1985) e a uma educação para a adaptação ao existente (ADORNO, 2003a). Por esse viés, o comprometimento físico e mental das pessoas se agudizam a níveis intensos. Amenizar esse sofrer, desbarbarizar, (ADORNO, 2003b) é algo urgente e, por esta motivação, o humanismo dessemelhante¹ se propõe como categoria que almeja se constituir a partir de argumentos materializados na vertente ética do humanismo e na teoria crítica da sociedade, em especial a Adorniana; articulando educação e cultura por necessidade de resistência ao estado de barbárie real sustentado pela racionalidade administrada mantenedora do ‘Ser transcendental’ como tipo ideal da irrazão (ADORNO, 1995a). Para tanto se propõe uma educação para a resistência ao existente e com efeito a uma cultura para relações mais humanas são apontamentos que delineiam o horizonte que orienta esse humanismo dessemelhante. O termo dessemelhante é usual por Adorno em algumas de suas obras. Em dialética negativa em uma das passagens de uso deste termo, tratando sobre o Ser e o ente, Adorno se refere à “(...) contenda grega sobre se é o semelhante ou o dessemelhante que conhece o semelhante (...)” (ADORNO, 2009, P 131), e prossegue afirmando que pela tese de que só o semelhante pode conhecer o semelhante, para a teoria do conhecimento produziria com efeito, “(...) a consequência falsa de que o objeto é o sujeito. A filosofia tradicional arroga-se como conhecedora do dessemelhante, na medida em que o torna semelhante a si mesma, apesar de com isso só conhecer propriamente a si mesma” (ADORNO, 2009, p 131). O termo dessemelhante se refere à ideia de não-idêntico, o que aparece de modo elucidativo em outra obra de Adorno. “Como verdadeiramente não-idêntico, o objeto é tanto mais afastado do sujeito, quanto mais o sujeito constitui o objeto” (ADORNO, 1995a, p 196). Sujeito é objetos não são contrapostos, não são idênticos, sujeito e objeto são constitutivos, são não-idênticos. (ADORNO, 1995a).

Palavras-chave: Sofrimento. Humanismo Dessemelhante. Educação. Teoria Crítica.

¹ Categoria em elaboração que pretende se constituir de elementos do humanismo e da educação crítica Adorniana.

ABSTRACT

The stage of development we have reached as humanity is not satisfactory in terms of humanization, and it brings perplexity when we compare the level of satisfaction of people's needs with the development of technique (ADORNO; HORKHEIMER, 198), because the sufferings that afflict us, especially the psychic ones, constant target of domination processes of the subjectivity by the objective universe (ADORNO, 1995b), are increasingly common facts, although their capitalist executioners are not clearly revealed "(...) loaded with ideological processes that lead to lies and alienation and, consequently, to adaptation to the social context of violence and cultural blindness" (TERRA, 2021b, p. 142). If, on one hand, this scenario has in the mainstream media one of its main elements of support, because the disclosure of the facts "(...) dispenses men from the process of knowledge by itself, as well as the idea that, to know and experience, it is enough to see, watch a certain program, that is, it is enough to consume autonomously" (ZANOLLA; PONTES, 2021, p. 80), on the other hand, the facts disseminated by the media are articulated to a managed culture (ADORNO; HORKHEIMER, 1985), and to an education for adaptation to the existing (ADORNO, 2003a). In this way, people's physical and mental compromises are intensified to intense levels. To mitigate this suffering, to debar (ADORNO, 2003b) is something urgent and, for this motivation, the dissimilar humanism is proposed as a category that aims to constitute itself from arguments materialized in the ethical side of humanism, and the critical theory of society, especially Adornian; articulating education and culture for the need of resistance to the state of real barbarism sustained by the administered rationality, which maintains the 'transcendental human being' as an ideal type of unreason (ADORNO, 1995a). To this end, and education for resistance to the existing is proposed, and, in effect, a culture for more human relations notes that outline the horizon that guides this dissimilar humanism. The term dissimilar is used by Adorno in some of his works. In negative dialectics, in one of the passages where this term is used, dealing with Being and beings, Adorno refers to "(...) the Greek dispute about whether it is the similar or the dissimilar that knows the similar (...)" (ADORNO, 2009, P 131), and goes on to state that the thesis that only the similar can know the similar, for the theory of knowledge would produce, in effect, "(...) the false consequence that the object is the subject. Traditional philosophy claims to know what is unlike, insofar as it makes it similar to itself, despite only really knowing itself" (ADORNO, 2009, p 131). The term dissimilar refers to the idea of non-identical, which appears in an illuminating way in another work by Adorno. "As truly non-identical, the object is the further removed from the subject, the more the subject constitutes the object" (ADORNO, 1995a, p 196). Subject and objects are not opposed, they are not identical, subject and object are constitutive, they are non-identical. (ADORNO, 1995a).

Keywords: Suffering. Dissimilar Humanism. Education. Critical Theory.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| INTRODUÇÃO | 11 |
| CAPÍTULO 1. A FORMAÇÃO DO SER | 16 |
| 1.1 Processos de apropriação e formação do Ser | 16 |
| 1.2 Incompreensão duplo cego | 25 |
| 1.3 Totalitarismo cultural | 29 |
| CAPÍTULO 2. OS PROCESSOS DE VIOLÊNCIA E OPRESSÃO SOBRE A INDIVIDUALIDADE | 42 |
| 2.1 Preconceito, autoritarismo e violência frente e verso: a frente | 43 |
| 2.1.1 Dados emblemáticos para a análise do objeto | 45 |
| 2.1.2 Exposição, análise e discussão dos dados emblemáticos para a análise do objeto | 46 |
| 2.1.2.1 Exposição do conjunto dos dados emblemáticos | 46 |
| 2.1.2.2 Dados sociodemográficos | 46 |
| 2.2 Preconceito, autoritarismo e violência frente e verso: o verso | 49 |
| 2.3 Agruras advindas da relação do indivíduo com a sociedade | 60 |
| 2.4 Não Ser, eis a questão | 66 |
| CAPÍTULO 3. EDUCAÇÃO E HUMANISMO DESSEMELHANTE | 78 |
| 3.1 Insuficiências de uma realidade para as realidades | 80 |
| 3.2 Humanismo dessemelhante: contextualização e apontamentos teóricos | 88 |
| 3.3 Do Ser para a formação | 107 |
| 3.4 A praxis como (im) possibilidades para a educação humanista | 108 |
| CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES | 114 |
| REFERÊNCIAS | 117 |
| APÊNDICE | 124 |

INTRODUÇÃO

O transcurso do tempo não significa necessariamente progresso civilizatório² no efetivo sentido da palavra. Em que pese os muitos inventos, descobertas de todas as matizes, reflexões e inúmeras tentativas de postular parâmetros de uma boa convivência do ser humano com a natureza e do ser humano com os seus iguais, os séculos que se escoaram nos trouxe a este estado de percepção e acontecimentos assombrosos, a barbárie, esta “(...) é algo muito simples, ou seja, que, estando na civilização do mais alto desenvolvimento tecnológico, as pessoas se encontrem atrasadas de um modo peculiarmente disforme em relação a sua própria civilização – (...)” (ADORNO, 2003b, p. 155). Este teórico acrescenta que esta condição não se dá exatamente por que as pessoas vivenciam uma ausência de experiências em condições efetivamente civilizatórias, mas porque as pessoas encontram-se “(...) tomadas por uma agressividade primitiva, um ódio primitivo ou, na terminologia culta, um impulso de destruição, que contribui para aumentar ainda mais o perigo de que toda essa civilização venha a explodir, aliás uma tendência imanente que a caracteriza (ADORNO, 2003b, p. 155).

Este entendimento, componente base deste nosso estudo, apresenta uma visão que identifica um cenário de sucessão de ocorrências assombrosas como o ponto mais alto de uma construção em busca da desmitologização do conhecimento e da natureza, o que terminou mitificando esse mesmo conhecimento na medida em que a promessa de esforço pelo progresso e pelo domínio da natureza se detivessem em parâmetros que sustentassem interesses e práticas de dominação, de algumas pessoas sobre outras (ADORNO; HORKHEIMER, 1985).

Uma vez instalada e mantida, essa condição de subordinação de algumas pessoas sobre outras tende a engendrar sofrimentos de várias ordens nas pessoas de um modo geral, e, considerando que estes sofrimentos originam de práticas e interesses de dominação nas relações sociais, sua natureza e seus efeitos não se encontram apartados da esfera política, econômica e da educação, pois emergem e se desenvolvem no âmbito cultural (ADORNO, 2003a).

² Freud despreza a diferença entre cultura e civilização. Para ele, “a cultura humana é tudo com que a vida se tem elevado acima dos animais e com que se distingue da vida dos animais; (...) abrange, de um lado, todo o saber e o poder que o homem conquistou, para dominar as forças da natureza e aproveitar-lhe os dons para satisfação das necessidades humanas; e, por outro lado, todas as normas necessárias para regular as relações dos homens entre si e, particularmente, a repartição dos dons acessíveis” (FREUD, 1905a, p. 8).

Este cenário de sofrimentos que, como veremos aqui em nosso estudo, no decorrer do tempo tem se mostrado mais acirrado, é descrito por Safatle e Dunker (2022), como gestão do sofrimento psíquico pelo neoliberalismo. E pelo viés da cultura da normatização sedimentada pelos pensamentos e representações, com origem no fechamento do universo da locução e no fechamento do universo político que culminam com o pensamento positivo, Marcuse (1969) o caracteriza como seres cuja vivência é unidimensional, o homem unidimensional ou sociedade unidimensional. Tanto uma como outra denominação, assim como outras de caráter mais atual, visam tornar de modo mais perceptível, a real e efetiva condição da sociedade atual, mas que encontra em Adorno e Horkheimer (1985) a sua maior expressão quando eles centram as suas análises na cultura e desenvolvem a ideia de indústria cultural como expressão da forma que a cultura assume hodiernamente, e que se dinamiza por meio e pela subssunção do indivíduo à realidade em dinâmica com a semiformação³ (ADORNO, 2003a).

Assim, a metodologia que norteia este estudo tem como um dos principais pilares a ideia de que o totalitarismo cultural denunciado pelos idealizadores da indústria cultural é apontado como forte protagonista de um processo de regressão psíquica, sustentado pelo fenomenalismo (ADORNO, 1995a), efeito positivo de uma manipulação dos instintos por meio da cultura administrada - especialmente pela grande mídia - a se valer da supervalorização da técnica no nível de desenvolvimento a que chegou, digamos, pseudosolidária aos sofrimentos que persistem ao se desdobrar nas pessoas.

É neste sentido que no desenvolvimento deste estudo, vários dos diversos tipos de sofrimento serão elencados e sob certos ângulos analisados. A análise da violência como a compreende (COSTA, 1986) ganha relevo no decurso de nossos apontamentos, e, por meio de dados emblemáticos extraídos principalmente do canal Globo.com, é possível, perceber a discriminação e a violência perpetrada por este meio de divulgação dos fatos, dissimuladas por processos que supostamente buscam igualdade e justiça social. Por meio de uma análise de personalidades clássicas de violência (ADORNO, 2019), é identificado o contexto a que se prende parte significativa do sofrimento que vem sujeitando as pessoas das mais diferentes formas, assim como é iluminada parte significativa da manipulação dos fatos apresentados pela grande mídia no que concerne a crenças e valores na direção dos interesses desta por meio do que denominamos o verso dos fatos, ítem que compõe o segundo capítulo deste estudo.

³ A semiformação“(…) é o espírito conquistado pelo caráter de fetiche da mercadoria” (ADORNO, 2005, p. 11-13).

Especificamente em relação à educação, as nossas discussões tem como forte referência a educação na dinâmica do trabalho, Manacorda (2007), assim como a educação na dinâmica da cultura, Gramsci (1991). Estas duas concepções de educação são apontadas e impulsionam (im)possibilidades de constituição da categoria humanismo dessemelhante. O humanismo é apresentado e suas vertentes científica, religiosa e ética filosófica são apontadas como as que mais figuram por suas contribuições históricas (REALE, 2004).

Com esses referenciais, surgem no horizonte um conjunto de (im)possibilidades de construção do humanismo dessemelhante, que pretende se sustentar na teoria crítica da sociedade, propondo uma educação para a contradição ao existente (ADORNO, 2003a). Dessa maneira, o humanismo dessemelhante se determina pela secularização, determinação que ganha relevo na medida que ao tempo em que visa amenizar sofrimentos alheios, pretende não se confundir com práticas religiosas, pois o olhar fraterno é ideia comumente ligada a concepções religiosas. O humanismo dessemelhante pretende emergir de uma elaboração em que as pessoas ocupam lugar central, procurando, assim, inverter a relação atualmente estabelecida com o mundo dos objetos, as mercadorias, os produtos. Nesta dinâmica, tendo o ser humano como elemento central, pretendemos atenção especial àquelas pessoas que sofrem, e entre essas, as que se sabe que mais sofrem.

Para a análise que se segue, muito embora tangencie e aponte elementos que são do âmbito da psicologia, nos propomos a uma análise de conteúdo, ou seja, a análise dos próprios fenômenos, em que “(...) seria possível inferir mais ou menos o significado das consequências dos fenômenos para as pessoas, mesmo que este efeito não possa ser registrado” (ADORNO, 2003c, p. 88, grifo do autor). Desse modo, buscamos compreender a inserção dos fenômenos de base sociológica, pedagógica e filosófica que orbitam no contexto da educação e da formação cultural, como os fenômenos da ideologia, da racionalidade administrada, do capitalismo tardio, e outros fenômenos do contexto das relações sociais, como por exemplo, o sofrimento e a violência, entendidos como componentes importantes para o contexto da educação e da formação cultural, e não como elementos centrais a terem suas compreensões e consequências esgotadas, o que remeteria a uma especificidade diversa deste estudo.

Sugerir uma categoria como o humanismo dessemelhante implica para além dos contornos do âmbito da cultura e da educação que a constitui, implica também trazer referências ao contexto que possa justificar minimamente os objetivos a que se propõe tal categoria. Por isso, este estudo parte de considerações acerca da formação do Ser, tendo como principal referência as relações sociais, pois estando em relação é que as pessoas por meio da

exteriorização da consciência obtém a consciência em si e para si, o que se constitui elemento base da consciência do Ser, Hegel (1992). Nesta dinâmica, buscando centrar as discussões nos sofrimentos do Ser é que se desenvolve o primeiro capítulo deste estudo, especificamente o primeiro item, os processos de formação do Ser. O segundo item denominamos incompreensão duplo cego, e procura organizar fatos do âmbito do sofrimento das pessoas, e ações que se fizeram destaque por serem mediadas ou oriundas de sofrimentos de algumas das variadas esferas das relações sociais, tendo também como relevo a condição de que o sofrimento alheio geralmente é insignificante para as pessoas, corroborando a ideia de que a relação entre as pessoas não se funda no encanto e na atração, senão na perseguição do interesse próprio, (ADORNO, 1995b). No terceiro item procuramos destacar o totalitarismo cultural materializado nas condições objetivas e subjetivas de vida das pessoas, condição em que a unidade evidente do macrocosmo e do microcosmo demonstra para os homens o modelo de sua cultura: a falsa identidade do universal e do particular (ADORNO; HORKHEIMER, 1985). Esta inadequação entre o universal e o particular leva as pessoas a um desencontro consigo mesmas ao tempo que a mercadorização da cultura é apresentada a elas como guia e meio cultural estruturando sofrimentos de variadas formas, sendo estes objeto do segundo capítulo.

O segundo capítulo procura argumentar acerca dos processos de violência e opressão sobre a individualidade, para tanto procura identificar de modo mais aparente e com base em dados emblemáticos de um canal de televisão aberta, quem são essas vítimas e como se dá os processos de violência sobre elas. Neste sentido, o primeiro item, preconceito, autoritarismo e violência frente e verso, a frente, procura categorizar a partir destes dados apanhados por meio da mídia televisiva, quais os tipos de violência perpetrada, quem são seus autores e quem são suas vítimas. Por sua vez o segundo item apresenta uma reflexão sobre estes mesmos dados que foram veiculados pela mídia em questão, reflexão que se pretende a partir dos conceitos concretos, de violência Costa (1986), e de conceitos cognitivos Marcuse (1969), este item denominamos de violência frente e verso, o verso. O terceiro item se apresenta por agruras advindas da relação do indivíduo com a sociedade, e se estrutura com base na relação sujeito e objeto como concebida por Adorno (1995a). Nesta dinâmica, é possível perceber que no mundo de relações a pressão do geral dominante sobre tudo que é particular, têm uma tendência a destroçar o particular juntamente com seu potencial de resistência Adorno (2003e). Em seus desdobramentos, neste item identifica-se a necessidade de entender o universo subjetivo atravessado pela racionalidade administrada, para a compreensão do

universo objetivo das relações sociais por meio das quais as pessoas acessam a realidade Adorno e Horkheimer (1985). O quarto item, não Ser, eis a questão, pretende indicar a inexistência efetiva do Ser, a partir da organização econômica a qual obriga muitas pessoas a viverem em situação de dependência e, por isso conseguem sobreviver apenas na medida em que abdicam seu próprio eu, Adorno, (2003g) e o hábito mental de, em vez de refletir objetivamente sobre a verdade e a falsidade da coisa mesma, deixa a decisão à época enquanto tal, Adorno, (1995d). Em seus desdobramentos, este item procura demonstrar que a imposição de processos de regressão sobre as pessoas advindos da indústria cultural sob o domínio da racionalidade administrada, leva à fixação de um instinto regressivo através de uma repressão sempre mais forte (ADORNO, 1985), cristalizada de modo mais determinante em personalidades específicas, Adorno (2019).

O terceiro capítulo procura se projetar a partir da justificativa apontada nos capítulos anteriores, ou seja, de uma realidade cuja estrutura e nexos se constituem de uma violência generalizada sobre cada indivíduo quando se considera a racionalidade administrada e a prevalência da técnica, assim como a mercadorização cada vez mais ampliada dos elementos que constituem a vida de relações. É neste sentido que se pode falar de uma claustrofobia da humanidade dentro do mundo administrado, de uma sensação de fechamento dentro de uma rede de malha espessa, tramada de ponta a ponta pela socialização, de modo que essa condição reforça a fúria contra a civilização, as pessoas violenta e irracionalmente, protesta-se contra ela, e, com efeito, tende a se estranharem o que aguça conflitos e desentendimentos nas relações sociais. (FREUD, 2011 apud ADORNO, 1995b), e por isso pode-se afirmar que a civilização engendra por si mesmo o anticivilizatório e o reforça progressivamente, e, com efeito, e anticivilizatório tende a se naturalizar (ADORNO, 1995b). Em seus desdobramentos, este capítulo procura apontar como aglutinador de alguns traços para a forma de ser do Ser, a categoria humanismo dessemelhante, a qual se pretende minorar os próprios sofrimentos e os sofrimentos alheios na dinâmica da vida de relações das pessoas tendo como horizonte uma educação para a dessemelhante emancipação das pessoas Adorno (2003a) e componentes oriundos das vertentes ética e filosófica do humanismo no contexto da Renascença, Reale (2004). Procura-se também, revitalizar a discussão acerca dos sofrimentos das pessoas naquilo que consideramos como sofrimento concreto, ou seja, mediado por diferentes aspectos da realidade que configuram um tipo de sofrimento que enseja uma luta por reconhecimento Honneth (2003), que reflita sobre a superação da invisibilidade e a naturalização do sofrimento.

CAPÍTULO 1 - A FORMAÇÃO DO SER

Este capítulo discute, teoricamente, processos de formação do Ser, suas relações humanas, observa alguns sofrimentos individuais, e tem por objeto a formação do Ser e suas relações no meio social. Por isso, a compreensão acerca da formação procura se lançar para além de uma ideia que se circunscreve no plano do indivíduo. O movimento de busca pela elucidação desse objeto encontra óbices se procurado por um entendimento linear, imediato, o que impõe inserções de mediações especialmente da cultura, da racionalidade e da educação para a devida apreciação. Nesse sentido, o capítulo encontra-se dividido em três itens, a saber: 1.1 Processos de apropriação e formação do Ser; 1.2 Incompreensão duplo cego; 1.3 Totalitarismo cultural.

1.1 Processos de apropriação e formação do Ser

Este item visa demonstrar os processos de formação da consciência e as relações sociais como esfera de formação do indivíduo, tendendo assim a construir uma referência que possibilite uma aproximação do sofrimento enquanto elemento presente na vida das pessoas.

Nessa linha de entendimento, este estudo possui como uma das principais referências os questionamentos que se propõem a “(...) descobrir porque a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova espécie de barbárie” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 11). As elucidações desses teóricos permitirão o entendimento das relações sociais atuais e, portanto, melhor compreensão acerca da formação do Ser. Nessa direção, buscamos também como referência o humanismo entendido como, “a tomada de consciência de uma missão tipicamente humana através das *humanae litterae* (concebidas como produtoras e aperfeiçoadoras da natureza humana), então ele coincide com a *renovatio* de que falamos, ou seja, com o renascimento do espírito do homem (...)” (REALE, 2004, p. 12, grifo do autor). A partir do entendimento de como se dá a formação do Ser é que pretendemos tecer a nossa categoria, o humanismo dessemelhante⁴, o qual pretende discernir as variadas vertentes que constituiu o Humanismo para se apropriar de alguns

⁴ Categoria em elaboração que pretende se constituir de elementos do humanismo e da educação crítica Adorniana.

elementos dessas vertentes, por meio dos quais e com componentes da teoria crítica, sobretudo Adorniana, propor elementos voltados para uma formação humana (ADORNO; HOKHEIMER, 1985, p. 11).

Assim, o desafio que surge quando se pretende tratar da formação, de um modo geral, é o de manter a tensão sujeito-objeto e não polarizar a discussão no objetivismo ou no subjetivismo. “Este não tange o realismo ingênuo enquanto conteúdo, mas sim trata pura e simplesmente de proporcionar critérios formais de sua validade.” Por outro lado o objetivismo se dá pelo ato de ignorar a subjetividade: “A subjetividade não-reduzida consegue atuar, (...) mais objetivamente que as reduções objetivistas” (ADORNO, 1995a, p. 190-193-194, grifo nosso).

E para situar a educação em nossa discussão, identificaremos as suas características e relações no meio social. Para isso, observamos que pensar a educação comumente nos remete a instituições que se estabelecem na sociedade com o fim precípua de promover a educação, como as escolas e as universidades. Essa forma de educação compõe com outras formas um quadro constituído por três versões institucionalmente diferentes de educação:

1 A educação informal, interpretação, interiorização e expressão do mundo que preexiste ao sujeito. 2 A educação formal. Liga-se diretamente ao Estado, e tem na escola sua principal referência. É oriundo dos problemas e necessidades do mundo produtivo. 3 A educação não formal. Educação que ocorre com referência direta a outras áreas como a política sanitária, a previdenciária (CURY, 1989, p. 104).

Na medida em que apresenta versões da educação institucionalizada, esse quadro nos fornece uma visão institucional geral da educação na sociedade atual, mas não lhe escapam outros processos educativos não institucionalizados, a educação informal, os quais se apresentam quando se considera que “a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais” (LDB, 1996, art. 1º).

Portanto, as relações sociais e culturais são referências para os processos formativos e são centrais para a educação. Os desdobramentos dessa concepção de educação não é objetivo deste capítulo, por isso, manteremos essa concepção de forma provisória, mas ressaltamos que os processos formativos por se desenvolvem nos variados lugares, naturalmente poderão traduzir interesses e objetivos diferentes, o que requer maior acuidade para uma concepção de educação e, portanto, de formação do Ser.

Sendo a formação da consciência⁵ elemento fundamental da formação do Ser, porque “corresponde literalmente à capacidade de fazer experiências” (ADORNO, 2003a, p. 151), são clássicos os posicionamentos de Hegel (1992) ao fazer referência ao trabalho como meio de formação da consciência do Ser. Ele destaca os momentos da consciência no transcurso do trabalho humano e, dessa forma, nos esclarece que:

A consciência aí é para ela mesma, mas não é o ser-para-si; porém encontra-se a si mesma por meio do trabalho. [...] O trabalho, ao contrário, é desejo refeito, um desvanecer contido, ou seja, o trabalho forma. A relação negativa para com o objeto torna-se a forma do mesmo e algo permanente, porque justamente o objeto tem independência para o trabalhador. Este meio termo negativo é, ao mesmo tempo, a singularidade, ou o puro ser-para-si da consciência, que agora no trabalho se transfere para fora de si no elemento do permanecer; a consciência trabalhadora, portanto, chega assim à intuição do ser independente, como [intuição] de si mesma. [...] no formar, o ser-para-si se torna para ele como o seu próprio, e assim chega à consciência de ser ele mesmo em si e para si. [...] assim, precisamente no trabalho, onde parecia ser apenas um sentido alheio, a consciência, mediante esse reencontrar-se de si por si mesma, vem-a-ser sentido próprio (HEGEL, 1992, p. 132-133, grifo do autor).

Hegel (1992) aponta que por meio da exteriorização da consciência no trabalho se obtém a consciência em si e para si, o que se constitui elemento base da consciência do Ser. O volume de obras que assentam suas produções naquilo que se refere à formação da consciência e, conseqüentemente, o papel do trabalho na formação do Ser, que faz alusão à esse postulado de Hegel (1992), não deixa dúvidas quanto ao vigor e assertividade desse pensador. Todavia, no sentido de buscar entre tantas perspectivas a que mais converge com os propósitos deste estudo, identificamos uma outra visão acerca da formação da consciência, a qual se coloca por meio de uma análise do momento em que se mostra consciente no Ser. Trata-se, pois, de uma análise que tem como objetivo a identificação do período em que se possa considerar o Ser como humano. Por esta visão, afirma-se:

Um acontecimento se produziu, e ele é de natureza psíquica. Nós o definimos como uma nova fissura no seio do imaginário humano entre um “alto” e um “baixo”, entre uma ordem da força divina personificada e dominadora e aquela de uma humanidade cotidiana cujo esforço interior na direção dessa perfeição que o transcende pode ser simbolizado pelos braços elevados daqueles que oram [*des orants*] (CAUVIN, 1994, p. 98 apud SCHWARTZ, 2011, p. 22, grifos do autor).

Considerando então esse fato, coloca-se a ideia de que “(...) é bem na revolução neolítica que se enraíza o estado presente da espécie humana, não somente no domínio da

⁵ Para Adorno, (2003a, p. 151) consciência é “o pensar em relação à realidade, ao conteúdo – a relação entre as formas e estruturas de pensamento do sujeito e aquilo que este não é”.

exploração do meio, como se acabou de sugerir, mas em sua própria cultura e em suas estruturas mentais” (CAUVIN, 1994, p. 13 apud SCHWARTZ, 2011, p. 23).

Contudo, uma análise mais precisa daquilo que se refere à formação do Ser nos remete à própria consciência como estrutura que sintetiza a capacidade do Ser, não se confundindo com algo autônomo em relação ao Ser. Essa visão estrutura uma concepção de formação centrada, sobretudo, nas relações de produção e elementos que dela derivam. Sua percepção é de que,

a produção de ideias, de representações e da consciência está em primeiro lugar direta e intimamente ligada à atividade material e ao comércio material dos homens; é a linguagem da vida real. As representações, o pensamento, o comércio intelectual dos homens surge aqui como emanção direta do seu comportamento material. (...) A consciência nunca pode ser mais que o ser consciente e o ser dos homens é o seu processo da vida real (...) (MARX; ENGELS, 1999, p. 20).

Conforme Marx e Engels (1999), sendo a atividade material a linguagem da vida real, ela se apresenta como preponderante para a formação da consciência. Nesses termos, a objetividade, o agir, são centrais para a ideia de formação. Essa visão se fará base para as concepções de educação que têm o trabalho como princípio educativo, como por exemplo, as obras de Gramsci (1991) e Manacorda (2007).

Contudo, como será discutido acerca de sujeito e objeto, pensar e agir, à priori, estão em igual influência um para o outro. Conforme Adorno (1995a, p. 205): “O pensar tem um duplo caráter: é imanentemente determinado e é estringente e obrigatório em si mesmo, mas, ao mesmo tempo, é um modo de comportamento irrecusavelmente real em meio à realidade”. E, nesse mesmo contexto, ele afirma que pensar é um agir!

Todavia, para a realidade que se apresentava a Marx e Engels (1999), os processos formativos da consciência se projetavam mais detidos nos limites do mundo material, o capitalismo à época, este entendido como “O capitalismo liberal (...) do maciço avanço da economia do capitalismo industrial em escala mundial, da ordem social que ele representou, das ideias e credos que pareciam legitimá-lo e ratificá-lo: na razão, na ciência, no progresso e no liberalismo”. (HOBSBAWM, 2018a, p. 22-23).

Como bem destaca este autor, um momento do sistema social e econômico de maciço avanço na economia em escala mundial e sua legitimação nas ideias, ciência e progresso, este, sobretudo, referente à transformação da natureza, produção de objetos e bens da esfera de consumo físico das pessoas, portanto, subordinando as relações sociais. É nesse sentido que se pode afirmar que “o caráter fetichista (...) converteu-se historicamente no prius daquilo que,

(...) ele seria o *posterius* (...)” (ADORNO, 1995a, p. 186), produzindo, assim, o sujeito transcendental ao qual se constitui por meio de “(...) relações que tem seu modelo na troca” (ADORNO, 1995a, p. 186). Esse teórico acrescenta que o sujeito transcendental é constitutivo, ou seja, é base para a formação do Ser, e Adorno (2005) qualifica tal formação hodierna daquilo que denomina de semiformação, esta, “(...) nada mais é que a cultura tomada pelo lado de sua apropriação subjetiva”.

Isso porque, a atividade material nem sempre exerce sobre as representações e pensamentos uma preponderância. Neste aspecto, Adorno (2003d) faz sua apreciação em termos da formação do Ser, e beneficiado pela posteridade em relação a Hegel (1992), a Marx e Engels (1999), e vivenciando processos sociais significativamente distintos daqueles em que se situavam esses seus colegas, segundo Leo Maar (2003d, p. 17), Adorno considera que

o trabalho forma” – este foi o mote estabelecido por Hegel na passagem famosa sobre “dominação e servidão” na obra citada, com que se estabeleceu a referência para a modernidade enquanto produção social apreendida num modelo de totalidade conjunta de base econômica e de estrutura política e cultural. Cultura e formação (cultural), educação e ética, subjetividade e consciência articulam-se ao plano do trabalho (grifos do autor).

A formação do Ser, de um modo geral, apresenta como central o plano do trabalho e, por isso, cultura, educação, ética e demais componentes das relações humanas estariam subordinadas ao trabalho ao qual se articularia com a política e a cultura em termos de totalidade conjunta.

Ainda segundo sua análise, mas agora reportando a Marx e Engels (1999), Leo Maar (2003d) coteja as concepções desses pensadores em relação a Hegel (1992), expondo acerca da educação e formação na sociedade.

Marx pensa a na práxis da formação ainda inconclusa do presente. A realidade efetiva da história é uma formação pelo trabalho, eis a revolução copernicana de Marx. A partir dessa formação pelo trabalho seria possível doravante pensar no capitalismo como uma síntese socialmente formada. Mas muito cedo ficaria claro que, embora o trabalho fosse formador, o que se observava era a universalização da forma social do trabalho alienado. Deformador; a formação se desenvolveria como um déficit ético no capitalismo (LEO MAAR, 2003d p. 17).

Esse autor ressalta a importância do reconhecimento da universalização da forma social do trabalho alienado a bloquear as possibilidades de uma formação autônoma do Ser, o que o leva a um processo deformador eticamente deficiente. Por isso, “(...) Adorno centraria a sua atenção sobretudo na crise do modelo de articulação entre trabalho e formação (...)” (LEO

MAAR, 2003d, p. 18). Não se contentando com a contradição característica do desenvolvimento do sistema capitalista,

(...) Adorno questiona a continuidade da contradição produtiva engendrada pelo conflito entre o desenvolvimento das forças produtivas e o desenvolvimento das relações de produção no “capitalismo tardio” – (...). Está questionando a formação a partir de uma determinada forma social assumida pelo trabalho. Forma social que no capitalismo tardio se caracteriza pela conversão progressiva de ciência e tecnologia em forças produtivas. (...) O poder das relações sociais é decisivo, sofrendo ainda os efeitos das pulsões instintivas (...) (LEO MAAR, 2003d, p. 19).

Portanto, Adorno (2003d) considera, assim como Marx e Engels (1999), a inflexão que as relações sociais objetivas estabelece na formação do Ser, embora leve também em consideração os efeitos das pulsões instintivas. Ele ressalta ainda que a conversão da técnica em força produtiva leva a um processo deformativo da consciência, fato que tende a ser cada vez mais presente no decurso da história em razão do crescente desenvolvimento tecnológico acompanhado da supervalorização desta mesma tecnologia nas relações humanas. Esse nível e supervalorização do desenvolvimento tecnológico, alinhados a uma frágil formação sociocultural, traduzem os motivos que conduzem à barbárie, cuja ideia reafirmamos como aquilo que

(...) é algo muito simples, ou seja, que, estando na civilização do mais alto desenvolvimento tecnológico, as pessoas se encontrem atrasadas de um modo peculiarmente disforme em relação a sua própria civilização – e não apenas por não terem em sua arrasadora maioria experimentado a formação nos termos correspondentes ao conceito de civilização, mas também por se encontrarem tomadas por uma agressividade primitiva, um ódio primitivo ou, na terminologia culta, um impulso de destruição, que contribui para aumentar ainda mais o perigo de que toda essa civilização venha a explodir, aliás uma tendência imanente que a caracteriza (ADORNO, 2003b, p. 155).

A essa condição denominada barbárie constituída de elevado estado tecnológico associado a uma agressividade primitiva, se soma o fato de que os mecanismos ideológicos que sustentam a cultura no capitalismo tardio, expressados por meio da indústria cultural, apoiam-se também, em grande medida, nas pulsões instintuais do Ser, conferindo possibilidades de capitulação e integração das pessoas às formas sociais em curso (ADORNO; HORKHEIMER, 1985). Por isso, pode-se afirmar que as concepções de Adorno (1995b) se

sustentam em uma visão multívoca⁶ dos fatos, fenômenos e processos, isso porque, tratando sobre sujeito e objeto, ele enfatiza:

A reflexão – denominada ‘*intentio obliqua*’ na terminologia filosófica – consiste então em voltar a referir esse conceito multívoco de objeto ao não menos multívoco de sujeito. Uma segunda reflexão reflete aquela e define melhor o que ficou vago, em prol dos conteúdos de sujeito e objeto (ADORNO, 1995a, p. 182, grifos do autor).

Neste estudo, a perspectiva multívoca aponta a direção para a concepção de fenômenos de grande importância para o entendimento das relações humanas, como o sofrimento⁷ e a ideologia. O sofrimento como um dos componentes centrais é entendido não apenas pela perspectiva sociológica, mas também considera aspectos de base psicológica, e não será apenas observado como fenômeno social recorrente no plano objetivo, mas também no subjetivo. O sofrimento pode ser entendido como uma situação “(...) em que o sujeito desenvolve mecanismos de defesa psíquicos para lidar com frustrações; forma sintomas que encobrem inconscientemente o real sentido dos problemas; (...)” (ZANOLLA; SILVA C.; SILVA A, 2021a, p. 167).

Ainda pela perspectiva multívoca, “a ideologia não se reduz a um sistema de ideias ou representações culturais, não é característica de tal ou qual modalidade de consciência social, mas é um processo responsável pela própria formação da consciência social” (ADORNO, 1986, p. 11). Para esse pensador, a ideologia

é, antes de mais nada, um processo complexo, articulado em muitos níveis, dos quais as ideias e as representações são apenas as formas mais acabadas e, portanto, mais diretamente acessíveis à experiência cotidiana. A ideologia é ideologia, ou seja, aparência socialmente necessária, precisamente porque a consciência que produz nos integrantes da sociedade se atém à sua forma já acabada – a única que aparece. Essa forma acabada é produto de um processo complexo, mas não aparece como produto e sim como dado original, e, no limite, natural (ADORNO, 1986, p. 11).

Quanto à ideia de pulsões instintivas⁸, Freud (1920b) estabelece que “desde o princípio nossa concepção era dualista, e hoje é mais claramente dualista do que antes, desde

⁶ A visão multívoca nos permite pensar estudos e concepções em que a relação sujeito e objeto se estabelece de modo inesgotável no que se refere à tensão dialética entre estes em objetos sucessivos de análise (ADORNO, 1995a).

⁷ No sofrimento como efeito da racionalidade processual “(...) há predomínio de dor orgânica e sensação de mal-estar constante, normalmente o indivíduo abandona o interesse pelas coisas do mundo exterior, fica alheio à realidade ou busca meios para sair desta situação” (TERRA, 2021a, p. 131).

⁸ Pulsões instintivas pode ser compreendido como “Processo dinâmico (...) pressão ou força (carga energética, fator de motricidade) que faz o organismo tender para um objetivo. (...) a sua fonte numa excitação corporal e

que não mais denominamos os opostos instintos do Eu e os instintos sexuais, mas instintos de vida e de morte” (FREUD, 1920b, p. 163). Os termos que compõem esse dualismo pulsional⁹ remete à mitologia Grega¹⁰ da antiguidade; por isso apresentam relevante importância para a cultura e, portanto, para a formação do povo grego da antiguidade. Eros, “filho de Vênus, o deus do amor” e Tanato, “personificação da morte” (AURÉLIO, 1986, p. 678; 1646).

No desdobramento dessas pulsões instintivas e sob a luz dos componentes interiores do Ser, Freud (2017) apresenta a sua concepção acerca do estado em que se encontram a civilização, a cultura. Por meio de um caminho indutivo, ele expõe a questão e se propõe a responder:

de que meio se serve a cultura para refrear a agressão que a ela se opõe, para neutralizá-la, talvez eliminá-la? Já tomamos conhecimento de alguns desses métodos, mas não daquele que é aparentemente o mais importante. Podemos estudá-lo na história do desenvolvimento do indivíduo. (...) A agressão é introjetada, interiorizada, na verdade mandada de volta à sua origem, ou seja, dirigida contra o próprio eu. Ali ela é assumida por uma parcela do eu que se opõe ao restante na condição de supereu, e que então, como “consciência moral”, exerce sobre o eu a mesma agressão severa que este teria gostado de satisfazer à custa de outros indivíduos. Chamamos de consciência de culpa a tensão entre o supereu severo e o eu submetido a ela; ela se exprime como necessidade de punição. Assim a cultura domina a perigosa agressividade do indivíduo ao enfraquecê-lo, desarmá-lo e vigiá-lo através de uma instância em seu interior (...) (FREUD, 2017, p. 145).

Ao tempo que demonstra a relação entre as instâncias interiores ao Ser, esta visão da civilização, da cultura, elucida a importância da manipulação destas instâncias para o controle, a manipulação mesma das pessoas, o que contribui de modo profundo a este estado da sociedade, e, com efeito, um represamento da fúria das pessoas, o que parece traduzir uma espécie de provocação ao desejo de expressividade, de manifestação do instinto de morte, advindo daquilo que

Pode-se falar de uma claustrofobia da humanidade dentro do mundo administrado, de uma sensação de fechamento dentro de uma rede de malha espessa, tramada de ponta a ponta pela socialização. Quanto mais espessa é a rede, tanto mais se anseia sair dela, porquanto é precisamente a sua espessura que impede qualquer evasão. Isso reforça a fúria contra a civilização. Violenta e irracionalmente, protesta-se contra ela. (FREUD, 2011 apud ADORNO, 1995b, p. 107).

(estado de tensão); e o seu objetivo ou meta é suprir o estado de tensão que reina na fonte pulsional; é no objeto ou graças a ele que a pulsão pode atingir a sua meta”. (LAPLANCHE; PONTALIS, 1991, p. 394).

⁹ Tanatos é “Termo grego (a Morte) às vezes utilizado para designar as pulsões de morte, por simetria com o termo “Eros”; o seu emprego sublinha o caráter radical do dualismo pulsional conferindo-lhe um significado quase mítico.” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1991, p. 501, grifo das autoras).

¹⁰ História fabulosa dos deuses, semideuses e heróis da antiguidade greco-romana (AURÉLIO, 1986).

Esse cenário das relações humanas comparado a uma malha espessa demonstra que “a pressão social perdura (...) Ela impele as pessoas ao inenarrável que, em escala histórico-universal, culminou em Auschwitz”. E (Adorno, 1995b) conclui afirmando que, “a civilização engendra por si mesmo o anticivilizatório e o reforça progressivamente. Se a barbárie está no próprio princípio da civilização, então a luta contra esta tem algo de desesperador” (ADORNO, 1995b, p 104-105). Portanto, podemos afirmar que esse cenário urge ações contra esta desumanização em curso e em elaboração, e em específico

(...) quando observamos as concepções educacionais vigentes, (...) como aquela pela qual as pessoas devam assumir compromissos, ou que tenham que se adaptar ao sistema dominante, ou que devam se orientar conforme valores obviamente válidos e dogmaticamente impostos” (ADORNO, 2003e, p. 136).

Entretanto, há uma tensão que tende ao oposto desse cenário que parece alimentar nas pessoas o instinto de morte - Tanatos. Ressaltamos a identificação e a importância do instinto de vida - Eros. “Segundo nossa especulação, esse Eros atua desde o começo da vida e surge como ‘instinto de vida’, ‘oposto ao instinto de morte’, que se originou pela animação do inorgânico” (FREUD, 1920b, p. 177). Então, é fulcral assinalar que sobre a base desta oposição dos instintos, no decurso da história humana, os homens apresentam uma ambivalência (ZANOLLA, 2015). Pois, sendo a contradição própria da existência humana, marcará, por conseguinte, a relação do indivíduo com a cultura/civilização, também com atitudes salutares do ponto de vista das relações humanas, com referência a Eros, ainda que a cultura/civilização se desdobre sobre as pessoas, introjetando-lhes as suas próprias agressividades (FREUD, 2017).

O fenômeno da ambivalência remonta à existência do paradoxo

(...) de um instinto de morte, cuja missão é fazer retornar tudo quanto é orgânico e animado ao estado inanimado, em contraposição ao Eros, cujo fim é complicar a vida e conservá-la assim, por meio de uma síntese cada vez mais ampla da substância viva, dividida em partículas” (FREUD, 1920c, p. 212).

Essa característica encontra circunstância quando se desdobra e se apresenta de maneira substancialmente mais profunda. Num contexto histórico polarizado, das proibições totêmicas e de busca por prazeres, o enfoque recai sobre o fato de que

(...) proibição e impulso continuaram ambos a existir; o impulso, porque somente fôra recalçado, mas não suprimido, e a proibição, porque com a sua cessação o impulso teria chegado à consciência e imposto a realização. Deste modo criou-se

uma situação sem solução, uma fixação psíquica, (...) O caráter principal da constelação psicológica assim fixada reside naquilo que poderíamos chamar a atitude ambivalente (...) (FREUD, 1920d, p. 83).

Portanto, a ambivalência é característica no Ser humano e, por conseguinte, a atitude ambivalente far-se-á presente no Ser aparecendo por meio de contradições a ressoarem no decurso de sua formação, de sua história.

A partir desse panorama acerca da formação, acreditamos que seja possível uma aproximação de alguns problemas que constituem o quadro da realidade vivenciada no âmbito da reprodução da vida como o sofrimento, a violência, e, a partir dessa aproximação, entender os processos que constituem tais problemas, tentando propor posições que os amenizem, com a pretensão de constituir a categoria do humanismo dessemelhante.

Por isso, importa-nos entender o sofrimento que acomete as pessoas, como ele se estrutura e como se desdobra sobre elas. Para tanto, como ponto de partida, procuramos observar como o sofrimento apresenta as suas consequências de modo mais aparente nas pessoas.

1.2 Incompreensão duplo-cego

A expressão duplo-cego se refere a um método largamente utilizado nas diferentes áreas que compõe a saúde, e aqui nos referimos especificamente aos trabalhos de Williams e Branch (1998), quando da utilização desse método indicando que ele se estabelece na medida em que examinador, examinado e variáveis são parcialmente ocultados procurando impedir a manifestação do agir humano que não parte do fenômeno que se deseja investigar. Neste estudo, a expressão duplo-cego será tomada de empréstimo para demonstrar que não raro, as pessoas não se condoem com o sofrer alheio, ou minoram a dor alheia na medida em que parece supervalorizar o próprio sofrer em constante comparação com o outro.

Este item visa identificar como se apresentam os tipos de sofrimento mais aparentes, e apontar que no indivíduo que sofre a percepção do sofrimento alheio tende a ser reduzida, ou seja, que a dor em si e em seus eleitos se faz mais aguda que em outros seres humanos independente do caso. Assim, procura-se possibilitar um nexos com a concepção de cultura sob as determinações da indústria cultural. As determinações da indústria cultural sobre as relações sociais e suas consequências na educação e na formação de modo geral, serão tangenciadas, pois se colocam como prioridade para o próximo item.

Sendo assim, questionamos que tipo de realidade vivenciada por uma pessoa, pode implicar em determinado sofrimento ao ponto de o noticiário apresentar, como algo até banal, a seguinte manchete, devidamente seguida da reportagem na íntegra, dando conta de que “Estudante brasileira vende virgindade a japonês por 780.000 dólares” (GRUPO GLOBO, 2012). Parece que esse é um exemplo típico de que para a indústria cultural¹¹, “sua ideologia é o negócio. (...) o poder da indústria cultural provém de sua identificação com a necessidade produzida não da simples oposição a ela, mesmo que se tratasse de uma oposição entre a onipotência e a impotência” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 113). Entendemos a indústria cultural como dispositivo de conexão circular entre mundo objetivo e subjetivo, sujeito e objeto, em via de mão dupla, atribuindo uma direção que realimenta e aprofunda o existente.

Assim, a realidade da estudante, seja por necessidade financeira, seja por se conduzir a partir de princípios que tem a venda do corpo como algo indiferente ou por ambos os motivos, apresenta uma formação em termos objetivos e subjetivos que se revela pela ideologia do negócio da indústria cultural. Nessa dinâmica, os juízos de valor são “percebidos ou como publicidade ou como conversa fiada. A ideologia assim reduzida a um discurso vago e descompromissado nem por isso se torna mais transparente e, nem tampouco, mais fraca. Justamente sua vagueza (...) funciona como instrumento de dominação” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 113).

Iremos observar exemplos de sofrimentos da realidade das relações sociais com intuito de melhor entender seus nexos com o meio societal. Não somos acometidos pela intenção de identificar, elencar e analisar todos ou grande parte desses sofrimentos, tampouco nos reconhecemos com tais condições de fazê-lo. O nosso escopo nos leva na direção de identificar e analisar alguns desses sofrimentos e, assim, tê-los como meio de compreensão das estruturas e processos que os sustentam, a fim de que possamos construir uma ideia clara sobre eles.

A falta de empatia com as dificuldades e sofrimentos alheios, em nossos termos de incompreensão duplo cego, se estrutura na medida em que a sociedade, em sua atual estrutura – e, provavelmente, há milênios – “não se funda, como se afirma ideologicamente desde Aristóteles, no encanto e na atração, senão na perseguição do interesse próprio, em detrimento

¹¹ Para Adorno, a indústria cultural corresponde à continuidade histórica de condições sociais objetivas que formam a antecâmara de Auschwitz, a racionalidade da linha de produção industrial – seja fordista, seja flexível – do terror e da morte (LEO MAAR, 2003d, p. 22).

do interesse dos demais” (ADORNO, 1995b, p 119). E ele avança nesta mesma direção apontando o efeito desta condição das relações sociais:

isto se sedimentou no caráter das pessoas até o mais íntimo. Aquilo que o contradiz, o impulso gregário da chamada ‘lonely crowd’, a multidão solidária, é uma reação, um amontoar-se de gente fria que não suporta sua própria frieza, mas tampouco pode modificá-la (ADORNO, 1995b, p. 120).

Por isso, um olhar panorâmico sobre a atual condição de sofrimento dos indivíduos parece nos mostrar que, no universo do sofrimento, alguns não compreendem a existência do sofrer alheio. A angústia tornada efeito a partir dessa falta de percepção duplo cego, leva a uma banalização e indiferença do sofrimento alheio. Atualmente, e como exemplo de dimensões globais, a sociedade vivencia um momento em que se destaca a pandemia do coronavírus (Covid-19), hoje em sua fase denominada pelos cientistas de Ômicron.

A COVID-19 é uma doença infecciosa causada pelo coronavírus SARS-CoV-2 e tem como principais sintomas febre, cansaço e tosse seca. Outros sintomas menos comuns e que podem afetar alguns pacientes são: perda de paladar ou olfato, congestão nasal, conjuntivite, dor de garganta, dor de cabeça, dores nos músculos ou juntas, diferentes tipos de erupção cutânea, náusea ou vômito, diarreia, calafrios ou tonturas (OPAS, 2020, SP).

O coronavírus tornou-se conhecido em 7 de janeiro de 2020, na China, quando autoridades daquele país informaram à Organização Mundial de Saúde (OMS) que haviam identificado um novo tipo de coronavírus (OPAS, 2020), porém, Conforme a Agência Brasil ebc, este vírus fez as suas primeiras vítimas no Brasil no início de 2020, especificamente em 12 de Março, na cidade de São Paulo. Segundo o Ministério da Saúde, atualmente, o Brasil conta com mais de 678.500 mortes por coronavírus, e o planeta com mais de 6.400.000, conforme informações da Organização Mundial da saúde.

Refletimos sobre o inumerável sofrimento de pessoas ligados diretamente ou indiretamente com o acometimento dessa pandemia, e sob uma condição em que, no geral, o que se presa é o interesse próprio de cada um (ADORNO, 1995b). Os efeitos desse sofrimento no desenvolvimento da vida dessas pessoas tende a se aprofundar uma vez que se sentem só.

Sob essa pandemia, tivemos várias limitações sociais em razão da intensificação dos cuidados com a higiene, e conseqüentemente, houve forte redução das formas de dispersão do estresse, da fadiga, da própria rotina, o que recai principalmente sobre a relação entre cônjuges e amigos, e com efeito, manifesta grande potencial de aprofundamento do sofrimento especialmente em torno da tolerância, da compreensão, da paciência,

características a serem maximizadas entre as pessoas. Desse modo, o Colégio Notarial do Brasil, constituído de tabeliães, afirma que houve o registro de mais de 77 mil divórcios consensuais no Brasil no ano de 2021, número que, para esse colégio notarial, apresenta uma forte elevação em relação a períodos anteriores (CARDIM, 2022).

Ainda como exemplo de sofrimentos foi possível identificar a existência de altos níveis de depressão e pensamentos suicidas em trabalhadores da área da saúde na América Latina durante a pandemia (OPAS, 2022). Então, no contexto das particularidades, podemos imaginar que houve inúmeros sofrimentos indigentes, porém, reais e dolorosos, que demonstra a fragilidade das relações sociais, da sociedade para com os seus integrantes, uma fragilidade construída “sob o monopólio privado da cultura” em que “a tirania deixa o corpo livre e vai direto à alma” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 110).

E também como exemplo da limitação das relações sociais impostas pela pandemia do coronavírus, citamos o chamado languishing:

Não é tristeza, não é cansaço, não é depressão... É mais um desânimo, uma desmotivação, a sensação de carregar um peso invisível e constante, um coração apertado, respiração difícil e uma alma vazia em um corpo que luta para se reencontrar, que há muito tempo não se vê, não se sente... É doído (MONTEIRO, 2022, s. p.).

Esse mal parece ser melhor caracterizado nas afirmações da “(...) psiquiatra, psicanalista e professora em psiquiatria Gilda Paoliello, ela explica por que o languishing não pode ser apontado como um transtorno mental e, portanto, não é uma doença.” (MONTEIRO, 2022, s.p.). Segundo Monteiro,

O termo languishing não constitui um transtorno mental. Ele foi proposto pelo sociólogo americano Corey Keyes e descrito pelo psicólogo organizacional Adam Grant em matéria no The New York Times. Descreve um estado emocional que, em sua essência, se define pelo vazio, sentimento de apatia e, ao mesmo tempo, de apreensão, surgido nestes tempos sombrios da COVID-19. Seria uma tentativa de nomear o sintoma de nossa atualidade, caracterizado pela inexistência de uma bússola que possa permitir previsões, deixando todos à deriva. Na ausência de respostas sobre o futuro, surge uma apatia, uma languidez emocional como defesa. O termo logo se disseminou pela identificação que as pessoas tiveram com o que estava sendo descrito. Poder nomear os próprios sentimentos e ver que, de certa forma, ele é universal, dá um certo alívio (MONTEIRO, 2022, s.p.).

Tratar a condição de sofrimento de um determinado mal por apenas sentimento, e percebendo que por ele ser universal traz certo alívio, é reduzir o fato ao nível do escamoteamento, da descaracterização, da frieza, pois acreditamos que

A frieza contemporânea com o sofrimento alheio é precedida pelo desinteresse em relação aos outros e desconhecimento que esses outros são possibilidades diversas de si mesmo; mais do que isso, o eu só se constitui pela identificação com pessoas importantes em nossa vida, quer por serem referências, às quais se tenta seguir, rerepresentando-as tais como parecem ser, quer por serem desejada, e quando o vínculo é rompido, tornam-se parte do eu (CROCHICK; ZANOLLA, 2021a, p. 15).

Reafirmamos que a existência do indivíduo se dá em meio a um coletivo constituído de pessoas voltadas ao próprio interesse, e a falta de identificação, a falta de conhecimento do outro como possibilidades de si mesmo é realidade a irromper sofrimentos nas pessoas. Por meio de uma explicitação das causas sociais desse quadro e por apontamentos para um horizonte que se pretende mais humano, temos que,

na sociedade capitalista, cuja ideia de progresso na perspectiva econômica está em voga, a degradação da teoria em detrimento de uma prática produtivista é enaltecida de modo convincente, desconsiderando a experiência e o conhecimento emancipatório. Na contramão dessa lógica, interrogar uma educação que emancipe requer pensar no seu sentido formativo ético e político, bem como, a formação de valores, em que a cultura, a música, a literatura e as artes possam constituir no universo do sujeito possibilidades de emancipação e desmistificação da práxis. Embora seja preciso reconhecer as objetificações sociais nas relações entre os sujeitos, é imprescindível compreender a força ideológica das representações e as identificações do mundo contemporâneo (TERRA, 2021a, p 133).

Por essa convicção, a afirmação e a reafirmação pelas pessoas em suas vidas cotidianas dos processos que compõem o sistema produtivo como finalidade, afastam os propósitos das próprias pessoas para segundo plano ou plano de vida nenhum. Desse modo, são deslocados em relação a si, circunstâncias que geram processos de angústia a se desdobrarem em sofrimentos, visto que como constataremos agora de modo mais específico, o meio em que se desdobram as relações sociais é a chave para o entendimento dos sofrimentos das pessoas.

1.3 Totalitarismo cultural

Este item busca manifestar as principais características das formas sociais hodiernas em que se desdobram as relações sociais, em suas expressões, sob o fenômeno da indústria cultural, cujos efeitos se fazem realidade nas esferas de formação como a educação e a cultura. Busca, ainda, expor a ideia de conhecimento como universo de produção de pensamentos e representações que, por sua vez, engendram comportamentos imobilizantes e reafirmatórios do *status quo*, por meio de uma dinâmica em que a busca pelo conhecimento e

domínio da natureza pelo homem levou a um estado de irrazão (ADORNO; HORKHEIMER, 1985).

Não desconhecemos a existência da enorme variedade de sofrimentos causados por acidentes e incidentes ocorridos no cotidiano das pessoas, mas sustentamos que estes tendem a levar a sofrimentos psíquicos, pois, se referindo a partir de Freud (2011), temos a afirmação de que ele “(...) sempre compreendeu o sofrimento psíquico sempre mediado socialmente, seja na primeira tópica ou na segunda; seja na primeira teoria das pulsões ou na última. Mesmo frente às pulsões da morte, a cultura, produto de Eros, pode interferir”. (CROCHICK; ZANOLLA, 2021a, p. 18).

Por outro lado, independentemente da origem dos sofrimentos humanos, a relação das pessoas na sociedade traz sofrimentos psíquicos, quando elas se veem meio para a reafirmação constante das relações sociais existentes em seu metabolismo na dinâmica da vida das pessoas (HORKHEIMER, 2015). Assim, acreditamos que a esfera de sofrimentos psíquicos é atingida independente da origem do sofrimento, seja físico ou mental, seja advindo de acidente ou incidente, o que tornam os sofrimentos psíquicos um tipo de esfera de conversão para os demais sofrimentos humanos. Em nosso estudo, observamos, ainda, nos aspectos de sofrimentos psíquicos produzidos pela dinâmica cotidiana, a seguinte característica:

Que haja uma racionalidade na produção material oferecida pela técnica e pela organização, é o esperado, que essa racionalidade, conforme indicam Marcuse (1982) e Habermas (1983), espraie-se para outras esferas da vida, retira dessas a possibilidade de cumprirem seus objetivos (CROCHICK; ZANOLLA, 2021a, p. 29-30).

Essa racionalidade oferecida pela técnica leva a situações que não apenas convergem para o sofrimento psíquico instalado sobre a população, em seu modo de reprodução da vida, mas se desdobram sobre outras esferas da vida, incapacitando o ser frente a seus objetivos. Ou seja, esses problemas levam, inevitavelmente, a um sofrimento psíquico, constatação que se torna mais robusta ao considerar que a própria reprodução da vida é marcada pela prática de uma cultura de dominação por meio da qual

a unidade evidente do macrocosmo e do microcosmo demonstra para os homens o modelo de sua cultura: a falsa identidade do universal e do particular. Sob o poder do monopólio, toda cultura de massas é idêntica, e seu esqueleto, a ossatura conceitual fabricada por aquele, começa a se delinear (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 100).

Nesse modelo de cultura, sob a falsa unidade entre macrocosmo e microcosmo, as pessoas se abstraem de si quando se lançam em um entendimento da realidade exclusivamente voltada ao macrocosmo, circunstância que projeta no conjunto das relações sociais uma homogeneização das pessoas capituladas pela supervalorização da técnica. E com relação a esse problema,

Não sabemos, de modo nenhum, com precisão, como o fetichismo da técnica se apodera da psicologia dos indivíduos, onde está o limiar entre uma relação racional com a técnica e aquela supervalorização que leva, por fim, a quem inventa um sistema de transporte para conduzir sem tropeços e com a maior rapidez possível as vítimas a Auschwitz, a esquecer qual é a sorte que as aguarda alí. O tipo propenso à fetichização da técnica está representado por pessoas que, dito de forma simples, são incapazes de amar. Esta afirmação não tem um sentido sentimental nem moralizante; apenas se limita a descrever a insuficiente relação libidinosa com outras pessoas. Trata-se de pessoas completamente frias, que devem negar mesmo em seu íntimo a possibilidade de amar e a rechaçam desde o princípio, ainda antes que se desenvolva seu amor por outras pessoas. É a capacidade de amar que, porventura, sobreviva nelas volta-se, invariavelmente, para os meios. Os tipos de caráter marcados pelo preconceito e pelo autoritarismo (...) fornecem numerosas evidências a respeito disso. Seu amor estava absorvido pelos objetos, pelas máquinas como tais. O que consterna em tudo isso – e consterna porque parece tão inútil combatê-lo – é que essa tentativa está acoplada à tendência global da civilização. Combate-lo equivale a opor-se ao espírito do mundo; (...) (ADORNO, 1995b, p 118-119).

Percebe-se a imensa dificuldade de combater a fetichização da técnica e com efeito a dificuldade de valorização das relações fundamentadas no amor, pois, se por um lado, como nos afirma este autor, combater os ditames da técnica significa se opor ao espírito do mundo cujo avanço civilizatório se centra na técnica, por outro lado, este mesmo avanço civilizatório calcado na técnica captura pensamentos e representações típicos de pessoas incapazes de amar.

Neste mesmo sentido, em razão da supervalorização da técnica, em Conferência na Faculdade de Educação (UFG), Zanolla (2008) nos orienta que Adorno e Horkheimer (1985) denunciam o “totalitarismo cultural que assola as relações sociais. O totalitarismo se materializa em definições práticas e políticas, no entanto, possui suas raízes em aspectos subjetivos, necessidades humanas, embora os homens não queiram admitir”. E, ainda nesta direção,

o que não se diz é que o terreno no qual a técnica conquista seu poder sobre a sociedade é o poder que os economicamente mais fortes exercem sobre a sociedade. A racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação. Ela é o caráter compulsivo da sociedade alienada de si mesma (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 100).

Nesse sentido, é importante lembrar que os processos tecnológicos não refrearam os seus avanços, são elementos de impulsão de si mesmos e, por isso, se encontram ainda mais desenvolvidos, pois atualmente dispõem de uma maior possibilidade de manipulação e dominação a partir do advento e massificação da internet, do aparelho celular e demais aparelhos e formas de videocomunicação. Neste sentido, pensamos nas grandes produções cinematográficas em nossos dias como instrumentos de destaque da técnica pois,

(...) o filme adentra o espectador entregue a ele para se identificar imediatamente à realidade. Atualmente, a atrofia da imaginação e da espontaneidade do consumidor cultural não precisa ser reduzida a mecanismos psicológicos. Os próprios produtos (...) paralisam essas capacidades em virtude de sua própria constituição objetiva (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 104).

Destarte, o aperfeiçoamento da técnica possibilitou a redução extremada da tensão entre a obra produzida e a vida cotidiana, reproduzindo infinitamente a obra por meio dos instrumentos tecnológicos a instaurar uma cultura em que aquela orienta a vida cotidiana (ADORNO; HORKHEIMER, 1985). Assim, divertir significa estar de acordo, “(...) esquecer o sofrimento até mesmo onde ele é mostrado. (...) A liberação prometida pela diversão é a liberação do pensamento como negação. (...) sua missão específica é desacostumá-las da subjetividade” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 119).

A necessidade do prazer, do tempo livre das atividades do trabalho, é o meio pelo qual a indústria cultural capitula populações inteiras, ou seja, visa a cultura como a pedra angular que media o indivíduo com o coletivo e a distorce, a reduz à práxis de mercado, pois diversão é consumo, é mercado, “(...) a indústria cultural permanece a indústria da diversão. Seu controle sobre os consumidores é mediado pela diversão (...). A diversão é o prolongamento do trabalho sob o capitalismo tardio” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 112-113). Isso se justifica porque “a prática do processo técnico, como o próprio conteúdo da superfície da realidade, compõe uma unidade que caracteriza a própria produção e, em seu lazer, as pessoas devem se orientar por essa unidade” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 102-103).

Assim, não há caos cultural, pois a cultura contemporânea confere a tudo um ar de semelhança, “(...) e a variedade que se propaga em termos de seus produtos, “ (...) tem menos a ver com seu conteúdo do que com sua utilidade para a classificação, organização e computação estatística dos consumidores” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 99-101). Essas estratégias visam ao oferecimento daquilo que identificamos como uma cultura petrificada, cuja educação a ela alinhada se volta para a adaptação do existente (ADORNO, 2003a).

Essa dominação ao tempo que se estabelece na esfera societal, por meio desta se sustenta, o domínio nas relações possibilita a manutenção da dominação, a sua retroalimentação. Como a educação e a cultura são esferas de grande importância em termos de formação, em alusão a um fenômeno de deslocamento da raiva dos homens e à falência da cultura, temos a seguinte inferência: “a cultura, que conforme sua própria natureza promete tantas coisas, não cumpriu a sua promessa. (...) com o não cumprimento da situação pacífica a raiva se voltou contra a própria promessa ela mesma, expressando-se na forma fatal de que essa promessa não deveria existir.” (ADORNO, 2003b, p. 164). E em análise contextual do assunto, esse teórico conclui dizendo que:

Bem, na medida em que tais nexos, como o da falência da cultura, a perpetuação socialmente impositiva da barbárie e este mecanismo de deslocamento que há pouco descrevi são levados de um modo abrangente à consciência das pessoas, seguramente não se poderá sem mais nem menos mudar esta situação, porém será incomparavelmente mais favorável a uma transformação do que o clima vigente ainda hoje na educação alemã. Esta questão central para mim é decisiva; é a isto que me refiro com a função do esclarecimento, e de maneira nenhuma à conversão de todos os homens em seres inofensivos e passivos. Ao contrário: esta passividade inofensiva constitui ela própria, provavelmente, apenas uma forma da barbárie, na medida em que está pronta para contemplar o horror e se omitir no momento decisivo (ADORNO, 2003b, p. 164).

Portanto, a conscientização sobre a barbárie, a falência da cultura e o deslocamento do mecanismo da raiva das pessoas para a própria promessa de pacificação social, é sabido que não mudaria repentinamente a situação, porém traria um clima melhor em relação à educação, o que seria mais apropriado.

A característica contextualizada da exposição demonstra uma visão em que a educação e a cultura estão em relação dinâmica recíproca, no horizonte das relações sociais, mas que de modo específico, a educação que se encontra alinhada aos processos de falência da cultura, e portanto insuficiente, inadequada, é a que conta com “(...) a velha estrutura vinculada à autoridade, a modos de agir (...) a identificação cega com o coletivo. (...) tudo isso tem a ver com um pretenso ideal que desempenha um papel relevante na educação tradicional em geral: a severidade” (ADORNO, 2003e, p 127-128). E ele ainda aponta o berço da indiferença como um dos importantes elementos que colore a barbárie: “o elogiado objetivo de “ser duro” de uma tal educação significa indiferença contra a dor em geral” (ADORNO, 2003e, p. 128).

Nessa sucessão de apontamentos desses autores, extraímos de Adorno (2003a), que o ponto em que lamentavelmente chegamos e que caracteriza a barbárie: alto nível de desenvolvimento tecnológico coexistindo com um ódio primitivo entre as pessoas, materializa

nas pessoas uma discrepância, uma desigualdade em termos de desenvolvimento de características, uma vez que aguçá nas pessoas tendências relacionadas à técnica na medida em que tende a reter as pessoas no ódio, e com efeito para uma tendência à violência no mundo de relações. Este cenário de barbárie encontra relação com as diferentes esferas de composição do social, contudo, a educação e a cultura estando na base das relações sociais permite grande contributo no sentido de entender o progresso do pensamento e assim, permite conhecer as causas do atual cenário das relações humanas.

E para situarmos o progresso do pensamento necessário, se faz necessário perceber que “no sentido mais amplo do progresso do pensamento, o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 17). E, para isso, “(...) o programa do esclarecimento era o desencantamento do mundo. (...) sua meta era dissolver os mitos e substituir a imaginação pelo saber” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 17). Contudo,

o equacionamento mitologizante das Ideias com os números nos últimos escritos de Platão exprime o anseio de toda desmitologização: o número tornou-se o cânon do esclarecimento. As mesmas equações dominam a justiça burguesa e a troca mercantil. (...) A sociedade burguesa está dominada pelo equivalente . Ela torna o heterogêneo comparável, reduzindo-o a grandezas abstratas. Para o esclarecimento, aquilo que não se reduz a números e, por fim, ao uno, passa a ser ilusão. (...). (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 20).

Com efeito, “o mito converte-se em esclarecimento, e a natureza em mera objetividade” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 21). O artifício de tornar o heterogêneo comparável é o tipo de esclarecimento que sustenta a sociedade burguesa. Por meio dele, “destruídas as distinções, o mundo é submetido ao domínio dos homens. (...) Enquanto soberanos da natureza, o deus criador e o espírito ordenador se igualam. A imagem e semelhança divinas do homem consiste na soberania sobre a existência, no olhar do senhor, no comando” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 21). Assim, o que se segue na conversão do mito em esclarecimento, é que

o preço que os homens pagam pelo aumento de seu poder é a alienação daquilo sobre o que exercem o poder. O esclarecimento comporta-se com as coisas como o ditador se comporta com os homens. Este conhece-os na medida em que pode manipulá-los (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 21).

Nesse sentido, o mito, travestido de esclarecimento, remonta a períodos em tese já remotos, embora se apresente com características pelas quais

a magia é a pura e simples inverdade, mas nela a dominação ainda não é negada, ao se colocar, transformada na pura verdade, como a base do mundo que a ela sucumbiu o feiticeiro torna-se semelhante aos demônios; para assustá-los ou suavizá-los, ele assume um ar assustadiço ou suave (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 21).

A dominação se insinua, pois, como pura verdade na esfera da magia, que se estabelece com um ar de esclarecimento por manipular tudo aquilo que seja possível de submeter, por meio do heterogêneo comparável, ao tempo que busca excluir tudo o que não se submete a esse princípio. “Nessa metamorfose, a essência das coisas revela-se como sempre a mesma, como substrato da dominação” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 21).

Todo esse processo de dominação que avança na dinâmica da vida tem a sua fundamentação, a sua base material na medida em que “a ordem social foi instaurada sobre a base da propriedade fixa. Dominação e trabalho separam-se” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 25). Então, podemos acrescentar que

a universalidade dos pensamentos, como a desenvolve a lógica discursiva, a dominação na esfera do conceito, eleva-se fundamentada na dominação do real. É a substituição da herança mágica, isto é, das antigas representações difusas, pela unidade conceptual que exprime a nova forma de vida, organizada com base no comando e determinada pelos homens livres. O eu que aprendeu a ordem e a subordinação com a sujeição do mundo não demorou a identificar a verdade em geral com o pensamento ordenador, e essa verdade não pode subsistir sem as rígidas diferenciações daquele pensamento ordenador (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 25).

Conforme esses teóricos, o conceito sobre algo, ou seja, o que deve se entender sobre o que seja algo, aparece na posição de centralidade para a constituição da esfera do esclarecimento. É possível perceber que o advento da propriedade privada funda, entre outras circunstâncias, a possibilidade de ordenamento, de comando a partir de determinado grupo, os detentores da propriedade privada, os que usufruem do comando sobre os despossuídos de propriedade.

Nesse sentido, o conceito se prende no contexto da dominação, atuando na consecução de seus objetivos na medida em que conceitua pela ótica da própria dominação (ADORNO; HORKHEIMER, 1985), e, estando a educação e a cultura em constante contrachoque e sobre a base conceitual, o que se manifesta é a falência da cultura e uma educação insuficiente, inadequada (ADORNO, 2003a). Por sua vez, os que se colocam na posição de comando, os

detentores da propriedade, constituem a sociedade burguesa¹², a qual, como aponta Adorno e Horkheimer (1985), domina o equivalente e a troca mercantil.

Também em análise sobre as causas que constituem essa realidade das relações sociais, Horkheimer (2015) nos afirma que esta implica um tipo de razão com um fim em si mesma, com a pretensão de estabelecimento e manutenção de privilégios das camadas burguesas.

Se a razão é declarada incapaz de determinar os fins últimos da vida e deve contentar-se em reduzir tudo o que encontra a uma mera ferramenta, sua única finalidade remanescente é a simples perpetuação de sua atividade coordenadora. Essa atividade era outrora atribuída ao “sujeito” autônomo. No entanto, o processo de subjetivação afetou todas as categorias filosóficas: ele não as relativizou e as preservou em uma unidade de pensamento mais bem estruturada, mas reduziu-as ao *status* de fatos a serem catalogados. (...) (HORKHEIMER, 2015, p. 105, grifos do autor).

Portanto, o processo de subjetivação deslocou a atividade coordenadora do sujeito autônomo para uma razão com fim em si mesma, e, vivenciando a condição de meio para a perpetuação dos mecanismos de trocas a confirmarem a prática do sistema produtivo, os indivíduos se prestam como objetos para a perpetuação dessa atividade coordenadora, e podemos acrescentar que “a dominação sobrevive como fim em si mesmo, sob a forma do poder econômico” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 87). Por esse motivo, na sociedade burguesa, a vida privada é elevada a um princípio norteador da própria constituição social. O estoicismo – e é nisto que consiste a filosofia burguesa – “torna mais fácil para os privilegiados, em face dos sofrimentos dos outros, enfrentar as ameaças a si próprios. Ele preserva o universal, elevando a vida privada ao nível de um princípio para se proteger dele” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 82).

Como nos orienta Crochick e Zanolli (2021), ao passo que essa dominação se expressa na totalidade, relega grupos e indivíduos que não se articulam com os privilégios sociais. Nessa medida, elementos de acesso e fruição da cultura, assim como projetos de vida que articulam relações sociais mais amplas, sofrem óbices.

¹² A sociedade burguesa é constituída por frações dominantes da sociedade capitalista. E esta se constituiu a partir de eventos da chamada dupla revolução, a Revolução Industrial, por meio da qual, “pela primeira vez na história da humanidade, foram retirados os grilhões do poder produtivo das sociedades humanas, que daí em diante se tornaram capazes da multiplicação rápida, constante, e até o presente ilimitada, de homens, mercadorias e serviços.” (HOBSBAWM, 2018b, p. 59); e a Revolução Francesa, ocorrida numa “época de crise para os velhos regimes da Europa e seus sistemas econômicos, e suas últimas décadas foram cheias de agitações políticas, (...) em que a revolução Francesa foi apenas um exemplo, embora o mais dramático e de maior alcance e repercussão.” (HOBSBAWM, 2018b, p. 98-99).

A falta de perspectivas, de possibilidades de constituição de um projeto individual, que se associe a um projeto social, coletivo, a dificuldade de nossos desejos se associarem a objetos distintos oferecidos pela cultura, uma vez que são padronizados e descartáveis, contribuem para a formação de indivíduos regredidos psiquicamente, com ímpetos autoritários, destrutivos e manipuladores (CROCHICK; ZANOLLA, 2021, p. 29).

Essa regressão psíquica, constituída também por meio dessa cultura que se subordina à centralidade do poder econômico, se presta também para a constituição dessas personalidades que exemplificam a barbárie real (ADORNO, 2019). E no extremo de sua importância na sociedade burguesa, o poder econômico é elevado à pretensa eternidade pelos que o possui, a ponto de que estando mediado por um tipo de esclarecimento específico, o pensamento subverte os propósitos do progresso, de modo que “o esclarecimento só reconhece como ser e acontecer o que se deixa captar pela unidade. Seu ideal é o sistema do qual se pode deduzir toda e cada coisa. (...)” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 87).

Sendo assim, é importante pontuar que na relação indivíduo e sociedade, “(...) a dominação universal da natureza volta-se contra o próprio sujeito pensante; nada sobra dele senão justamente esse eu penso eternamente igual que tem que poder acompanhar todas as minhas representações. Sujeito e objeto tornam-se ambos nulos” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 34). Desse modo, “o que aparece como triunfo da racionalidade objetiva, a submissão de todo ente ao formalismo lógico, tem por preço a subordinação obediente da razão ao imediatamente dado” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 34).

Essa condição estabelece “(...) que a realidade se tornou tão poderosa que se impõe desde o início aos homens -, de forma que este processo de adaptação seria realizado hoje de um modo antes automático” (ADORNO, 2003a, p. 144, grifo do autor), fato este que postula uma concepção de educação como eixo em torno do qual orbitam processos educativos que reafirmam uma adaptação ao existente. Entretanto,

(...) a figura em que a emancipação se concretiza hoje em dia, e que não pode ser pressuposta sem mais nem menos, uma vez que ainda precisa ser elaborada em todos, mas realmente em todos os planos de nossa vida, e que, portanto, a única concretização efetiva da emancipação consiste em que aquelas poucas pessoas interessadas nesta direção orientem toda a sua energia para que a educação seja uma educação para a contradição e para a resistência (ADORNO, 2003f, p 182-183).

A contragosto da necessidade de uma educação para a contradição, para a resistência, o que vigora é uma racionalidade, cujo triunfo impõe como preço a subordinação obediente da razão ao imediatamente dado (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p 34). Quando mencionam

a racionalidade ligada à subordinação da razão ao existente, esses teóricos estão se referindo aos estudos e concepções de Weber (2010), quando infere sobre aquilo que entende da ciência como vocação, pois a racionalidade objetiva é *modus operandi* subordinado à racionalização. Então, tratando do processo de desenvolvimento do progresso na humanidade, ele infere que

a intelectualização e a racionalização crescentes não equivalem, portanto, a um conhecimento geral crescente a respeito das condições em que vivemos. (...) em outras palavras, significa que podemos controlar tudo por meio da previsão. Isso é o mesmo que despojar de magia o mundo. Não mais se trata para nós, como para o selvagem que acredita na existência daqueles poderes, de apelar para métodos mágicos para dominar os espíritos para exorcizá-los, mas de recorrer à técnica e à previsão (WEBER, 2010, p. 38).

E assim, por meio da técnica e da previsão, “o fim prescípua de nossa época, caracterizada pela racionalização, pela intelectualização e, principalmente, pelo ‘desencantamento do mundo’ levou os homens a banir da vida pública os valores supremos e mais sublimes” (WEBER, 2010, p. 57, grifo do autor).

Weber (2010) está se referindo à racionalização como forma de dominação do mundo por meio da técnica e da previsão, levando ao que ele identifica por desencantamento do mundo, por serem formas criadas pelo próprio homem. A racionalização ganha desdobramentos nas análises de Adorno e Horkheimer (1985), quando, a partir da concepção de racionalidade, apresentam o processo de dominação e desencantamento do mundo por meio dos mesmos mecanismos da técnica e da previsão. Porém, considera que “em Kant, tanto quanto em Leibniz e Descartes, a racionalidade consiste em levar a cabo a conexão sistemática, tanto ao subir aos gêneros superiores quanto ao descer às espécies inferiores” (ADORNO, 1985, p. 71).

No entanto, como podemos perceber, Adorno e Horkheimer (1985) fundamentam materialmente essa dominação no advento da propriedade privada, a qual, por sua vez, funda a separação entre o tempo livre e o trabalho, o comando e a sujeição ao trabalho, demarcando as consequências dos nexos advindos dessas circunstâncias. Este processo de dominação, calcado na propriedade privada, reflete na formação, dificultando a emancipação na medida em que “a ordem econômica e, seguindo seu modelo, em grande parte também a organização econômica, continuam obrigando a maioria das pessoas a depender de situações dadas em relação as quais são impotentes, bem como a se manter numa situação de não-emancipação” (ADORNO, 2003ag, p. 43).

É nesse contexto que se opera nova inversão, visando à manutenção da ordem da dominação, que o esclarecimento reverte-se à mitologia. O pensamento deve inserir-se num sistema, o sistema do formalismo matemático. Nele,

(...) a figura mais abstrata do imediato mantém o pensamento firmemente preso à mera imediaticidade. O factual tem a última palavra, o conhecimento restringe-se à sua repetição, o pensamento transforma-se na mera tautologia. Quanto mais a maquinaria do pensamento subjuga o que existe, tanto mais cegamente ela se contenta com essa reprodução. Desse modo, o pensamento regride à mitologia da qual jamais soube escapar. Pois, em suas figuras, a mitologia refletira a essência da ordem existente- o processo cíclico, o destino, a dominação do mundo- como a verdade e abdicara da esperança (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 34).

Nessa linha de entendimento, o papel da razão, que a princípio nos leva a pensar que seu uso possibilitaria um discernimento capaz de perceber o enclausuramento do pensamento e, assim, se lançar em seguidas reflexões no sentido da busca por uma saída a tal encapsulamento, se mostra nessa realidade como componente do próprio tipo de esclarecimento ordenador, irrefletido, apesar da ideia de razão nos remeter ao “princípio segundo o qual a razão está simplesmente oposta a tudo o que é irracional (...)” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 73). Por outro lado, “ao mesmo tempo a razão constitui a instância do pensamento calculador que prepara o mundo para os fins da autoconservação e não conhece nenhuma outra função senão a de preparar o objeto a partir de um mero material sensorial como material para a subjugação” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 73).

No tocante ao verdadeiro esclarecimento¹³ sobre complexos mitológicos, algo a que se possa referir efetivamente passível de confirmação no escoar da história, e que de fato marca um movimento de esclarecimento, nos mostra que

A mitologia particular de que o esclarecimento ocidental (até mesmo sob a forma do Calvinismo) teve de se desembaraçar era a doutrina católica da *ordo* e a religião popular pagã que continuava a viajar à sua sombra. Libertar os homens de sua influência, tal era o objetivo da filosofia burguesa. A liberação, porém, foi mais longe do que esperavam seus autores humanos. A economia de mercado que se viu desencadeada era ao mesmo tempo a forma atual da razão e a potência na qual a razão se destrouçou. Os reacionários românticos nada mais fizeram do que exprimir a experiência dos próprios burgueses, a saber, que em seu mundo a liberdade tendia à anarquia organizada (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 77, grifos do autor).

¹³ Quando traz a ideia de esclarecimento, (ADORNO; HORKHEIMER, 1985) estão se reportando às concepções de Kant. Para este, esclarecimento é “a saída do homem da menoridade pela qual é o próprio culpado. Menoridade é a incapacidade de servir-se do próprio entendimento sem direção alheia” (KANT, 1985, p. 1).

Como a economia de mercado foi desencadeada pela razão, e sobre essa atuou como algo a ponto de destruí-la, o esclarecimento, norteado por esse tipo de razão, articulando a manutenção do existente, ainda que privilegiando os donos do capital, impera de modo irracional sobre todos na sociedade, pois,

com o desenvolvimento do sistema econômico, no qual o domínio do aparelho econômico por grupos privados divide os homens, a autoconservação confirmada pela razão, que é o instinto objetualizado pelo burguês, revelou-se como um poder destrutivo da natureza, inseparável da autodestruição. Estes dois poderes passaram a se confundir turvamente. A razão pura tornou-se irrazão (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 48).

Assim, com base em Kant (1985), observamos mais um processo de inversão pelo qual se permite escamotear o real, no caso em tela, a inversão da razão em irrazão. Tal inversão caracteriza a própria ideologia em que a vida se torna sob o esclarecimento sustentado pela irrazão. “Esta ideologia torna-se a cega exaltação da vida cega, a qual se entrega a mesma prática pela qual tudo o que é vivo é oprimido” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 48).

Entretanto, o objeto da relação são pessoas, e como tal, podem reagir, se inconformar, resistir, ainda que com poucas e difíceis possibilidades a resistência real impede uma ditadura completamente fechada da ideologia, da irrazão. É assim que se constituem e se desenvolvem diversas formas de resistência como o NEVIDA - Núcleo de estudos e pesquisas sobre a educação, violência, infância, diversidade e arte -, radicado na faculdade de educação da Universidade Federal de Goiás (UFG). Há também obras em nosso campo de visão que manifestam incontestável esforço de resistência como: Cultura, educação e violência no telejornalismo sensacionalista (ZANOLLA; PONTES, 2021). E ainda estudos como: Trabalho e mortificação: o humano, o desejo e o consumo (RIBEIRO, 2018), e podemos acrescentar o conjunto das obras que norteiam todos esses trabalhos, inclusive este estudo em construção, a partir dos teóricos da teoria crítica.

Porém, o esclarecimento que norteia o progresso da humanidade, encontra-se permeado e dirigido por esta irrazão mesmo que encontre resistências. Nesses termos, o mito converteu-se em esclarecimento e esse se tornou mitologia ao hipostasiar o existente, elevando-o a um *status* de pretensa eternidade (ADORNO; HORKHEIMER, 1985).

Por essa linha de entendimento, “a formação cultural agora se converte em uma semiformação¹⁴ socializada, na onipresença do espírito alienado, que, segundo sua gênese e

¹⁴ Para Adorno (2005), a semiformação nada mais é que a cultura tomada pelo lado de sua apropriação subjetiva.

seu sentido, não antecede à formação cultural, mas a sucede” (ADORNO, 2005, p. 2). Ou seja, uma formação enviesada,

(...) A semiformação é o espírito conquistado pelo caráter de fetiche da mercadoria (...) A semiformação não se confina meramente ao espírito, adultera também a vida sensorial. E coloca a questão psicodinâmica de como pode o sujeito resistir a uma racionalidade que, na verdade, é em si mesma irracional. (...) O entendido e experimentado medianamente - semi-entendido e semi-experimentado - não constitui o grau elementar da formação e sim seu inimigo mortal. Elementos que penetram na consciência sem fundir-se em sua continuidade, se transformam em substâncias tóxicas e, tendencialmente em superstições, (...) Elementos formativos inassimilados fortalecem a reificação da consciência que deveria justamente ser extirpada pela formação (ADORNO, 2005, p. 11-13).

A semiformação se constitui como formação enviesada que adultera a vida sensorial, ela não constitui um grau elementar de formação, mas se põe como inimigo mortal da formação, pois é tomada apenas pelo lado de sua apropriação subjetiva (ADORNO, 2005). Esse mesmo teórico nos esclarece em relação ao que seria uma formação, afirmando que “para haver formação cultural se requer amor; e o defeito certamente se refere à capacidade de amar. (...) À formação cultural (Bildung) precisa corresponder a urbanidade” (ADORNO, 2003h, p. 64-67).

No que cabe um desdobramento, “a formação devia ser aquela que dissesse respeito – de uma maneira pura como seu próprio espírito – ao indivíduo livre e radicado em sua própria consciência, ainda que não tivesse deixado de atuar na sociedade e sublimasse seus impulsos.” (ADORNO, 2010, p. 13, grifo do autor).

Neste capítulo procuramos elucidar referências de constituição do Ser, e de modo específico a formação do Ser tomada pela via da semiformação, caracterizada pela instrumentalização hipostasiada do indivíduo, a qual se mostra por uma interminável ausência de perspectivas humanizadoras a nos impor sofrimentos amplos e variados, por processos que são reforçados por procedimentos específicos de violência. Estes sofrimentos, de certo modo foram mencionados, mas serão objeto de uma maior elucidação no nosso próximo capítulo sob a luz da opressão sobre as individualidades.

CAPÍTULO 2 - OS PROCESSOS DE VIOLÊNCIA E OPRESSÃO SOBRE A INDIVIDUALIDADE

Este capítulo procura elucidar as ações e nexos que se manifestam nos processos de violência contra as individualidades, bem como procura identificar como essas vítimas de processos de violência surgem na realidade de modo mais aparente, e o que as caracteriza, o motivo pelo qual são assim caracterizadas. Entendemos que esse conhecimento propiciará uma melhor reflexão acerca da cultura e da educação como meio de estruturação do humanismo dessemelhante, esse como veremos, com o escopo de minorar sofrimentos. Para tanto, este capítulo se divide em: 2.1 Preconceito, autoritarismo e violência frente e verso, a frente; 2.2 Preconceito, autoritarismo e violência frente e verso, o verso; 2.3 Agruras advindas da relação do indivíduo com a sociedade; 2.4 Não ser, eis a questão.

Fizemos alusão à existência de sofrimentos oriundos das relações humanas a partir de uma dinâmica de vida com a mercadorização da cultura articulada a um processo de semiformação (ADORNO; HORKHEIMER, 1985). Nesse sentido, conseguimos elencar e, ainda que de modo breve, analisar situações de sofrimento que levam à fuga de princípios morais e éticos: venda de virgindade (GRUPO GLOBO); bem como sofrimentos que manifestam doença: o *languishing* (MONTEIRO, 2022); e a doença que manifesta diretamente um sofrimento ao próprio doente e a seus entes, especialmente por causar a morte, a Covid-19. Esses fatos elencados são exemplos de alguns sofrimentos que aparecem na realidade, todavia, parece-nos que o preconceito, assim como demais processos de violência, da forma como figura nos meios de comunicação na grande mídia, complexo de excelência para a formação de concepções de mundo, ao tempo que se mostra revelador, oculta traços significativos (ZANOLLA; PONTES, 2021). E para melhor elucidar o preconceito, segundo Crochik (2011),

ser compreendida, ao menos, de duas formas: 1- a identificação com o alvo do preconceito é negada; o indivíduo reconhece nesse alvo, desejos, comportamentos, que deve negar em si mesmo; para fortalecer essa negação, agride o que lhe parece estranho, (...) 2- a negação de toda forma de identificação, que, como preconceito, assume a forma de indiferença. Nesse caso, não se trata do estabelecimento de relações com um grupo, com o qual se identifica, ao menos conscientemente, mas que repele inconscientemente, que permite agredir quem não pertence a esse grupo, por indicar possibilidades distintas de viver, que o preconceituoso tem de negar em si mesmo, que é o que explica o primeiro tipo descrito, aproximando-o da delimitação freudiana do “narcisismo das pequenas diferenças”. Neste segundo caso, a própria pertença a um grupo parece ser indiferente, há dificuldades, se não impossibilidade afetiva, de se relacionar com os outros, não que não deseje, mas porque todo afeto deve ser negado (CROCHICK, 2011 apud CROCHICK; ZANOLLA, 2021, p 16, grifo dos autores).

Observado essa contextualização acerca do preconceito procuramos situar a discussão na medida em que partimos dos elementos que aparecem nos meios de divulgação dos acontecimentos cotidianos no que se refere ao preconceito e às ações de violência, momento aqui denominado frente, fazendo alusão aos comunicados sobre atos de violência ligados a preconceitos e à violência de modo geral, mas não se contendo a estas informações que se colocam frente a nós pelos meios de comunicação, produtos de seus elaboradores, editores, cujo alcance sobre a população em geral é muito significativo e de fato forma opiniões, pois, num segundo momento, centraremos a discussão naquilo que denominamos verso, procurando construir um contexto com apoio em teóricos como Costa (1986), Marcuse (1969), Adorno e Horkheimer (1985), Zanin (2015), Crochick e Zanolli (2021a), Baptista (2013), Adorno (1995c), Fontes (2021), entre outros teóricos, referindo a produções, estudos e denúncias em relação aos acontecimentos que evidenciam preconceito, violências, cuja existência está quase sempre fora do campo de visão e de exibição dos meios de comunicação, e por isso nem sempre confere tanto peso na formação da opinião que circula entre as pessoas.

2.1 Preconceito, autoritarismo e violência frente e verso: a frente

Na atualidade, o meio social caracterizado pela indústria cultural se vale das grandes mídias como produto da técnica altamente desenvolvida e a serviço de uma dominação com expoente numa racionalidade que tende a regredir a consciência das pessoas, perfazendo um quadro cultural empobrecido (ADORNO; HORKHEIMER, 1985). É neste sentido que trataremos a divulgação dos fatos pelas grandes mídias, e que efetivamente formam opiniões, como frente, a face mais perceptível dos fatos.

Com essa analogia, buscamos identificar e analisar ações de preconceito e outras violências que nos aparecem por meio das grandes mídias, a saber, a frente dos fatos que se referem a preconceitos e violências. Isso porque “o preconceito é a ideologia introjetada como justificativa de dominação que atende a esse anseio pessoal. Mas o alvo da dominação pode variar” (CROCHICK; ZANOLLI, 2021a, p. 27). Este desejo de dominação está comumente ligado a atos de violência, mas como ideologia que justifica a dominação, o preconceito é violento! Violência que ainda não se expôs ou se expõe. O preconceito se vale da negação da identificação com algum alvo, indiferença pela identificação a ser estabelecida, agressão

voltada ao que não pertence ao mesmo grupo e, sobretudo, o desejo de relações que deve ser negado, assim como toda possibilidade de afeto dão uma ideia do sentimento de preconceito (CROCHICK; ZANOLLA, 2021a).

Destacamos a negação do afeto que, a nosso ver, parece direcionar as demais tendências sobre o alvo. A negação do afeto se põe contrária à nossa tese acerca do humanismo dessemelhante, uma vez que as relações afetivas são componentes mobilizadores de grande importância, direcionando o sujeito à assistência dos sofrimentos do outro, a partir de uma concepção pautada por uma “educação para a contradição e para a resistência” (ADORNO, 2003f, p. 183).

Partindo dessas características do preconceito, é possível perceber que ele se afirma largamente entre as pessoas no decorrer dos dias que marcam a reprodução da vida da população. Mas nos importa saber de que modo essas mesmas pessoas, que veem e sentem o preconceito cotidianamente, retratam esse preconceito no todo social. Em outros termos, como essas mesmas pessoas, que participam direta ou indiretamente, sendo algozes ou vítimas de ações preconceituosas e violentas, concebem a sociedade em relação ao preconceito.

Considerando os processos que envolvem essas pessoas no meio social, conforme Adorno (2003g), desvelar as teias que constituem este meio social implica doloroso processo, e que, “(...) com destaque para a indústria cultural intumescida como totalidade (...)” (ADORNO, 2003g, p. 43), se faz necessário considerar “(...) as condições subjetivas da irracionalidade objetiva” (ADORNO, 1955, p. 136 apud ZANOLLA, 2015, p. 465). Com efeito, “a televisão (...) cujas possibilidades ilimitadas prometem aumentar o empobrecimento dos materiais estéticos a tal ponto que a identidade mal disfarçada dos produtos da indústria cultural pode vir a triunfar abertamente já amanhã (...)” (ADORNO, 1985, p. 102). Assim como o cinema, pela perspectiva desse pensador, a televisão se destaca por meio dessas possibilidades ilimitadas tal como um gerador de processos que permeiam a subjetividade.

Nessa linha de entendimento, existe uma espécie de função formativa ou deformativa operada pela televisão como tal em “relação à consciência das pessoas, conforme somos levados a supor a partir da enorme quantidade de espectadores e da enorme quantidade de tempo gasto vendo e ouvindo televisão” (ADORNO, 2003c, p. 76). Sendo assim, podemos considerar que a televisão aberta possui grande influência na formação da opinião das pessoas. Então, para um melhor entendimento desse cenário veiculado de forma televisiva, buscamos mostrar como o preconceito e as ações de violência aparecem na maior emissora de

televisão aberta do Brasil, em jornal de maior expressão, o qual mantém alguns dos âncoras jornalísticos mais respeitados, tendo como objeto de observação as edições de seu principal telejornal entre 1º de janeiro e 31 de maio de 2022. Para tanto, a violência pode ser entendida, à priori, pela via das sensações repugnantes sofridas, por meio da intensidade e frequência dessas sensações repugnantes, pois,

via de regra, costuma-se classificar de “violenta” toda experiência físico-psíquica que pela *repetição* ou *intensidade* ultrapassa a capacidade de absorção do aparelho psíquico. O critério metapsicológico empregado aqui é o econômico (COSTA, 1986, p. 92, grifo do autor).

Destacamos assim a intensidade e a frequência desses eventos violentos, cujas sensações como efeito, em seu conjunto, levam a patamares insuportáveis à vítima. Então, tendo por base a referência de violência que parece figurar de modo mais comum entre as pessoas, e não por coincidência nos veículos de comunicação, procuramos entender qual a ideia construída acerca do sofrimento, preconceito e violência a partir dos fatos como são veiculados na mídia televisiva de canal aberto à população, em seu telejornal de maior expressão, a saber, Jornal nacional da rede globo de televisão, com apresentação diária e noturna em horário considerado nobre da televisão, exibido de segunda a sábado, por cerca de 35 minutos por dia.

Destarte, o universo observado é composto por tempo total daquela edição do telejornal; tempo máximo e mínimo das reportagens, e não de cada reportagem; tempo e característica de cada categoria de reportagem que se refere a violências, reportagens que figuraram nos telejornais exibidos entre 1º de janeiro e 31 de maio de 2022, levantamento realizado por meio de acesso no decorrer da primeira semana do mês de junho de 2022. Com lastro nesse universo, foi possível constituir o banco de dados a seguir.

2.1.1 Dados emblemáticos para a análise do objeto

Por meio da coleta de alguns dados emblemáticos constituímos o banco de dados, apêndice 1, sobre o qual não realizamos análise estatística aprofundada porque não era o objetivo deste estudo, o objetivo que se refere a este banco de dados é identificar o quanto a violência é presente no dia a dia e o quanto isso leva à barbárie, pois violência e desumanização são barbárie; e a barbárie arrisca a se banalizar.

2.1.2 Exposição, análise e discussão dos dados

2.1.2.1 Exposição do conjunto de dados levantados com base nas reportagens

No período entre 01/01/2022 e 31/05/2022, foi possível identificar a veiculação de 1.960 reportagens de um telejornal de uma TV aberta em um determinado horário diariamente exibido. Desse total, 99 reportagens referiam-se ao preconceito e outras formas de violência. A menor reportagem veiculada ocupou 12 segundos do telejornal do dia 29 de março e versava sobre a situação de emergência de 6 municípios por causa das cheias nos rios do estado do Acre. E a maior reportagem ocupou 10 minutos do telejornal do dia 28 de maio e versava sobre a ocorrência de temporal e deslizamento que deixou mais de 30 mortos em Pernambuco. Especificamente sobre atos violentos, a maior reportagem ocupou 7 minutos do telejornal do dia 25 de maio e versava sobre a situação de não identificação por parte da polícia de todos os mortos na operação da própria polícia na Vila Cruzeiro no Rio de Janeiro.

O quantitativo das reportagens foi direcionado a cada grupo, assim como mencionado nas edições telejornalísticas, cujas denominações expressadas no telejornal constituíram aqui cada universo com o seu respectivo quantitativo.

Assim, do total das 99 reportagens sobre violência, 25 retratam violência contra negros, 15 contra mulheres, 12 contra nenhum grupo específico, 10 contra crianças, 7 contra equipes de TV, 6 contra comunidades periféricas das cidades, 5 contra indígenas, 4 contra adolescentes, 2 contra doentes dependentes de medicamentos, 2 contra população de rua, 2 contra a comunidade LGBTQIAPN+, 2 contra torcedores, 2 contra judeus, 2 contra policiais, 1 contra encarcerados, 1 contra idosos, 1 contra garimpeiros.

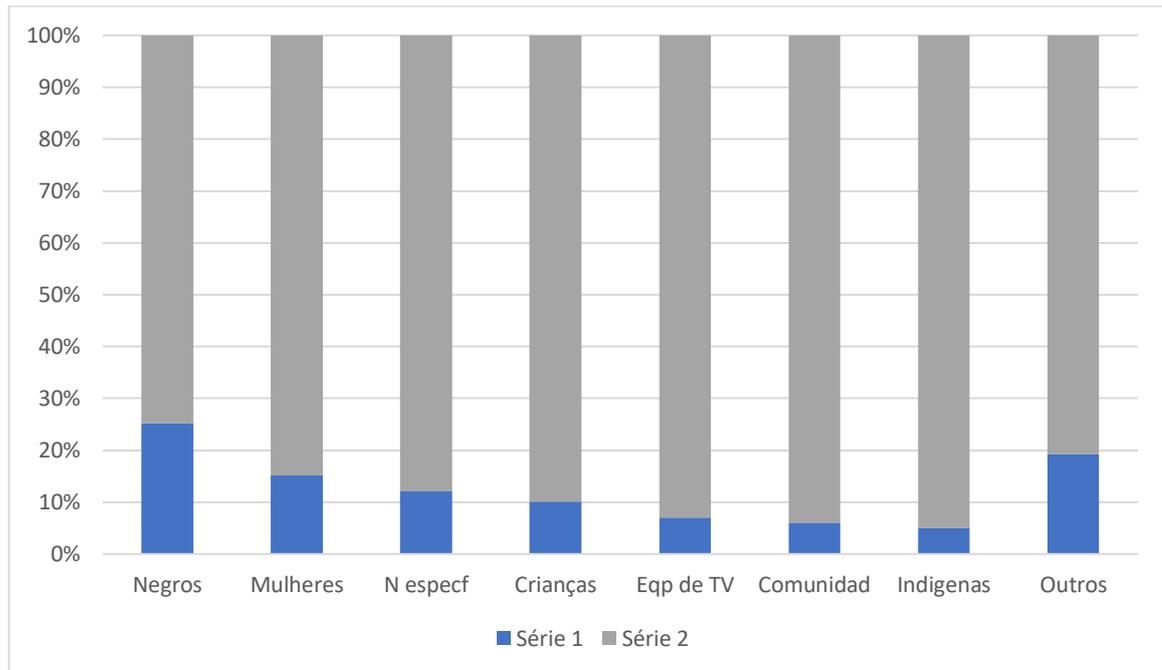
2.1.2.2 Dados sóciodemográficos

Serão representados dados sociodemográficos agrupados por indicadores: crianças, negros, mulheres, equipes de tv, nenhum grupo específico, comunidades periféricas, adolescentes, indígenas, garimpeiros, idosos, grupo LGBTQIAPN+, judeus, policiais, torcedores e população de rua.

Contra negros, 25,25% do total; contra mulheres, 15,15%; contra nenhum grupo específico, 12,12%; contra crianças, 10,10%; contra equipes de TV, 7,07%; contra comunidades periféricas, 6,06%; contra indígenas, 5,05%; contra adolescentes, 4,04%; contra doentes dependentes de medicamentos, 2,02%; contra a população de rua 2,02%; contra a

comunidade LGBTQIAPN+, 2,02%; contra torcedores, 2,02%; contra judeus, 2,02%; contra policiais, 2,02%; contra encarcerados, 1,01%; contra idosos, 1,01%; contra garimpeiros, 1,01%.

Gráfico 1 - Sociodemográfico



Pela observação dos dados levantados, é possível afirmar a existência de um alto grau de violência contra negros e mulheres isso permite, inclusive, corroborar a idéia de que a sociedade é misógina e racista. Pensamos que a consideração à violência contra pessoas de grupos não especificados nas reportagens tende a revelar a existência de uma violência generalizada na sociedade, uma violência que não é dirigida a grupo específico, mas que tem a pessoa alvo como meio para a consecução de interesses geralmente materiais, exemplificados no roubo e no latrocínio.

Mas gostaríamos de ressaltar que se uma ou mais característica física ou social, econômica, ou de alguma crença é elemento identificador de grupo, podemos considerar que toda e qualquer pessoa faz parte de algum grupo, ainda que ela não saiba e ainda que ela não se relacione diretamente com outras pessoas de mesma característica que ela, de sorte que, seja este um grupo profissional ou de desempregados, de famintos ou familiar. Porém, nas reportagens, o que se percebe, é que algumas pessoas aparecem de modo avulso na condição de que não constituem nenhum grupo em específico. Quando essas pessoas são mencionadas faz-se referência a elas da seguinte forma: uma pessoa, um homem, uma mulher, como se,

entre tantas, algumas características físicas ou sociais ou de outra ordem não fosse dignas de reconhecimento de grupo como outras que também são físicas ou sociais.

Pensamos que é com apoio nesses quantitativos que se estabelece uma ideia predominante no imaginário social, a qual sustenta uma perspectiva de exclusão social existente somente para negros e mulheres. No entanto, temos observado que são acrescentadas pessoas que compõem o grupo LGBTQIAPN+, cujo quantitativo, segundo os dados de nossa pesquisa, não se justifica. Como podemos observar, pelos dados levantados, o percentual que se refere a esse último grupo é pouco significativo, 2,02%, embora uma única violência já seja algo repugnante, mas a ideia de exclusão largamente expressada e propagada entre as pessoas constitui-se desses três grupos, negros, mulheres e LGBTQIAPN+ e neles se detém quase que exclusivamente.

A ideia de violência construída a partir dos dados levantados, pode ser limitada a uma ideia de violência com base na intensidade e frequência de sensações físico-psíquicas perturbadoras (COSTA, 1986), a qual nos apropriamos como ponto de partida para a análise das notícias do telejornal objeto dos dados levantados. Todavia, “a referência unilateral ao critério quantitativo retém, *mutatis mutandis*, da noção ordinária de violência, apenas sua primeira acepção” (COSTA, 1986, p. 93). Ou seja, é a ideia de violência que orbita em torno da repetição e intensidade de sensações cuja frequência leva a patamares insuportáveis, conforme assumimos aqui como ponto de partida, aparecendo, de modo imediato, nas reportagens veiculadas. Mas por outro lado, “sob a ótica quantitativista, o que conta é a desproporção entre a força do estímulo e a capacidade de absorção do objeto ao qual a força se aplica” (COSTA, 1986, p. 93).

Por essas considerações, pensamos que seja mais profícua, para uma análise de dados que se quer para além dos postulados midiáticos, a apropriação de uma concepção de violência mediada a partir da própria noção de violência, esta como via de regra, habita no senso comum.

No entanto, nem toda situação de desigualdade onde se emprega a força como modo de coerção é por si mesma violenta. A visão quantitativista nivela fenômenos heterogêneos, criando uma indeterminação considerável no uso dos termos. Não que a intensidade da força nada tenha a ver com a violência. Mas a dissimetria de poder e o uso da força só adquirem um caráter violento quando associados a outros predicados que lhes dão a feição particular. Distintiva de outras formas de coerção (COSTA, 1986, p. 93).

Nessa linha de raciocínio, esse mesmo pensador afirma que “o critério quantitativista impregna tão fortemente o raciocínio sobre a violência que obscurece a reflexão sobre sua

qualidade constante, a saber, a representação matriz ou geradora do fenômeno observado.” (COSTA, 1986, p. 95). Por isso, uma concepção mais concreta de violência tem a ênfase deslocada da quantificação e intensidade da ação para a representação geradora do fenômeno, ou seja, situa-se no conjunto ação-situação. Leva em consideração a necessidade e outros objetivos não só imediatos, o que nos parece que altera consideravelmente a análise acerca dos dados levantados e já expostos, o que denominamos verso das representações analisadas.

Por fim, este contexto de violência se põe a dificultar muito os processos de humanização, uma vez que

o motivo evidentemente é a contradição social; é que a organização social em que vivemos continua sendo heterônoma, isto é, nenhuma pessoa pode existir na sociedade atual relamente conforme suas próprias determinações; enquanto isto ocorre, a sociedade forma as pessoas mediante inúmeros canais e instâncias mediadoras, de um modo tal que tudo absorvem e aceitam nos termos desta configuração heterônoma que se desviou de si mesma em sua consciência. E, claro que isto chega às instituições, até a discussões acerca da educação política e outras questões semelhantes. O problema propriamente dito da emancipação hoje e se e como “a gente”, eis uma grande questão a mais – poder enfrentá-lo (ADORNO, 2003h, p. 182).

Ao tempo que esse contexto das relações humanas tenciona com as perspectivas de uma formação emancipadora, também responde à questão central colocada sobre o progresso, da barbárie, do esclarecimento, enfim, do movimento da humanidade em direção à sua própria destruição, cuja questão é: “(...) descobrir porque a humanidade em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está afundando em uma nova espécie de barbárie” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 11). Por isso, “qualquer debate sobre ideias de educação é vão e indiferente em comparação com este: que Auschwitz não se repita.” (ADORNO, 1995b, p. 104). Se como afirmamos o objetivo de identificar os principais motivos que demonstram a barbárie se avolumando nas relações sociais, se presta a delinear os contornos do humanismo dessemelhante para a sua construção efetiva, nos resta observar a outra face dos dados emblemáticos com intuito de projetar a nossa categoria.

2.2 Preconceito, autoritarismo e violência frente e verso: o verso

Com o objetivo de construir uma análise mais concreta dos dados levantados acerca da violência, considerando que a aceção mais comum de violência gira em torno da intensidade e repetição, e que esse critério quantitativista obscurece a reflexão sobre o fenômeno (COSTA, 1986), sustentaremos as nossas análises sobre a concepção de violência em que

nela o que domina é o sentimento ou pensamento da gratuidade e do arbítrio. O sujeito violentado é o sujeito que sabe ou virá a saber, sente ou virá a sentir, que foi submetido a uma coerção e a um desprazer absolutamente desnecessários ao crescimento, desenvolvimento e manutenção de seu bem-estar, enquanto ser psíquico (COSTA, 1986, p. 96).

Com efeito, uma análise calcada nesta concepção de violência, mais concreta, nos permitirá um direcionamento mais substancial nas construções dos processos constituintes da perspectiva do humanismo dessemelhante. Este, voltado a critérios humanizantes, visa identificar sofrimentos no sentido de amenizá-los e, portanto, guarda interesse no entendimento concreto acerca da violência.

De modo mais específico, a partir de Costa (1986), parece-nos que a visão pretendida pelo veículo de comunicação, origem dos dados levantados, baseia-se na necessidade da ação do autor, entendida como violência por ser desnecessária como, por exemplo, o racismo, a misoginia, posição com a qual tomamos parte, mas não nos satisfaz a consciência.

Por outro lado, essa visão se coloca como unilateral quando consideramos como Costa (1986) que o critério quantitativo obscurece a reflexão acerca do fenômeno, nivelando fenômenos heterogêneos, o que parece nos conceder o direito de afirmar que os grupos classificados por denominações, a partir do sexo da pessoa, cor da pele, idade, entre outros fatores, como ocorre nos dados que levantamos, levam a um obscurecimento da reflexão e nivelam fatos que são heterogêneos. Isso porque pessoas negras, mulheres e pessoas com a mesma idade, por exemplo, são constituídas de outros critérios que os tornam profundamente diferentes, como o financeiro, por exemplo, estrutural em uma sociedade capitalista.

Neste contexto, uma melhor elucidação ocorre na medida em que reconhecemos que o conjunto de características individuais de cada pessoa constitui um enleio que se caracteriza pelo entrecruzamento dessas características, que em interação com o mundo exterior, apresenta como resultado a pessoa, Hegel (1992). Portanto, para o seu devido entendimento, a ideia que compreende a pessoa por meio de um caractere se insere no universo da análise do conceito, podendo se dar por meio de uma analogia dos tipos de conceito. Partindo da relação do indivíduo-sociedade, na qual essa se faz totalitária, temos que a coordenação do indivíduo com a sua sociedade “atinge as camadas da mente em que são elaborados os próprios conceitos destinados a compreender a realidade estabelecida. Estes conceitos são retirados da realidade e traduzidos em termos operacionais (...)” (MARCUSE, 1969, p 108-109).

Essa assertiva acerca dos conceitos e a que se coloca a seguir, se justifica de modo fundante para a nossa visão de formação na medida em que, como já expusemos, o conceito especialmente conceitos alinhados aos ditames da indústria cultural, se presta a uma apropriação de ideias que confirma o existente (ADORNO; HORKHEIMER, 1985). Por isso nos interessa uma apropriação antecedida por conceitos que não se prendem à realidade cultural posta.

Em suas elucidações, Marcuse (1969) denomina de comunicação funcional, esta extração dos conceitos da realidade e posicionamento dos mesmos em termos operacionais, e então a ideia de conceito operacional. Ele caracteriza essa condição como um acontecimento filosófico que turva a análise a fim de torná-la abstrata e ideológica. Quanto à coisa em si, “o termo conceito é usado como designação da representação mental de algo que é entendido, compreendido, conhecido como o resultado de um processo de reflexão. Esse algo pode ser um objeto da prática diária, ou uma situação, uma sociedade, um conto” (MARCUSE, 1969, p 109).

Portanto, o conceito deve ter como premissa um processo de reflexão, digamos, o conceito deve ser o resultado de um processo reflexivo sobre algo. E, em qualquer dos casos, se tais coisas são compreendidas, “(...) tornam-se objetos de pensamento e, como tal, seu conteúdo e significado são idênticos aos objetos reais da experiência imediata e, não obstante, diferentes deles” (MARCUSE, 1969, p. 109). Ganha relevo o fato de que o entendimento sobre algo se faz objeto de pensamento ao qual, em confronto com o objeto da realidade, se mostra idêntico e também diferente. Ao explicar os desdobramentos dessa tensão, Marcuse (1969) conclui: “idênticos” no quanto o conceito denota a mesma coisa; “diferentes” no quanto o conceito seja o resultado de uma reflexão que tenha entendido a coisa no contexto (e à luz) de outras coisas que não aparecem na experiência imediata e que “explicam” a coisa (mediação)” (MARCUSE, 1969, p. 109, grifos do autor).

Acreditamos que as mediações que podem trazer reflexões aos conceitos que se pretendem entender o mundo existente e propor situações mais humanas a este, devem partir da esfera da educação e da cultura pela perspectiva daquilo que se deseja que estas venham a ser. É nesse sentido que acreditamos que outras situações e fatos adjacentes ao que se pretende ter como conceito, produzem um conceito na esfera da concreção (MARCUSE, 1969). Este teórico os denomina de conceitos cognitivos, “e, por sinal, todos os conceitos cognitivos têm um significado transitivo: vão além da referência descritiva a determinados fatos. (...) Ele conclui afirmando que em relação aos conceitos operacionais, “em virtude de

sua referência a essa totalidade histórica, os conceitos cognitivos transcendem todo conceito operacional, mas sua transcendência é empírica porque torna os fatos reconhecíveis como aquilo que eles verdadeiramente são” (MARCUSE, 1969, p. 110).

E por esse motivo, adotamos no início deste estudo a concepção de educação que considera os processos formativos que se desenvolvem nos vários lugares e tempos da esfera societal, mas desconsiderado os objetivos adotados por cada um desses núcleos em que tais processos se desenvolvem, pois os objetivos dos processos formativos que ocorrem em distintas esferas do social podem traduzir contextos educativos e culturais contrários ao que estes mesmos objetivos propõe. No transcorrer deste trabalho, o movimento do progresso na história, a emergência da irrazão, a indústria cultural e a semiformação como mediações, nos possibilita expressar a educação que, ao tempo que se desenvolve nos variados tempos e lugares, urge ter como objetivo a não repetição de Auschwitz, uma educação para a resistência, uma educação contra a barbárie (ADORNO; HORKHEIMER, 1985; ADORNO, 2003a; ADORNO, 2003b, ADORNO, 2003c, ADORNO, 2003e).

Criticando a ideia de positivação do pensamento na sociedade totalitária no mesmo contexto da formação e dissennimento de conceitos, Marcuse (1969) expõe que encontra-se um artifício pelo qual se chega a uma ideia de educação e formação voltadas para a adaptação à realidade. Esse teórico afirma que, por meio de uma série de abstrações sobre a concreção real, tem-se por resultado uma falsa concreção - essa também se apresenta sob a articulação dos conceitos operacionais:

Quando esses conceitos reduzidos governam a análise da realidade humana, individual ou social, mental ou material, chegam a uma falsa concreção – uma concreção isolada das condições que constituem sua realidade. Neste contexto, o tratamento operacional do conceito assume uma função política. O indivíduo e seu comportamento são analisados num sentido terapêutico – ajustamento à sua sociedade. Pensamento e expressão, teoria e prática, serão postos em harmonia com os fatos de sua existência sem deixar lugar para a crítica conceptual desses fatos (MARCUSE, 1969, p. 110, grifos do autor).

Esta analogia entre conceitos operacionais e conceitos cognitivos e com efeito a distinção que a segue, parece-nos fundamental para entender a contradição entre o que é e o que não é evidenciado nas reportagens e respectivos dados levantados neste nosso estudo. Ao exhibir os fatos, o faz de modo a não contextualizá-los, como por exemplo, apresentam o fato que exemplifica a violência contra alguém, conceitos operacionais; mas não tratam elementos adjacentes ou subjacentes aos fatos, como por exemplo, exclusão social, fome, vida pregressa do autor; mediações que podem levar a conceitos cognitivos (MARCUSE, 1969).

Ocultando elementos que orbitam na mesma dinâmica da violência, esses veículos de comunicação podem se abster da necessidade de distinguir elementos heterogêneos, como por exemplo, o financeiro, que, indubitavelmente, destacar-se-ia numa análise contextualizada, concreta pelas mediações históricas, políticas e econômicas; conceitos cognitivos. (MARCUSE, 1969).

A ausência de mediações, e com efeito a ausência de contextualização, parece que não se resume ao ato que caracteriza o fato em si, pois, frequentemente, as diferenças que na mídia é marcante no fato, se alternam entre a ocultação e a exposição de características dos autores de violência, a saber: das 99 reportagens sobre violência, 25 foram perpetradas por autores negros, característica omitida em todas as reportagens, porém, observada por nós visualmente, e que pode ser constatada por qualquer pessoa ao acessar os arquivos. Das 74 restantes, em duas foi claramente expressa a característica da pessoa branca que estava na posição de autor da violência. Ou seja, a reportagem dá ênfase a certos critérios ao tempo em que omite outros, enfatizando determinado critério numa dada situação e elidindo o mesmo critério em outra situação de mesma natureza. Realiza aquilo que mais critica quanto ao negro, à mulher, ao homossexual, em relação aos que desconsideram as particularidades. Portanto, faz-se ideologia e nos lembra “que a identidade mal disfarçada dos produtos da indústria cultural pode vir a triunfar abertamente já amanhã (...)” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 102).

Mas com base no conjunto de reportagens e considerando que os grupos vitimados almejam igualdade de todas as matizes, buscamos observar outras perspectivas e expectativas dos grupos que se destacaram de modo mais significativo - negros e mulheres. Assim, indagamos qual seria a liderança desses grupos alvo do maior quantitativo de vítimas de violência, segundo os dados aqui expressados, pois, parece-nos que os integrantes dos grupos que se destacaram acreditam que a própria emissora que os expõem todos os dias em seus telejornais seja uma liderança a ponto de substituir alguém que poderia se apresentar e galgar quadros políticos expressivos. Entendemos que essa seja uma contradição insolúvel e que o conglomerado midiático citado aqui neste estudo está, e sempre esteve, a serviço do grande empresariado, do imperialismo mundial cristalizado nos países mais ricos, mas se insinuando como parceiro das denominadas minorias, a fim de arrefecer a dinâmica de luta desses grupos por direitos essenciais. Conglomerado esse que também apoiou a ditadura militar no Brasil por 20 anos, é sabido, orquestrada na América Latina e apoiada no Brasil pelos Estados

Unidos da América (EUA) mas, depois, esse mesmo conglomerado midiático, veio a público reconhecer que foi um erro e pedir desculpas (ZANIN, 2015).

Sob essa perspectiva de análise, e para o que estamos tratando como o verso dos sofrimentos e suas reais variedades, buscamos uma apreensão a partir de arquivos que catalogam os sofrimentos mais conhecidos e suas origens, e não como se configuram nos meios de comunicação, a frente, partindo de manipulações editoriais carregadas de imparcialidades. É assim que voltamos a atenção para a materialidade de três universos de sofrimentos, a saber: os oriundos de problemas físicos, os oriundos de problemas mentais, esses dois independentemente se são congênitos ou adquiridos por acidente ou desenvolvidos no escoar da vida da pessoa; e dos sofrimentos advindos da cotidianidade das pessoas sob a racionalidade administrada, cujo efeito tende a empobrecer culturalmente as pessoas em uma mesmice que vai ao encontro da idiotia (ADORNO; HORKHEIMER, 1985).

Para esta apreciação, no que se refere à deficiência física, o contexto que nos orienta expõe a ideia e exemplos do que ela seja:

Alteração completa ou parcial de um ou mais segmentos do corpo humano, acarretando o comprometimento da função física, apresentando-se sob a forma de paraplegia, paraparesia, monoplegia, monoparesia, tetraplegia, tetraparesia, triplegia, triparesia, hemiplegia, hemiparesia, ostomia, amputação ou ausência de membro, paralisia cerebral, nanismo, membros com deformidade congênita ou adquirida exceto as deformidades estéticas e as que não produzam dificuldades para o desempenho de funções (BRASIL, 1999, SP)

No que se refere à deficiência intelectual, apesar da ideia de deficiência intelectual ser questionável por apresentar contradições, padronizar a subjetividade, a Fiocruz a define:

(...) como o estado de redução notável do funcionamento intelectual inferior à média, associado a limitações pelo menos em dois aspectos do funcionamento adaptativo: comunicação, cuidados pessoais, competências domésticas, habilidades sociais, utilização dos recursos comunitários, autonomia, saúde e segurança, aptidões escolares, lazer e trabalho (FIOCRUZ, 2022, SP).

Em suma, “quase 46 milhões de brasileiros, cerca de 24% da população, declarou ter algum grau de dificuldade em pelo menos uma das habilidades investigativas (enxergar, ouvir, caminhar ou subir degraus), ou possuir deficiência mental/intelectual” (IBGE, 2022, SP). Este quadro nos aproxima da realidade dos sofrimentos e da violência que antecede o restrito grupo representado enfaticamente nos dados emblemáticos que levantamos a partir do canal midiático observado na medida em que expõe uma realidade de vulnerabilidade de um grande número de pessoas que extrapola as categorias e grupos que a grande mídia elegeu e

repercute diunoturnamente. Por outro lado, sendo os produtos e os chamados bens da indústria cultural, artigos e meios de fruição que obedecem a um determinado esquematismo que os padroniza, se faz violência contra este quantitativo da população com algum grau de dificuldade em alguma habilidade, uma vez que as pessoas não são padronizadas, em especial os que possuem limitações consideradas como problemas de saúde, contudo, estas pessoas não são as preferidas do canal midiático aqui observado.

O esquematismo do procedimento mostra-se no fato de que os produtos mecanicamente diferenciados acabam por se revelar sempre como a mesma coisa. (...) os próprios meios técnicos tendem cada vez mais a se uniformizar (...) prometem aumentar o empobrecimento dos materiais estéticos a tal ponto que a identidade mal disfarçada dos produtos da indústria cultural pode vir a triunfar abertamente já amanhã (...) (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 102).

O esquematismo é mais um dispositivo que manifesta de modo claro a racionalidade administrada que manipula meios e fins em razão da dominação existente. Violenta o Ser e sela as pontas da malha espessa que nos cerca a todos numa cultura esvaziada de sentido (ADORNO, 2003b).

Com este quadro sobre males materiais e imateriais congênitos ou ocasionados por acidentes e também por incidentes, pelo seu quantitativo e variedade e conseqüentemente dos sofrimentos psíquicos daí resultantes, podemos afirmar que a exclusão que se manifesta de modo geral nas pessoas é regra, e não exceção. Essa afirmação se sustenta pela condição de que cada pessoa com a sua deficiência, com o seu problema, com a sua limitação, seja física ou intelectual, será de alguma forma em algum momento vitimada por ações de preconceito, especialmente por demonstrar dificuldades para a realização de alguma tarefa, por possuir essa ou aquela limitação, ou característica aparente ou que apareça no decorrer de qualquer relação social ou na realização de alguma atividade no contexto do labor, do prazer, do lazer. Ainda que muito pese a violência efetiva sobre aquelas vítimas eleitas pela grande mídia,

em um estudo que comparou o preconceito contra o negro, contra o judeu, contra a pessoa com deficiência física e contra a pessoa com deficiência intelectual em estudantes universitários, constatou-se que o preconceito foi maior contra as pessoas com deficiência física e menor contra os negros (CROCHICK, 2004 apud CROCHICK; ZANOLLA, 2021, p. 26).

Então, com base na grande variedade de caracteres particulares de natureza física e mental, e nas relações reais em que se expressa o preconceito e suas violências de forma distinta contra vítimas já recorrentes, deficientes e negros, conforme Crochick e Zanolla

(2021), reafirmamos que a existência deste universo de referência para preconceitos e exclusões, eleito pela grande mídia, é, no mínimo, equivocado, quiçá uma violência, um ato de exclusão, uma atitude preconceituosa com as pessoas vítimas de violência, e excluídas por não terem sido eleitas no cenário midiático observado. Entretanto, Adorno (2003c) nos orienta que uma análise, acerca das representações apenas da televisão, pode nos levar a equívocos, pois há de se considerar os demais meios de veiculação do âmbito da indústria cultural para, somente então, ter com mais clareza o tipo de ideologia que se vincula.

Portanto buscamos outros elementos que possam corroborar ou não os valores propagados pelas notícias dos dados que levantamos, e nesta direção, a inversão do ponto observado pode ser de grande valia para uma compreensão mais concreta sobre exclusões e violência, com efeito, sofrimentos. Talvez, a face do verso da exclusão por essa inversão possa se expressar de modo mais peculiar quando nos reportamos a Goellner (2009 apud BAPTISTA, 2013, p. 1). Baptista (2013) nos orienta sobre a existência de um padrão de corpo, o qual se detém nos postulados da indústria cultural e naturalmente remete à exclusão, às manifestações e perfis de corpos que escapam do padrão construído.

Para esse autor, o padrão de corpo constitui-se dos seguintes elementos: jovem, forte, branco e magro. Ora, percebemos facilmente o quanto sofrerão processos de exclusão os corpos que se encontram fora deste padrão, e não nos referimos, neste momento, aos corpos com limitações físicas e mentais. Nesse contexto, a exclusão e a violência referem-se à estética e se manifestam na medida em que os corpos à margem desse padrão são vítimas de violência de seus iguais ou de si mesmos quando buscam alterações no sentido de se aproximarem desse padrão, lançando-se em cirurgias, treinamentos e dietas (BAUMAN, 2008).

Se há um perfil padrão e esse corresponde a um quantitativo mínimo em determinada sociedade, não é difícil concluir que todas as pessoas que fogem a esse padrão encontram-se excluídas quanto a este quesito, a estética, cuja importância é de grande reconhecimento em uma sociedade em que a aparência vai assumindo posição cada vez mais central (BAUMAN, 2008). Isso porque, para cada relação, trabalho, lazer, relação íntima, os quesitos físicos, não especificamente estéticos e os de natureza intelectual, irão se fazer critério passível de exclusão para os não alí inseridos, e sobre todos esses, a miséria financeira. Portanto, parece-nos que a exclusão é estrutural e não pontual, pois se faz circunstancial devido ao momento, à situação, mas está na estrutura social, à espreita. Nesse mesmo sentido Adorno (1995c)

afirma que a civilização engendra por si mesma o anticivilizatório e o reforça progressivamente.

Entendemos que a imensa maioria das pessoas não atende aos padrões sociais em algum quesito e por isso é passível de sofrer exclusão e violência. Por essa assertiva, não estamos indicando que todas as vítimas sofrem na mesma proporção, tanto em quantidade como em intensidade. Reafirmamos, porém, que esse critério quantitativista obscurece a reflexão sobre o fenômeno, e que a violência, de modo concreto se centra no sentimento de gratuidade e de arbítrio por meio do qual o violentado fica submetido a um desprazer desnecessário ao seu crescimento, desenvolvimento e manutenção de seu bem-estar psíquico (COSTA, 1986).

Por esse motivo, buscamos sustentar que a face da frente dos fatos aqui demonstrados pelos grandes meios de comunicação parece apresentar apenas uma parte dos preconceitos e violências afirmadas na realidade, apesar de a mídia referida os apresentar de modo a insinuar que estes compreende o todo. Então, na medida em que toma essa parte como todo, pois se elide o restante da totalidade, induz a uma atenção focada apenas nessas características das vítimas eleitas, velando, assim, a realidade e praticando ideologia como manipulação da verdade. No que se refere à relação entre televisão e ideologia, essa ocorre por meio da

(...) tentativa de inculcar nas pessoas uma falsa consciência e um ocultamento da realidade, (...) procura-se impor às pessoas um conjunto de valores como se fossem dogmaticamente positivos (...) existe ainda um caráter ideológico-formal da televisão, ou seja, desenvolve-se uma espécie de vício televisivo em que por fim a televisão, como também outros veículos de comunicação de massa, converte-se pela sua simples existência no único conteúdo da consciência, desviando as pessoas por meio da fatura de sua oferta daquilo que deveria se constituir propriamente como seu objeto e sua prioridade (ADORNO, 2003c, p. 80).

Por essa realidade, a televisão desenvolve um papel devastador na formação das pessoas. “Neste sentido, instituições como a educação e o jornalismo que possuem papel fundamental na constituição humana, tendem a se instrumentalizar e ser convertidos a um objeto mercadológico” (ZANOLLA; PONTES, 2021, p. 176). E estas autoras concluem afirmando que

identificamos a conjuntura social, em que é sacrificado o conteúdo sério, comprometido com a emancipação, a humanidade e a solidariedade, levando, assim, aos telespectadores, notícias sensacionalistas acerca da temática da violência, importando o superdimensionamento do fato em si e a exploração da dor do outro em detrimento da informação pela lucrativa audiência. Dentro desse processo são oferecidos aos telespectadores não só conhecimentos fragmentados e imediatistas, mas ideologias que mantêm o poder político e econômico, reforçando o contexto de

dominação cultural e de submissão que fomenta a barbárie não só em forma de inaptidão à experiência, mas em incitação à violência de uma razão administrada e irrefletida, que apequena a condição humana de resistir e prevenir a desumanização em todos os sentidos (ZANOLLA; PONTES, 2021, p. 176).

O que nos parece é que atualmente tende a ocorrer a capitulação desses grupos eleitos pela mídia, por frações da burguesia, no sentido de arrefecer os verdadeiros interesses de emancipação daqueles, na medida em que essas frações burguesas, especialmente as grandes mídias, assumem a liderança desses movimentos. Concedem-lhes certas disposições que se referem ao reconhecimento de suas características físicas, culturais e históricas, mas com limitações que os mantêm sob certos controles. De modo contextualizado, trata-se de entender “como as burguesias se organizam para capturar a nossa autonomia, a nossa solidariedade de classe, a percepção nossa de que a igualdade é necessária, o apagamento da igualdade e o elogio da catástrofe igualitária” (FONTES, 2021, s.p.).

Por isso se pode afirmar que “a violência da sociedade industrial instalou-se nos homens de uma vez por todas. (...) cada qual é um modelo da gigantesca maquinaria econômica que, desde o início, não dá folga a ninguém, (...) inevitavelmente, cada manifestação da indústria cultural reproduz as pessoas tais como as modelou a indústria em seu todo.” E assim, “para todos algo está previsto; para que ninguém escape, as distinções são acentuadas e difundidas. (...) cada qual deve se comportar, como que espontaneamente em conformidade com o seu *level*, previamente caracterizado por certos sinais (...)” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p 105-101-102, grifos dos autores).

Percebemos também neste cenário, uma outra forma de capitulação baseada no critério da igualdade, tão caro na luta implementada pelas denominadas minorias. Pensamos que, assumindo a posição de abandono de outras vítimas ou assumindo a posição de preferidos em relação a outras vítimas de violência, grupos como negros e mulheres se fazem sujeitos hipostasiados no idealismo, rompem a tensão com o objeto (ADORNO, 1995a). Com efeito, “como a percepção pura, (...) que a coisificação a que o sujeito soberano submeteu tudo, incluído ele, é aparência. Para o abismo de si mesmo, ele transporta tudo quanto escaparia à coisificação: (...) com isso, concede salvo conduto a qualquer outra coisificação” (ADORNO, 1995a, p. 197).

A via do salvo conduto leva à imposição do critério da igualdade do desigual, por esta via, atores vinculados a setores privilegiados estariam autorizados a defender as suas posições de modo claro e pseudolegítimo. As consequências da desigualdade se expressam na medida em que a defesa dos interesses das chamadas minorias seja uma luta árdua e repleta de

obstáculos e inimigos, além de se limitar a círculos que não abrangem de modo efetivo a totalidade das relações sociais. O mesmo não ocorre em relação aos interesses defendidos pelos integrantes das frações economicamente privilegiadas, os quais possuem repercussão social de grande e intensa amplitude, uma vez que “o que não se diz é que o terreno no qual a técnica conquista seu poder sobre a sociedade é o poder que os economicamente mais fortes exercem sobre a sociedade” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 100) Acreditamos que por essa via entra-se numa relação de forças desiguais, regride-se ao ponto de partida, ou seja, a luta por reconhecimento é obstruída ou no mínimo arrefecida.

Por outro lado, a crença de que algumas frações privilegiadas tornaram-se repentinamente benevolentes sem motivos claros, e agora apoiam grupos que, ao longo de sua existência, desprezaram, não nos parece razoável. Pelo contrário, pensamos pela possibilidade de, ao eleger e destacar alguns grupos em específico setores com privilégios sociais como canais de televisão, opera-se uma dinâmica sedimentada no fato de que na sociedade “(...) os homens individuais procuram o lucro, procuram a sua vantagem individual, de que precisamente, por meio dessa insistência, no princípio de individuação, o todo se conserva vivo e se reproduz sob gemidos e suspiros e à custa de inomináveis sacrifícios” (ADORNO, 2008, p. 128). Não estariam esses grupos com histórico marginalizado sendo seduzidos por algumas concessões dos direitos e reconhecimentos sempre negados?

E podemos acrescentar que

(...) justamente porque o todo ou a totalidade da sociedade se matêm vivos não em decorrência da solidariedade, a partir de um sujeito social coletivo, mas apenas através dos interesses antagonistas dos homens, por isso se introduz de modo constituinte nessa sociedade da troca racional, a partir de sua raiz, um momento de irracionalidade, que a todo momento ameaça explodi-la (ADORNO, 2008, p. 128).

Essa afirmação corrobora a ideia de que o interesse antagônico entre as pessoas é fundante nas formas sociais atuais, o que parece pôr em questão uma metodologia que não caracteriza o negro na posição de autor da violência, ao tempo que frisa, destaca quando este é vítima e o autor é branco. Assim como nas circunstâncias que envolvem mulheres e homens, parece-nos que o objetivo a ser alcançado é o antagonismo entre essas frações, e não a mitigação das diferenças, desigualdades e sofrimentos; pelo contrário, a manutenção ou acirramento dessas violentas divergências. Nesse sentido, reafirmamos que, das 99 reportagens sobre violência, 25 foram perpetradas por autores negros, característica omitida nas reportagens, mas por nós observada visualmente. E das 74 restantes, em duas foi

claramente expressada a característica da pessoa branca que estava na posição de autor da violência contra o negro.

Por fim, na reportagem do dia 20 de abril, o Deputado Estadual Arthur do Val, de SP, anuncia que vai renunciar ao cargo. (O deputado se tornou alvo do Conselho de Ética após enviar áudios com mensagens machistas sobre mulheres ucranianas.). Um importante dado omitido na reportagem, mas presente no áudio, dá conta de que o deputado cita que a possibilidade de se aproveitar das ucranianas é porque elas são pobres.

Este fato, a nosso ver, demonstra claramente três descompromissos sociais da emissora de televisão do programa observado: 1) a tentativa de manipulação dos telespectadores; 2) o interesse em destacar uma característica independente das outras características da pessoa e da situação ocorrida; 3) a clara intenção de construir um culpado e assim desviar o foco do verdadeiro algoz, o capitalismo tardio com as suas formas sociais atuais sempre mais opressivas e já em contexto de barbárie real, e, sobretudo, destacamos que independentemente do processo de dominação, o ato violento que se expressa no menor desrespeito ao outro é e sempre deve ser abominável, e portanto, injustificável apesar de recorrente e em vias de naturalização.

2.3 Agruras advindas da relação do indivíduo com a sociedade

Neste item, buscamos centrar as nossas atenções nos sofrimentos oriundos da reprodução da vida cotidiana, da relação que as pessoas travam com os seus iguais e buscam superação de problemas para reproduzir cotidianamente a sua própria existência. Neste escopo, foi possível identificar a existência de uma sociedade administrada por uma razão tecnologizada, por meio da qual a vida imita a obra cristalizada nas mídias e, portanto, reproduzida também largamente nas relações humanas, estruturando uma retrição das manifestações individuais ao extremo, levando-o à condição de indivíduo constituído a partir da ilusão socialmente necessária (ADORNO; HORKHEIMER, 1985; ADORNO, 1995b). Seja com a estrutura social representada por instituições, seja com outras pessoas, as relações se dão na forma do sujeito e objeto, correlação essa que se põe como objeto central deste item.

Na dinâmica das relações entre sujeito e objeto, a compreensão passa pelo escopo de entender o Ser humano, seu universo interior em relação com o mundo que o cerca. Para tanto, é necessário ter em conta que “o homem é resultado, não Eidos (...)” (ADORNO, 1995b, p. 200). Por essa perspectiva, o Ser humano possui, em si, uma ausência que o

impulsiona para o que lhe falta, sendo essa falta o motor da relação para com o outro. Por isso,

a incompletude humana funda a ambivalência que gira, de maneira instintual, em torno da satisfação das necessidades, determinadas pelos instintos primários (autodestruição e morte); ou, de sua renúncia, elaboração que leva à consciência das contradições existentes entre o sujeito e o objeto, efeito que confronta a realidade frente aos impeditivos éticos em razão da vida social (autopreservação). Isso postula um pensamento que reconhece limites entre a constituição ideal do sujeito e as possibilidades formativas, advindas das exigências sociais (ZANOLLA, 2014, p. 5-6).

Sendo incompleto, o Ser se caracteriza profundamente por carências que o direcionam para o mundo exterior, mas a vida em sociedade se constitui de leis e normas que estabelecem limites e proibições, as quais não raramente bloqueiam desejos e necessidades da pessoa. Contudo, a relação com o mundo exterior, com o outro, segue fundante para os seres humanos, independentemente dos tipos e formas sociais estabelecidas no escoar da história, fenômeno esse que encontra as suas raízes quando se considera que,

Do ponto de vista da história da evolução, antes cabe presumir a prioridade temporal ou, pelo menos, a contemporaneidade da espécie. Que “o” homem deva ter existido antes da espécie, ou é reminiscência bíblica, ou puro platonismo. A natureza, nos seus graus inferiores, está cheia de organismos não individuados. Se, com efeito, os homens, segundo tese de alguns biólogos modernos, nascem muito menos aparelhados que outros seres vivos, não podem conservar sua existência senão por meio de um trabalho social rudimentar, isto é, associados; o “*principium individuationis*” lhes é secundário, hipoteticamente, uma espécie de divisão do trabalho biológica. É inverossímil que, no princípio, tenha surgido primeiro, arquetipicamente um homem individual qualquer. A crença nisso projeta miticamente para o passado, ou para o mundo eterno das ideias, o “*principium individualitionis*” já plenamente constituído na história. A espécie talvez se tenha individuado por mutação para, logo, através de individuação, reproduzir-se em indivíduos, apoiando-se no biologicamente singular (ADORNO, 1995b, p. 200, grifos do autor).

Podemos perceber que a constituição do Ser, a partir da relação com o mundo exterior, é elemento-base para o Ser humano já a partir da constituição da espécie, e se confirma na formação do indivíduo, o que não significa que a relação do indivíduo com a sociedade, sujeito e objeto, tenha sido e seja algo harmonioso, livre de problemas.

Por isso, ao investigar os atritos e suas consequências advindos da cotidianidade, e sendo esse produto da colisão entre viventes e mundo social sob a racionalidade administrada, um fenômeno social se mostra muito relevante na medida em que assim expõe: “a unidade da coletividade manipulada consiste na negação de cada indivíduo. (...) a opressão da sociedade tem sempre o caráter da opressão por uma coletividade” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985,

p. 24-31). No entanto, essa opressão não se resume ao indivíduo sob a racionalidade administrada, visto que as determinações impositivas também se estendem sobre o coletivo. Por isso, “a forma de organização política é experimentada como sendo inadequada à realidade social e econômica; assim como existe a obrigação individual à adaptação, pretende-se que haja, também, obrigatoriamente, uma adaptação das formas de vida coletiva, (...)” (ADORNO, 2003g, p. 44). Individualidade negada pela coletividade e esta, forçosamente, se adapta a uma política inadequada à realidade. Pessoas e grupos se sentem fora de seus lugares.

Como se fosse pouco para o indivíduo a angústia de ser negado, esse é alvo de um processo de esvaziamento por meio da violência estabelecida no social. Nessa medida, “a pressão do geral dominante sobre tudo que é particular, os homens individualmente e as instituições singulares têm uma tendência a destroçar o particular e individual juntamente com seu potencial de resistência” (ADORNO, 2003e, p. 122). Portanto, o meio social mantém uma dinâmica opressiva sobre indivíduos e grupos, a qual melhor se compreende a partir da investigação de outras nuances que se estabelecem nesta interação entre sujeito e objeto. Isso porque os processos que materializam e impulsionam situações de hiato e irreconhecimento de si e do outro, em circunstâncias de grupo ou isoladas, possuem origens que orbitam em torno do que Adorno (1995b) pontua acerca de sujeito e objeto.

Todavia, esta indigência do Ser individual postula por si só a necessidade de uma educação, e com efeito uma formação que leve “ao esclarecimento geral, que produz um clima intelectual, cultural e social (...) em que os motivos que conduziram ao horror tornem-se de algum modo conscientes” (ADORNO, 2003e, p. 123).

Pelo exposto, a tendência em destroçar o individual, o particular, de acordo com Adorno (2003b), podemos afirmar que a interação sujeito e objeto se desdobra em uma dinâmica complexa que implica a constituição de um meio social desacolhedor, por isso, indubitavelmente, tende a levar a sofrimentos de várias ordens, fato observado a partir dos dados emblemáticos levantados, pelas determinações da indústria cultural articulada à racionalidade administrada (ADORNO; HORKHEIMER, 1985).

Outrossim, a partir da realidade dessa opressão sobre indivíduos e grupos, podemos afirmar que o entendimento dessa interação deve se lançar para muito além da polarização do sujeito ou do objeto. Isso porque a correspondência entre esses não se detêm numa relação dialética positivada por meio da qual “a passagem à práxis sem teoria é motivada pela impotência objetiva da teoria, e multiplica aquela impotência mediante o isolamento e fetichização do momento subjetivo do movimento histórico” (ADORNO, 1995c, p. 212). Essa

concepção dialética se desenvolve, se couber esse termo, numa dinâmica de apropriação da realidade de forma interessada e distorcida, a qual visa ou contribui com aspectos da dominação.

Por esse motivo, para a construção do humanismo dessemelhante, postulamos a individuação para a relação sujeito e objeto. Para a individuação “eu não diria que é possível conservar a individualidade das pessoas. Ela não é algo dado. Mas talvez a individualidade se forme precisamente no processo de experiência que Goethe ou Hegel designaram como “alienação”, na experiência do não-eu no outro” (ADORNO, 2003a, p. 153-154).

Posto isso, atentamos para uma visão acerca de sujeito e objeto em que “(...) não se pode prescindir de pensá-los como separados; mas o psêudos (a falsidade) da separação manifesta-se em que ambos se encontram mediados reciprocamente: o objeto mediante o sujeito, e mais ainda e de outro modo, o sujeito, mediante o objeto. (...)” (ADORNO, 1995a, p. 183). Tratar de sujeito é, de algum modo, tratar do objeto, assim como tratar do objeto é também lidar com o sujeito. Há uma correspondência entre ambos.

Na mesma linha de raciocínio, discorrendo sobre os processos atinentes a essa correspondência, “o indivíduo particular deve ao universal a possibilidade de sua existência; o pensar dá testemunho disso, ele que, por sua parte, é uma condição universal e, portanto, social. (...)” (Adorno, 1995a, p. 187). Nesta asserção, Adorno esclarece o quanto é real e necessária a compreensão da importância do sujeito para uma apropriação realista das relações estabelecidas no social, porém, esse mesmo autor não se furta em destacar que a primazia do sujeito na relação com o objeto, “num segundo giro copernicano¹⁵, carece de reflexões, pois não pode ser hipostasiada” (ADORNO, 1995a, p. 187).

Pela análise invertida, afirma-se que “a primazia do objeto significa que o sujeito é, por sua vez, objeto em um sentido qualitativamente distinto e mais radical que o objeto, porque ele, não podendo afinal ser conhecido senão pela consciência, é também sujeito” (ADORNO, 1995a, p. 187-188). Assim, é reafirmada a dialética da relação entre os elementos e destacada a não menos importância do objeto frente ao sujeito na dinâmica da relação.

Nesse sentido, Zanolla (2019) orienta que a primazia do objeto, como postulada por Adorno (1995a), constitui o segundo giro copernicano em seu contrário, e busca materializar uma apropriação mais aproximada da realidade quando busca o universo subjetivo para o entendimento do universo objetivo, ao tempo que procura libertar a práxis fetichizada sobre determinado pensamento que se pretende dialético, mas positivado sob o domínio do sujeito

¹⁵ Estabelece que as determinações se centram no sistema socioprodutivo. Preconiza a volta para o sujeito para se descortinar o universo sociohistorico. Ver Zanolla (2019).

totalizante. Vemos esse processo como nodal para a formação, na medida em que, considerando o movimento na dialética sujeito e objeto, o giro contrário identifica o indivíduo nutrido pelas determinações da racionalidade administrada, o que aponta para uma formação insuficiente à luz da humanização nas relações sociais, e com efeito indica a subjetividade como lócus de possível instrumento que possibilita o processo de emancipação do Ser.

Portanto, o sujeito é mediado pelo objeto, mas “mediatizado é também o objeto, só que, segundo seu próprio conceito, não está tão absolutamente referido ao sujeito como o sujeito à objetividade” (ADORNO, 1995a, p. 188). É, pois, uma relação de dupla constituição, ambos se constituem. E o isolamento ou consideração a apenas um desses polos manifesta uma distorção do real, pois, “o sujeito tanto mais é quanto menos é, e tanto menos quanto mais crê ser, quanto mais se ilude em ser algo para si objetivo. (...) objeto também não é [nada] sem sujeito” (ADORNO, 1995a, p. 198, grifos do autor). A supressão do sujeito levaria a uma objetividade falaciosa.

Entretanto, nas formas de sociabilidade hodiernas, encontramos-nos “num mundo em que até os pensamentos converteram-se em mercadoria e provocam ‘sale’s resistance’ (...)” (ADORNO, 1995c, p. 228). Fato que acirra a complexidade da correspondência do objeto com o sujeito. Os processos de mercadorização das relações têm como fulcro a forma mercadoria, o produto, mas se desdobraram sobre o conjunto das relações, e este é um ponto nodal porque “se a estrutura dominante da sociedade reside na forma da troca, então a racionalidade desta constitui os homens: o que estes são para si mesmos, o que pretendem ser, é secundário” (ADORNO, 1995a, p. 186).

A forma da troca centrada na mercadoria remete às origens do sistema socioeconômico, denominado capitalismo, seguramente foi se constituindo de modo disperso, pontual e ocasional como todo fenômeno novo, inovador. Entretanto,

Na década de 1860, uma nova palavra entrou no vocabulário econômico e político do mundo: “capitalismo”. (...) O triunfo global do capitalismo (...) foi o triunfo de uma sociedade que acreditou que o crescimento econômico repousava na competição da livre iniciativa privada, no sucesso de comprar tudo no mercado mais barato (inclusive trabalho) e vender no mais caro. Uma economia assim fundamentada e, portanto, repousando naturalmente nas sólidas fundações de uma burguesia composta daqueles cuja energia, mérito e inteligência os elevou a tal posição (...) (HOBSBAWM, 2018a, p. 21, grifos do autor).

Como o triunfo do capital é o triunfo da burguesia, uma vez sedimentado o mundo burguês, o capital torna-se o sujeito por excelência da sociedade burguesa, pois, “(...) economicamente, a quintessência do burguês era um ‘capitalista’ (isto é, um possuidor de

capital, ou aquele que recebia renda derivada de tal fonte, ou um empresário em busca de lucro, ou todas essas coisas juntas) ” (HOBSBAWM, 2018a, p. 366, grifos do autor).

Por uma organização política e econômica que centra o capital e marginaliza as necessidades de um Ser humano pleno no conjunto das relações sociais, a burguesia em posição de privilégio na sociedade viria a reafirmar seguidamente essa estrutura no decorrer da história. E enquanto estrato da sociedade capitalista,

uma das principais características da burguesia como classe era que consistia num corpo de pessoas com poder e influência, independentemente do poder e influência derivados do nascimento ou status. Para pertencer a ela, um homem tinha que ser “alguém”; uma pessoa que contasse como indivíduo, por causa da sua riqueza, capacidade de comandar outros homens ou de influenciá-los (HOBSBAWM, 2018a, p. 369, grifos do autor).

A posição de classe como privilégio dos que engendraram a nova sociedade foi assegurada de diferentes modos no escoar do tempo, inclusive por meio das armas e ideologias de dominação. Assim,

a burguesia dos penúltimos 25 anos do século XIX era esmagadoramente “liberal”, não necessariamente no sentido partidário (embora, como já vimos, os partidos liberais prevalecessem), mas num sentido ideológico. Acreditava no capitalismo, empresa privada competitiva, tecnologia, ciência e razão. Acreditava no progresso, numa certa forma de governo representativo, numa certa quantidade de liberdades e direitos civis, desde que compatíveis com a regra da lei e com o tipo de ordem que mantivesse os pobres no seu lugar (HOBSBAWM, 2018a, p. 371, grifos do autor).

Não contendo a sua crítica, Adorno e Horkheimer (1985, p. 128-129) apresentam outras características do burguês ao afirmar que:

O burguês cuja vida se divide entre o negócio e a vida privada, cuja vida privada se divide entre a esfera da representação e a intimidade, cuja intimidade se divide entre a comunidade mal humorada do casamento e o amargo consolo de estar completamente sozinho, rompido consigo e com todos, já é virtualmente o nazista que ao mesmo tempo se deixa entusiasmar e se põe a praguejar, ou o habitante das grandes cidades de hoje, que só pode conceber a amizade como *social contact*, como o contato social de pessoas que não se tocam intimamente.

A crítica constitui-se com base em outro contexto e leva, consigo, outros objetivos em relação às características postadas anteriormente pelo historiador. Por isso, manifesta outro ângulo de apreciação do sujeito, da classe aludida. Mas, longe de trazer uma contradição, desenvolve as características dessa sociedade, na medida em que aponta como seu objetivo, apenas os fins privados e, por isso, a trilha da barbárie materializada no burguês como nazista.

Bem diverso é o que propomos para as relações que procuram constituir o humanismo dessemelhante, uma vez que tem por objetivo uma formação menos desumana. A sociedade, fundada na mercadorização de tudo o que é possível, mantém seus integrantes de prontidão para a barbárie.

2.4 Não Ser, eis a questão

Com este título queremos indicar o que iremos denominar de inexistência efetiva do Ser, a partir de dois aspectos, o primeiro, que a organização econômica obriga muitas pessoas a viverem em situação de dependência e, por isso, “(...) conseguem sobreviver apenas na medida em que abdicam seu próprio eu” (ADORNO, 2003g, p. 43); o segundo aspecto, “hoje está muito difundido o hábito mental de, em vez de refletir objetivamente sobre a verdade e a falsidade da coisa mesma, deixa a decisão à época enquanto tal e, se possível, pôr em jogo coisas de anteontem contra as de ontem” (ADORNO, 1995d, p. 26).

Portanto, uma condição em que o sujeito impõe ao indivíduo abdicar o seu próprio eu, e outra em que o indivíduo se abdica de refletir o existente. Essa condição vai ao encontro dos esclarecimentos de Kant (1985) ao afirmar que a falta de esclarecimento é a condição de menoridade do homem para a qual ele mesmo é o culpado. Por outro lado, e não menos importante, a racionalidade administrada também permeia o indivíduo de modo a escolher por ele, determinar por ele (ADORNO; HORKHEIMER, 1985).

Este item tem como objetivo buscar a base teórica da forma mercadológica sobre a qual se assentam as relações sociais atuais. Pretendemos, também, entender alguns processos de violência que se manifestam vinculados a instituições e também aqueles desencadeados por tipos específicos de personalidades.

Sintetizando o contexto em que se situa o Ser no processo histórico, suas representações, aproximações, distanciamentos e perdas, Oliveira Neto destaca Kant e o empréstimo que fizemos da filosofia desse teórico. Para ele,

Kant, então, possibilitou à ciência investigar os fenômenos, as manifestações (...) mas nós nos esquecemos de que Kant nos alertava sobre a busca do homem. Nós não tivemos o devido cuidado com essa problemática, nos ativamos ao campo dos fenômenos e relegamos o ser ao esquecimento (...) uma formulação teórica não se restringe ao campo do saber, mas ela adentra as pessoas. No caso da meia escolha que fizemos da filosofia Kantiana, aquela destinada ao saber, o homem se converteu em fenômeno, algo contingencial (...) a teoria Kantiana ao deslocar o conhecimento da causa ao fenômeno permitiu uma série de procedimentos convincentes, mas o problema é a total exclusão do ser como manifesto em nossas vidas. Essa é a meia leitura que fizemos da teoria de Kant (OLIVEIRA NETO, 2021, p. 59).

Esse mesmo autor nos esclarece quanto às consequências do que ele denomina de meia leitura kantiana. Segundo ele,

essa meia filosofia Kantiana que nos agradou, deu guarida à sociedade da representação fenomênica, depois ao imagético, ao descartável, e não demorou em se converter em virtualidade, a qual, ao invés de meio ou recurso humano, se tornou um estilo de vida, se assim se pode dizer (OLIVEIRA NETO, 2021, p. 60).

Portanto, configura a ideia de um Ser deslocado de sua essência ao tempo que centrado no aspecto fenomênico, e com efeito, “nossas vidas foram sendo encaminhadas em uma crescente desumanização e, sem que nos déssemos conta, cada um de nós foi perdendo o que de mais essencial tínhamos, o ser” (OLIVEIRA NETO, 2021, p. 60).

Para Oliveira Neto (2021), a modernidade terá como um dos eixos definidores de seu processo de desenvolvimento a perda do Ser, na medida em que esse desenvolvimento se volta para o fenômeno, por meio de uma de suas principais referências a meia leitura de Kant. Para ele, a apropriação de meia leitura também ocorre com o pensamento Hegeliano e Marxiano dos quais tomamos de empréstimo apenas a história.

Parece que os apontamentos de Oliveira Neto (2021) converge com a ideia de Ser transcendental (ADORNO, 1995b), o qual é um dos elementos fundantes de sustentação das formas sociais hodiernas. Segundo a doutrina do sujeito transcendental, este expressa-se fielmente a primazia das “relações abstratamente racionais, desligados dos indivíduos particulares e seus laços concretos, relações que tem seu modelo na troca. (...) é a forma reflexa da coisificação dos homens, consumada objetivamente nas relações sociais” (ADORNO, 1995b, p. 186), sendo desprovido de laços concretos, ele aparece como fenômeno, o que vai ao encontro ao aspecto tomado do pensamento Kantiano que deu base à sociedade da representação fenomênica (OLIVEIRA NETO, 2021).

Entendemos que a visão de Oliveira Neto (2021) no que se refere à cultura do descartável converge com a ideia da cultura do indivíduo dispensável, pois, numa sociedade fundada na forma da troca o que os homens são para si, o que pretendem ser é secundário. E o fato de que “(...) o caráter fetichista, ilusão socialmente necessária, converteu-se historicamente no ‘prius’ daquilo que, de acordo com o seu conceito, ele seria o ‘posterius’” (ADORNO, 1995b, p. 186), estabeleceu nas relações humanas uma inversão que assenta a ilusão socialmente necessária como princípio-base, como se ilusão não fosse, e assim, manifesta a tentativa de incutir nas pessoas “uma falsa consciência e um ocultamento da realidade, além de, como se costuma dizer tão bem, procura-se impor às pessoas um conjunto

de valores como se fossem dogmaticamente positivos, (...)” (ADORNO, 2003c, p. 80). E ainda, por fundamentar-se na forma reflexa da coisificação dos homens “(...) a organização do mundo converteu-se a si mesma imediatamente em sua própria ideologia. Ela exerce uma pressão tão imensa sobre as pessoas, que supera toda a educação” (ADORNO, 2003a, p. 143).

Uma vez superada pela pressão da falsa consciência sobre as pessoas, à educação resta se subordinar a tais inculcações, pois, dos elementos que impedem “(...) a consciência de si e a autorreflexão do objeto: é muito mais o sentimento de impotência social, de dependência em geral, que impede a cristalização da autodeterminação (...)” (ADORNO, 2003h, p. 72). Ressaltamos que o fato de se subordinar à ideologia, ao geral, a educação se caracteriza por um tipo de educação que acreditamos provavelmente ser a mais expressiva na sociedade atual.

Portanto, a ilusão socialmente necessária se faz base das relações como se ilusão não fosse, e sobre essa base erigem ideologias e inculcações que permeiam as relações em geral e tende a subordinar a educação, e com efeito a cultura, a formação. Já indicamos que em um mundo em que até os pensamentos converteram-se em mercadoria, as pessoas agem de modo a perseguirem os seus próprios interesses, o que, com efeito, caracteriza, entre outros caracteres, a sociedade com os aspectos dos dados emblemáticos que apresentamos a partir de uma pesquisa de telejornal. E se de um lado identificamos a racionalidade administrada como dominação nas relações sociais, nos importa identificar as estruturas de base da ilusão socialmente necessária, o fetichismo, o qual não se desvincula da dinâmica da racionalidade administrada, mas possui as suas particulares e importância no que concerne constituir uma categoria fundada em outras bases, o humanismo dessemelhante.

O fetichismo é compreendido na medida em que se considera que o homem já se vê, se sente, desapossado do produto do seu trabalho na forma de mercadoria. Por isso, o fetichismo tem como fulcro a relação do homem com os produtos dos homens à luz das trocas (Marx, 1996). Neste sentido, o produto do trabalho possui um valor de uso para quem se interessar, mas possui um valor de troca, que o faz mercadoria e que é preponderante, pois a coloca no âmbito das relações sociais a serem trocadas por dinheiro, que lhes conferem tal valor de troca. Na perspectiva do dono da mercadoria, e por força de determinação das trocas, o valor de uso é abstraído e, com ele, é abstraído também o trabalho humano concreto que produziu o valor de uso no resultado do trabalho. O que restou no produto foi trabalho humano abstrato que caracteriza força de trabalho humana indiferenciada, pois considera apenas o seu aspecto quantitativo. Isso porque é o valor de uso que condensa o trabalho concreto, aquele com características qualitativamente distintas, coerentes com o trabalhador

que a produziu. Portanto, resta um trabalho homogeneizado cuja retribuição pode ser mensurada por tempo de trabalho, quantum de trabalho (MARX, 1996 apud PAULA, 2017, p 56-57).

Como a força de trabalho já foi paga previamente, conforme combinado da relação de trabalho, o negócio, os homens ao se depararem com os produtos do trabalho humano na condição de mercadorias, não os reconhecem como obra dos próprios homens. Sendo assim, é algo que ele vê como uma potência sobre ele, a qual ele não compreende, pois o produto do trabalho lhe é estranho porque foi arrancado dele sobre a base do trabalho estranhado. Desse modo, o conjunto de mercadorias que desfila nos mercados se apresentam aos homens como um mundo autônomo sob o qual estão submetidos pelas necessidades que possuem para a manutenção de sua existência e atendimento de demais necessidades de caráter social (MARX, 1996 apud PAULA, 2017, p 57).

Essa relação entre os homens e o produto de trabalho dos homens sob a forma de mercadoria, por manifestar com base no desconhecimento da essência da mercadoria por parte dos homens, se põe, portanto, como misterioso, místico.

A igualdade do trabalho humano assume a forma material de igual objetividade de valor dos produtos de trabalho, a medida do dispêndio de força de trabalho do homem, por meio da sua duração, assume a forma da grandeza de valor dos produtos de trabalho, finalmente, as relações entre os produtores, em que aquelas características sociais dos seus trabalhos são ativadas, assumem a forma de uma relação social entre os produtos de trabalho (MARX, 1996, p. 197 apud PAULA, 2017, p 58).

Portanto, o segredo do mistério se dissolve pelo conjunto da produção, distribuição e troca. A produção coletiva, portanto social, é fragmentada em núcleos de produção privada, nos quais as qualidades humanas são desprezadas em razão do aspecto quantitativo. Assim é ocultado o caráter coletivo da produção porque tão “[...] logo os homens trabalham uns para os outros, de alguma maneira, seu trabalho adquire também uma forma social” (MARX, 1996, p. 198 apud PAULA, 2017, p 58) E isso se dá por meio da passagem desse produto privado à esfera do social, na forma de mercadoria para trocas.

Contudo, o resultado do trabalho já é produzido como mercadoria, o que é garantido pela necessidade do consumo e pela capacidade de produção de coisas úteis. No conjunto dessas relações, os homens se fazem pessoas que entendem o mundo das mercadorias como autônomo e cuja existência independe do trabalho humano, mas dele os homens dependem.

Essa sequência de eventos, que nasce da necessidade que têm os homens de vender a sua força de trabalho, e também de atenderem as suas necessidades, põe o mundo das mercadorias na condição de potência sobre os homens, em plena sociedade humana. No entanto, “[...] não é mais nada que determinada relação social entre os próprios homens que para eles aqui assume a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas” (MARX, 1996, p. 198 apud PAULA, 2017, p 59)

Isso posto, e considerando que a organização do mundo se converteu a si mesma imediatamente em sua própria ideologia, e que essa exerce uma pressão tão imensa sobre as pessoas, que supera toda a educação, Adorno (2003f) ressalta que, não obstante, a realidade se compõe também por pessoas que se projetam pela perspectiva de que “a posição chave do sujeito no conhecimento é a experiência, não a forma” (ADORNO, 1995b, p. 194). Essas intervenções materializam a realidade do indivíduo cristalizada na sua experiência vivida, não se anulando, apesar de colecionar consequências desacolhedoras na relação com os outros, em razão do quantitativo de pessoas em posição oposta. Fenômeno desvelado quando se considera que

o caráter inquietante e coercitivo das formações coletivas, que se manifesta em seus fenômenos de sugestão, pode ser atribuído, portanto, à afinidade da massa com a horda primitiva, da qual descende. O caudilho é ainda o temido pai primitivo. A massa quer sempre ser dominada por um poder ilimitado. Ávida de autoridade, possui, segundo as palavras de Gustave Le Bon, uma inesgotável sede de submissão. O pai primitivo é o ideal da massa, e este ideal domina o indivíduo, substituindo nele seu ideal do Eu (FREUD, 1920c, p. 83-84).

Em outro contexto, mais esclarecimentos se convergem com a crítica ao efeito de adesão e submissão de uma pessoa a um grupo, a um líder, em detrimento ao próprio indivíduo. Expondo os processos de regressão advindos da indústria cultural sob o domínio da racionalidade administrada, a humanidade, em que pese as suas habilidades e conhecimentos, é ao mesmo tempo “forçada a regredir a estágios antropológicamente mais primitivos, pois a persistência da dominação determina, com a facilitação técnica da existência, a fixação do instinto através de uma repressão mais forte” (ADORNO, 1985, p. 40-41).

Desse modo, temos a possibilidade de afirmar que os componentes que dão materialidade ao mundo social com o qual colidem os viventes, constituem um cenário que manifesta uma condição de não lugar no sentido de que o Ser venha a viver um reiterado desentendimento de sua conexão com tudo mais que existe (ADORNO, 1995b).

Isso porque, sendo resultado e não Eidos, e constituído por uma incompletude que funda uma ambivalência que gira de maneira instintual em torno das necessidades, mas

buscando saná-las, o ser se defronta com uma coletividade manipulada que nega o indivíduo e tende a destruí-lo, Zanolli (2013). A coletividade está também forçada a se adaptar a uma realidade política e econômica inadequada, e no bojo desta dinâmica, sujeito e objeto se constituem (ADORNO, 1995b). Contudo, num mundo em que até os pensamentos se converteram em mercadoria, a estrutura dominante da sociedade reside na forma da troca e, por conseguinte, a sua racionalidade constitui os homens. Com efeito, é projetado na realidade o fenômeno do sujeito transcendental que se expressa a partir das relações abstratamente racionais, desligadas de indivíduos particulares e laços concretos, baseadas no modelo da troca, sujeito esse constitutivo do Ser em sua expressão no social. Por meio de uma repressão mais forte, se mantém a primazia do sujeito transcendental ao patamar de possibilitar na humanidade uma fixação a nível instintual Adorno (1995a). Não obstante, existe também consciências que se constituíram por elementos para além da forma mercadológica, e se articulam, por exemplo, visando uma cultura da resistência ao existente (Adorno, 2003a).

Quando se considera que o Ser desenvolve a sua existência por meio dessa dinâmica desacolhedora e inadequada, forçosamente posta a reproduzir os parâmetros que coadunam com uma vida instintual altamente regressiva. Em vista do desejo de realizações mais humanas voltadas a um desenvolvimento pleno do Ser, acredita-se que há o direito de afirmar que as pessoas irão apresentar, não raramente, sofrimentos de várias ordens.

Não desconsideramos a repulsa e demais sofrimentos do trabalhador no desempenho de suas funções laborais, seja por um ambiente de trabalho que o reprime e muitas vezes o humilha, seja por atividade considerada nociva à saúde, ou outras. Ribeiro (2018) nos conta sobre as variadas formas que materializam o que ele denomina de processos de mortificação do trabalhador. Para ele, “esse processo histórico do trabalho no capitalismo, extremamente carregado de conflito, (...) apresentou os elementos de resistência às mais mirabolantes formas e técnicas de exploração” (RIBEIRO, 2018, p. 77). E conclui evidenciando os efeitos desses embates históricos dizendo que “(...) essas oposições nem sempre se deram de forma claramente elaborada e manifesta, mas infiltraram-se nas tessituras íntimas dos indivíduos, afetando-lhe as fibras orgânicas e a conjuntura biopsíquica” (RIBEIRO, 2018, p. 77).

Mas o nosso escopo é identificar situações de sofrimento e violência manifestadas especificamente por meio de instituições ou em seu interior, e tipos específicos de personalidades, entre essas, as denominadas autoritárias (ADORNO, 2019). Por isso, o objeto se faz distinto daquele a partir do qual levantamos dados emblemáticos de um telejornal, pois, a violência lá observada apresentou como origem os atos de pessoas em suas vidas cotidianas.

Nesse sentido, em taxaço inédita em qualquer ramo ou circunstância comercial ou não, “a United Airlines (...) anunciou que as pessoas obesas terão que pagar duas passagens. Quem não gostou dessa op o pode comprar um bilhete na classe executiva, ou seja, bem mais cara”. (SALES FILHO, 2009, s.p.). Esse   um exemplo de pessoas com determinada característica, nesse caso, tidas claramente como desiguais. No caso em tela, a situa o adv m de uma postura que considera a gordura corporal mais que algo que se opõe   saúde e   est tica, e sim algo que caracteriza pessoas que não possuem autocontrole, algo que, como vimos, tem a pretensão de desconhecer o particular e, ainda assim, o destroçar.

Num outro episódio, “1% da popula o global det m quase metade de toda riqueza, e a riqueza somada de mais da metade dos mais pobres d  pouco mais de 1% do total”. (REUBER, 2016, S.P.). Extrema agressão   própria humanidade com tendência a ser naturalizada na medida em que a desigualdade vai sendo naturalizada, mais uma vez, pelo apagamento do indivíduo.

Em situa o também incomum no Brasil, outro incidente assustador: “Jovem mata tr s crianças e dois adultos a facadas em uma escola infantil em Santa Catarina” (GALARRAGA, 2021, s.p.). Fato incontestável de como a violência se encontra generalizada por ser instrumento de resolu o de problemas em geral. Nada mais apropriado para uma sociedade que marcha de modo geral para a regressão subjetiva por carregar a fixa o do nível instintual inculcado em seus processos subjetivos.

Outra notícia estarrecedora, também dizendo respeito a jovens, constata o sentimento de solidão, isolamento e desprezo social pelo seu Ser. “A desesperança do jovem e o suicídio como soluço”. (PENSO; SENA, 2020, s.p.). São situa es que materializam o desprezo das pessoas no agir social em rela o ao indivíduo, culminando em rela es em que o outro   tratado como coisa, objeto, algo desigual. Esse último caso apresenta a realidade de jovens que, sem perspectiva na vida, o suicídio surge como alternativa.

O agir social desse matiz, apesar de se expressar com ampla maioria entre as pessoas, não abrange a totalidade, uma vez que, também possuindo dificuldades e percebendo os momentos de dor, tanto física quanto psíquica, vivenciados, algumas pessoas se abst m do tratamento desigual, percebem que a dor de qualquer natureza não   algo privativo seu.

Outro produto nada interessante do capitalismo tardio apresenta-se na condi o do tresloucado, fenômeno que se liga   mutila o das reflexões da subjetividade, pois “o verdadeiro tresloucar [das Verruckte] consiste na impossibilidade de se deslocar

[Unverrückbarkett], na incapacidade do pensamento de atingir (...) diferentemente do juízo consolidado, o verdadeiro pensamento” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 160).

Como limitação dos exemplos desse contexto, observa-se o tipo alucinado, que carece de um ajuste ao mundo, ao princípio da realidade. Por isso,

(...) tal síndrome pode ser caracterizada pela frustração no sentido mais amplo do termo. No entanto, parece haver um padrão em que a frustração desempenha um papel muito mais específico. Esse padrão é encontrado naquelas pessoas que não conseguiram se ajustar ao mundo, aceitando o “princípio da realidade” – que falharam, por assim dizer, em encontrar um equilíbrio entre renúncias e gratificações e cuja vida interior é determinada pelas negações impostas sobre elas de fora, não só durante a infância, mas também durante a vida adulta. Essas pessoas são levadas [*driven*] ao isolamento. Elas têm que construir um mundo interior ilusório, que muitas vezes se aproxima da alucinação, enfaticamente estabelecido contra a realidade exterior (ADORNO, 2019, p. 556, grifos do autor).

Mas no contexto do tratamento desigual, podemos expor alguns dos processos que produzem autores e vítimas. Nesse sentido,

pela mediação da sociedade total, que engloba todas as relações e emoções, os homens se reconvertem exatamente naquilo contra o que se voltara a lei evolutiva da sociedade, o princípio do eu: meros seres genéricos, iguais uns aos outros pelo isolamento na coletividade governada pela força” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 41).

Destarte, se um dos principais critérios for a força, os oportunistas dispostos a usá-la como meio para seus interesses, ganha destaque no que denominamos de agentes de processos clássicos de violência. É com entendimento nesse escopo que elencamos tipos clássicos que se valem do desprezo com outros e alguns contextos que os cercam.

A perspectiva dos processos de violência originados das relações sociais e mediados ao largo das funções laborativas e outras obrigações, porém, de modo mais detido em circunstâncias que traduzem os autores de tais atos violentos, nos traz a percepção de que seja também de grande importância a identificação de alguns tipos humanos e das suas ações, que materializam processos de exclusão e violência. Por esse motivo, entendemos como valoroso ponto de partida a menção a esses atores com suas ações, instalados classicamente na sociedade, seja por meio institucional ou não.

Antes, porém, aludimos a grupos institucionalizados que, como componentes da esfera do Estado, são detentores do monopólio da violência (WEBER, 2010), e se caracterizam por compromissos profissionais que estabelecem as suas ações mediadas pela força. É nesse

sentido que citamos os compromissos das Forças Armadas, as quais, segundo o Art. 41 da Constituição Federal de 1988,

são instituições nacionais permanentes e regulares, organizadas com base na hierarquia e na disciplina, sob a autoridade suprema do Presidente da República, e destinam-se à defesa da Pátria, à garantia dos poderes constitucionais e, por iniciativa destes, da lei e da ordem e das polícias especialmente militares que, segundo o mesmo documento, a elas “cabem a polícia ostensiva e a preservação da ordem pública (...) (BRASIL, 1988, S.P).

Podemos afirmar, pelas suas funções, e principalmente pelos arquivos históricos, que os seus integrantes são formados por princípios que se valem da força, da violência, o que é sabido com os rituais de formatura de seus integrantes, bem como a aprovação nas fases que constituem os seus processos formativos. Esses se caracterizam, de um modo geral, por tornar o indivíduo capaz do uso da violência para a consecução irrestrita das ordens, segundo hierarquia e disciplina como princípios fundamentais dessas instituições. Esses processos formativos se caracterizam também como educação, para a repressão, para o estabelecido, pela força.

E a contragosto, ou como pano de fundo de suas belas missões institucionais, o uso da violência perpetrado pelos integrantes das Forças Armadas e polícias contra a própria população brasileira encontra-se na história, especialmente no período da ditadura militar, marcado pelo uso escandaloso e hediondo da violência contra a população nacional.

Ressaltamos, porém, que, no universo do indivíduo integrante das Forças Armadas e polícias, seguramente há, entre eles, aqueles que, no exercício profissional, movidos por sentimento de solidariedade e justiça, se opõem na medida do possível a atos hediondos e cruéis. Isso porque a sujeição à razão instrumental ocorre em níveis diferentes nas pessoas, podendo ir da resistência à sujeição irrestrita.

Entretanto, há contextos e tipos de personalidade que se caracterizam como clássicos no que se refere ao uso da violência, os quais se encontram tanto nas esferas institucionalizadas como fora delas. Como não guardamos a pretensão de esgotar tais personalidades por meio dos apontamentos que se seguem, elencaremos alguns tipos com os quais se pretende construir uma ideia clara sobre os perfis típicos desses autores e suas ações passivamente causadoras de violência - ou incisivamente produtoras de violência.

A personalidade do tipo ressentimento superficial é explicitada por Adorno (2019), por meio de uma de suas entrevistas estruturantes de sua investigação acerca da personalidade autoritária. Este tipo “demonstra um preconceito muito forte em relação a todos os grupos de

minorias” e “considera os judeus como um problema”, seus estereótipos seguindo “praticamente o padrão tradicional” que ela assumiu mecanicamente do exterior. Mas “ela não acha (...)” (ADORNO, 2019, p. 536, grifos do autor).

Um outro perfil que se destaca, e nos interessa elencar, constitui a síndrome convencional, uma personalidade que assim se expressa:

(...) essa síndrome representa a estereotipia que vem de fora, mas que foi integrada no interior da personalidade como parte e parcela de uma conformidade geral. (...) a aceitação dos padrões dominantes é mais importante do que o descontentamento. O pensamento em termos de *ingroup* e *outgroup* prevalece o preconceito aparentemente não cumpre uma função decisiva dentro da constituição psicológica dos indivíduos, sendo apenas um meio de identificação fácil com o grupo ao qual pertencem ou ao qual desejam pertencer. (...) seu preconceito não é “racional”, na medida em que é pouco relacionado às suas próprias preocupações, mas, ao mesmo tempo e ao menos superficialmente, não é particularmente revelado, por conta de uma ausência característica de impulsos *violentos*, devido à aceitação generalizada dos valores da civilização e da “demência” (ADORNO, 2019, p. 538-539, grifos do autor).

Também destacamos a síndrome autoritária, tipo de personalidade que se constitui por processos que consideram que,

(...) em nossa forma de sociedade, as tendências sádicas, assim como as tendências masoquistas, realmente encontram uma gratificação. (...) na psicodinâmica do “caráter autoritário”, parte da agressividade precedente é absorvida e transformada em masoquismo, enquanto outra parte é deixada ao sadismo, que busca uma saída em direção àqueles com quem o sujeito não se identifica: em última instância, o *outgroup*. (...) a ambivalência é generalizada, sendo evidenciada principalmente pela simultaneidade da crença cega na autoridade e da prontidão para atacar aqueles que são considerados fracos e que são socialmente concebidos como “vítimas”. A estereotipia, nessa síndrome, não é apenas um meio de identificação social, mas tem uma função verdadeiramente “econômica” na própria psicologia do sujeito: ajuda a canalizar sua energia libidinal de acordo com as exigências de seu supereu extremamente rigoroso. Assim, a própria estereotipia tende a se tornar fortemente libidinizada e desempenha um papel importante na constituição interna do sujeito. Ele desenvolve traços de caráter profundamente “compulsivos” (...). (ADORNO, 2019, p. 544-545, grifos do autor).

Portanto, uma pessoa muito rigorosa consigo, estereotipada por excelência e com a distribuição da agressividade entre masoquismo e sadismo, direciona contra os fracos, os já reiteradamente vitimados.

Ainda podemos destacar o tipo psicopata, tipo que, conforme será visto, encontra-se próximo ao terreno do crime, e muitas vezes aí se insere.

(...) esses indivíduos são os mais “infantis” de todos: eles falharam completamente em “se desenvolver”, não foram de jeito algum moldados pela civilização. São

“associais”. Os anseios [*urges*] destrutivos vêm à tona de maneira explícita e não racionalizada. A força corporal e dureza – também no sentido de poder “apoderar-se – são decisivas. A fronteira entre eles e o criminoso é fluida. Sua indulgência com a perseguição é cruamente sádica, dirigida contra qualquer vítima indefesa; (...) (ADORNO, 2019, p. 553, grifos do autor).

Os nossos exemplos encontram limite na personalidade do manipulador. Considerado o mais perigoso, usa sem escrúpulos tudo e todos para a consecução de seus interesses.

(...) essa síndrome, potencialmente a mais perigosa, é definida pela estereotipia extrema: noções rígidas tornam-se fins e não meios e o mundo inteiro é dividido em campos administrativos, vazios e esquemáticos. (...) trata tudo e todos como um objeto a ser utilizado, manipulado, apreendido pelos próprios padrões teóricos e práticos do sujeito. Os aspectos técnicos da vida e as coisas *qua* “instrumentos” são carregados de libido. A ênfase está em “fazer coisas”, com ampla indiferença em relação ao conteúdo do que será feito (ADORNO, 2019, p. 561, grifos do autor).

O tipo manipulador tende a ser aquele cuja personalidade confunde com as perspectivas apresentadas pela dominação no social atualmente, ou seja, a intensa indiferença com o outro ao ponto de tê-lo como mero objeto de utilização. Por outro lado, empenha-se no fazer, o que oculta o como fazer, e o fazer o quê, os quais são os elementos que desferem a indiferença e o utilitarismo aos outros.

As nossas considerações sobre cada tipo de personalidade buscaram manifestar uma leitura do que se mostrou expresso por Adorno (2019) ao expor cada uma das síndromes apuradas em um de seus trabalhos de investigação, buscando compreender tendências antidemocráticas e tipos aptos a veicular ideologias, também antidemocráticas, que circulavam na cultura, bem como identificar padrões com tendências fascistas.

Sendo assim, nossas considerações procuraram apontar no sentido de trazer esses tipos e características evidenciados naquela obra e entendê-los à luz do contexto das relações sociais hodiernas naquilo que se aproxima do nosso objeto, o humanismo dessemelhante, o qual postula a necessidade que possui o Ser de se sentir de fato alguém mais pleno em seus objetivos e sentidos da vida que desenvolve. Procuramos apontar também, a (im)possibilidade de construirmos um conjunto de reflexões e comportamentos que possam ir ao encontro de atender essas necessidades num quadro que certamente se faz diferente para cada pessoa, e, com este quadro de (im)possibilidades buscaremos uma articulação no sentido de apresentar alguns traços que apresente um esboço da forma de ser do que denominamos humanismo dessemelhante.

A dinâmica deste segundo capítulo partiu de dados levantados por um programa de televisão aberta e expôs a divulgação de cada reportagem como se seguiu nas próprias edições

veiculadas. Posteriormente, procurou estabelecer uma crítica a este conjunto de reportagens a partir da contextualização destes mesmos dados à luz de conceitos concretos, mediados por elementos adjacentes ao conceito central. Segui-se daí que no mundo de relações o indivíduo é postergado da qualidade de sujeito, posto como meio para a realização do mundo dos negócios, o indivíduo sofre indiferenças e desigualdades. Questionamos a tendência hodierna de instituições, grupos e pessoas, em circunscrever estes sofrimentos a indivíduos e grupos com certas características, elidindo a pobreza extrema e a fome como o topo de sofrimentos. Esta condição parece apontar não somente para uma posição que resguarda de críticas o capitalismo tardio, uma vez que põe as desigualdades como ação naturalmente voluntária das pessoas que deve ser resolvida por meio da divergência entre elas, mas também, entendemos que este posicionamento comum nas grandes mídias, aponta para a necessidade de entender as posições destes grupos mulheres e negros entre outros, e pessoas de mais diferentes características de mais diferentes naturezas, como interessadas num mundo mais humano, e que portanto, são vitimadas quando tem os seus sofrimentos tomados como instrumentos de pseudo trabalho democrático e de alto valor social, como aqui procuramos elucidar em relação ao canal de televisão observado.

Para melhor entendimento desta circunstância se faz necessário buscar um contexto mais amplo, o qual possa se referir de modo mais substancial à dinâmica dos grupos e pessoas que lutam por reconhecimento, Honneth (2003), no atual contexto concebido como pós-modernismo Harvey (2005), permeado por múltiplas modernidades Fontes (2021). È o que propomos como componentes importantes para as reflexões do nosso próximo capítulo.

CAPÍTULO 3 - EDUCAÇÃO E HUMANISMO DESSEMELHANTE

O termo dessemelhante é usual por Adorno em algumas de suas obras. Em dialética negativa em uma das passagens de uso deste termo, tratando sobre o Ser e o ente, Adorno se refere à “(...) contenda grega sobre se é o semelhante ou o dessemelhante que conhece o semelhante (...)” (ADORNO, 2009, P 131), e prossegue afirmando que pela tese de que só o semelhante pode conhecer o semelhante, para a teoria do conhecimento produziria com efeito, “(...) a consequência falsa de que o objeto é o sujeito. A filosofia tradicional arroga-se como conhecedora do dessemelhante, na medida em que o torna semelhante a si mesma, apesar de com isso só conhecer propriamente a si mesma” (ADORNO, 2009, p 131).

O termo dessemelhante se refere à ideia de não-idêntico, o que aparece de modo elucidativo em outra obra de Adorno. “Como verdadeiramente não-idêntico, o objeto é tanto mais afastado do sujeito, quanto mais o sujeito constitui o objeto” (ADORNO, 1995a, p 196). Sujeito e objetos não são contrapostos, não são idênticos, sujeito e objeto são constitutivos, são não-idênticos. (ADORNO, 1995a).

Este capítulo pretende expressar o contexto que justifica a motivação de propor o humanismo dessemelhante como categoria em construção no desenvolvimento deste estudo, para tanto, este capítulo se divide em: 3.1 Insuficiências de uma realidade para as realidades, procura retomar a discussão acerca do contexto que envolve os dados emblemáticos objeto do segundo capítulo, em que nos posicionamos por meio de uma crítica radical à posição em geral manifestada pelas mídias e respectivos grupos e pessoas por ela eleitas. Neste sentido, buscamos uma ampliação desta discussão na medida em que procuramos centrá-la no ponto de vista da relação destes grupos e pessoas denominadas minorias com o todo social e não sob a posição das mídias, nesta dinâmica buscando elucidar a complexidade do fenômeno das múltiplas modernidades Fontes (2021), da luta por reconhecimento Honneth (2003) e das contradições que emergem da relação dessas minorias com o todo social Harvey (2005).

Em seguida, no item 3.2 Humanismo dessemelhante: contextualização e apontamentos teóricos, apresentamos um aporte teórico fundamentado em teóricos do período da Renascença e teóricos da teoria crítica da educação. Posteriormente, o item 3.3, Do Ser para a formação, apresenta traços que tentam materializar formas de ser do Ser, que a partir de componentes do humanismo e da educação crítica esboçam a nossa ideia de humanismo dessemelhante, e pretende situar o humanismo dessemelhante no contexto das relações em que se desenvolve e para as quais ele se volta - o meio social, a cultura, a educação. O item

3.4 A praxis e suas (im)possibilidades para a educação humanista, busca apresentar o humanismo dessemelhante quando se propõe a subsidiar a prática de um Ser constituído por modos, comportamentos, ações e representações que possa mitigar sofrimentos.

Resgatando alguns elementos

Talvez aquilo que possamos denominar de quadro geral deste nosso estudo tenha sido constituído por procurar elucidar referências de constituição do Ser e de modo mais específico da formação do Ser tomada pela via da semiformação, caracterizada pela instrumentalização hipostasiada do indivíduo, a qual se mostra por uma interminável ausência de perspectivas humanizadoras a nos impor a todos sofrimentos amplos e variados, por processos que são reforçados por procedimentos específicos de violência de um modo geral.

Fizemos alusão à existência de sofrimentos oriundos das relações humanas a partir de uma dinâmica de vida com a mercadorização da cultura articulada a um processo de semiformação (ADORNO; HORKHEIMER, 1985), e também situações de sofrimento que levam à fuga de princípios morais e éticos: venda de virgindade (GRUPO GLOBO); bem como sofrimentos que manifestam doença: o *languishing* (MONTEIRO, 2022); e a doença que manifesta um sofrimento ao próprio doente e a seus entes, especialmente por causar a morte, a Covid-19. Observamos processos de violência em específico sobre os indivíduos, que em análise a partir de dados extraídos de divulgações de um canal de televisão possibilitou identificar de certa forma, as vítimas e autores de processos de violência como aparecem estruturantes da teia de informações cotidianas com peso considerável na formação da opinião das pessoas. Os processos de violência e o que se entende por esta, apontaram para a construção de um conjunto de ideias que põe em dúvida as intenções midiáticas, se podemos considerar minimamente o canal televisivo observado.

Procuramos apresentar situações que contribuem para a formação cultural e também evidenciamos processos deformativos que subsidiam a via da barbárie, oriundos das relações sociais (ADORNO, 1995b; ADORNO, 2003a). Nesse aspecto, destacamos a violência em algumas de suas manifestações na vida cotidiana das pessoas e, em seguida, a violência ligada a instituições e a personalidades clássicas (ADORNO, 2019).

Acreditamos que o Ser desenvolve a sua existência por meio de uma dinâmica deformativa alienante quando se considera o estreitamento ao extremo dos limites de separação entre obra e vida cotidiana sob um processo de racionalidade administrada

(ADORNO; HORKHEIMER, 1985). A vida, assim reproduzida cotidianamente, visa a produção e a formação de um sujeito transcendental, mercadológico por excelência, fetichizado, assim como a essência que caracteriza a mercadoria, e mantenedor do *status quo*, o qual se projeta pelo uso da irrazão cristalizada na semiformação (ADORNO, 2003).

Para o entendimento da violência, percebemos que a sua caracterização não se resume à intensidade ou à repetição dos atos, mas à arbitrariedade e à gratuidade do ato (COSTA, 1986). Aprendemos que a formação do Ser passa pela objetivação em que o trabalho, a exteriorização da consciência, é preponderante, mas que a consciência não determina a vida e sim, o inverso. Contudo, sob processos racionais administrados para se compreender a formação do Ser, devem-se compreender os processos subjetivos que constituem a irrazão objetiva (HEGEL, 1982; MARX, 1999; ADORNO, 1985). Isso percebido, voltamos para a intenção de propor algo com o objetivo de mitigar situações pontuais de sofrimento das vidas individuais, o humanismo dessemelhante, objetivo deste capítulo.

Pelo contexto que pudemos apreender, a realidade apresenta um quadro que imobiliza e reprime as tentativas de manifestação de algo que não esteja em acordo com as produções ideológicas da indústria cultural e sob os critérios da irrazão e adesão à maioria, pois o que se combate é o sujeito pensante (ADORNO; HORKHEIMER, 1985) e, com efeito, o sofrimento de várias ordens, a angústia e a solidão, entre tantas agruras, são componentes agudos da realidade vivenciada cotidianamente pelas pessoas, por isso voltamos atenção para o vivenciar destas agruras em especial das chamadas minorias no contexto atual de suas relações com o todo social.

3.1 Insuficiências de uma realidade para as realidades

O peso das variadas manifestações que denotam mudanças no todo social atualmente é caracterizada por diversos intelectuais como pós-modernismo ou pós-modernidade, e, no bojo das discussões que envolve este momento Harvey (2005) aponta que o pós-modernismo de um modo geral, “em sua preocupação com a diferença, as dificuldades de comunicação, a complexidade e nuances de interesses, culturas, lugares etc, ele exerce uma influência positiva” (HARVEY, 2005, p 109). Este teórico conclui afirmando que, “As metalinguagens, metateorias, e metanarrativas do modernismo tendiam de fato a apagar diferenças importantes e não conseguiam atentar para disjunções e detalhes importantes” (HARVEY, 2005, p 109).

Ao reconhecer importantes diferenças no campo da subjetividade e de modo mais objetivo no campo das alternativas possíveis e escolhas das individualidades concebe-se que,

O pós- modernismo tem especial valor por reconhecer “as múltiplas formas de alteridade que emergem das diferenças de subjetividade, de gênero e de sexualidade, de raça, de classe, de (configurações de sensibilidade) temporal e de localizações e deslocamentos geográficos espaciais e temporais” (HYUSSENS, 1984, 50, *apud* HARVEY, 2005, p 109, grifos do autor)

E enquanto fenômeno que se presta à compreensão do momento histórico em relação à modernidade “(...) concluo que há mais continuidade do que diferença entre a ampla história do modernismo e o movimento denominado pós-modernismo” (HARVEY, 2005, p 111). Segundo este teórico, o pós-modernismo se coloca feito crise, “(...) uma crise que enfatiza o lado fragmentário, efêmero e caótico (...), enquanto exprime um profundo ceticismo diante de toda prescrição particular sobre como conceber, representar ou exprimir o eterno e imutável.” (HARVEY, 2005, p 111)

No curso de suas considerações acerca do pós-modernismo, Harvey (2005) elucida contradições deste fenômeno as quais nos desperta interesse por entendermos que estas apontam a forma de luta de algumas individualidades e parcela significativa da diversidade. Para este teórico o pós-modernismo,

com sua ênfase na efemeridade da *jouissance*, sua insistência na impenetrabilidade do outro, sua concentração antes no texto do que na obra, sua inclinação pela construção que beira o niilismo, sua preferência pela estética, em vez da ética, leva as coisas longe demais. Ele as conduz para além do ponto em que acaba a política coerente, enquanto a corrente que busca uma acomodação pacífica com o mercado o envereda firmemente pelo caminho de uma cultura empreendedora que é o marco do neoconservadorismo reacionário. Obsecados pela desconstrução e pela deslegitimação de toda espécie de argumentos que encontra, eles só podem terminar por condenar suas próprias reivindicações de validade, chegando ao ponto de não restar nada semelhante a uma base para a ação racional. O pós-modernismo quer que aceitemos as reificações e partições, celebrando a atividade de mascaramento e de simulação, todos os fetichismos de localidade, de lugar ou de grupo social, enquanto nega o tipo de metateoria capaz de apreender os processos político-econômicos (fluxo de dinheiro, divisões internacionais do trabalho, mercados financeiros etc.) que estão se tornando cada vez mais universalizantes em sua profundidade, intensidade, alcance e poder sobre a vida cotidiana. (HARVEY, 2005, p 111-112)

Seguindo a sua crítica radical este teórico nos aponta fortes contradições no que se refere à própria posição de reivindicações de grupos e pessoas que se propõem à construção de uma realidade mais diversa. Apoiado em Jameson (1984b), ele procura elucidar as questões que envolve a linguagem e as fontes do denominado poder. Para ele,

(...) enquanto abre uma perspectiva radical mediante o reconhecimento da autenticidade de outras vozes, o pensamento pós-moderno veda imediatamente essas outras vozes o acesso a fontes mais universais de poder, circunscrevendo-as num gueto de alteridade opaca, da especificidade de um ou outro jogo de linguagem. Por conseguinte, ele priva de poder essas vozes (de mulheres, de minorias étnicas e raciais, de povos colonizados, de desempregados, de jovens etc.) num mundo de relações de poder assimétricas. O jogo de linguagem de um conluio de banqueiros internacionais pode ser impenetrável para nós, mas isso não o torna equivalente à linguagem igualmente impenetrável dos negros das adjacências dos centros das cidades do ponto de vista das relações de poder. (...) Não é possível descartar a metateoria; os pós-modernistas apenas a empurram para o subterrâneo, onde ela continua a funcionar como uma “eftividade agora inconsciente” (JAMESSON, 1984b, *apud* HARVEY, 2005, p 112, grifos do autor).

Para melhor entendimento deste contexto, pensamos que se faz necessário buscar uma posição que possa se referir de modo mais substancial à dinâmica dos grupos e pessoas que lutam por reconhecimento, Honneth (2003). Para este teórico naquilo que se refere ao processo histórico das relações de desigualdade ele infere a respeito das reflexões de Maquiavel e Hobbes afirmando que, “nas diversas reflexões que Maquiavel realiza sob o ponto de vista de como uma coletividade política pode manter e ampliar inteligentemente seu poder, o fundamento da ontologia social apresenta a suposição de um estado permanente de concorrência hostil entre os sujeitos” (HONNETH, 2003, p 32-33). E ele conclui apontando os motivos de tal hostilidade considerando que os homens se movimentam “(...) impelidos pela ambição incessante de obter estratégias sempre renovadas de ação orientada ao êxito, sabem mutuamente do egocentrismo de suas constelações de interesses, eles se defrontam ininterruptamente numa atitude de desconfiança e receio” (HONNETH, 2003, p 32-33).

Em relação ao outro teórico de peso nos registros históricos ele afirma que em relação a essência humana,

Hobbes pensa a maneira mecanicista como uma espécie de autômato movendo-se por si próprio, destaca-se primeiramente pela capacidade especial de empenhar-se com providência para o seu bem-estar futuro. Esse comportamento por antecipação se exacerba, porém, no momento em que o ser humano depara com um próximo, tornando-se uma forma de intensificação preventiva do poder que nasce da suspeita; uma vez que os dois sujeitos mantêm-se reciprocamente estranhos e impenetráveis no que concerne aos propósitos de sua ação cada um é forçado a ampliar prospectivamente seu potencial de poder a fim de evitar também no futuro o ataque possível do outro. (HONNETH, 2003, p 32-33).

E, com base nestes apontamentos que consideram o Ser como potencial adversário de seus iguais, Honneth (2003) assevera que, “Tanto para Hobbes como para Maquiavel, ambos, de maneira análoga, fazem da luta dos sujeitos por auto conservação o ponto de referência

último de suas análises teóricas, eles veem do mesmo modo como o fim supremo (...) aquele conflito sempre iminente” (HONNETH, 2003, p 35-36). Este teórico justifica a sua crítica aos dois pensadores apontando que “(...) em grande parte foi justamente contra a tendência da filosofia social moderna de reduzir a ação política a imposição de poder, racional simplesmente com respeito a fins, que o jovem Hegel tentou se voltar com sua obra de filosofia política; (...)” (HONNETH, 2003, p 35-36). E ele conclui tal crítica afirmando que “Sem dúvida, Hegel retoma o modelo conceitual de uma luta social entre os homens, que Maquiavel e Hobbes empregaram independentemente um do outro, num contexto teórico totalmente alterado” (HONNETH, 2003, p 37). Segundo Honneth, Hegel se coloca a reinterpretar o modelo de uma luta originária de todos contra todos, com que Thomas Hobbes, na sequência de Maquiavel, inaugurara a história da filosofia social moderna (HONNETH, 2003, p 47-48). Para este autor, Hegel procurou

Reconstruir o processo de formação ética do gênero humano como um processo em que, passando pelas etapas de um conflito, se realiza um potencial moral inscrito estruturalmente nas relações comunicativas entre os sujeitos. Mas, como é evidente, essa construção se encontra ainda sob a pressuposição idealista de que o processo conflituoso a ser investigado é determinado por uma marcha objetiva da razão, que ou desdobra, (...) a natureza comunitária do homem ou, (...) a auto relação do espírito. Hegel não concebeu o processo de formação, descrito na qualidade de um movimento de reconhecimento mediado pela experiência da luta, como um processo intramundano, realizando-se sob as condições iniciais contingentes da socialização humana; (...) (HONNETH, 2003, p 117-118)

No entanto, este teórico destaca algumas das contradições de Hegel, as quais se fizeram base para a construção de posições contrárias a ele. E neste sentido é que se colocaram teóricos mais voltados ao materialismo.

Suas construções tomam de empréstimo uma grande parte de suas condições de validade da certeza metafísica de fundo acerca do processo englobante da razão (...) porém, uma vez iniciado aquele movimento intelectual que começou a desmontar os pressupostos teóricos do idealismo alemão para avançar rumo a um conceito de razão mundanizado, repleto de experiência que Feuerbach, Marx e Kierkegaard colocaram em marcha com sua crítica do idealismo da razão, não pode mais ser detido por nenhum contra movimento: no curso da discussão ulterior, vieram à luz, passo por passo, novas condições da finitude do espírito humano, das quais Hegel abstraía o seu conceito de razão; e, inversamente, toda abordagem que buscava uma revivescência de sua teoria filosófica encontrava-se de agora em diante na obrigação de estabelecer um contrato com as ciências empíricas, (...). Por isso, se seu modelo original de uma "luta por reconhecimento" não deve ser retomado com o propósito de uma teoria normativa das instituições, nem somente com o objetivo de uma concepção de moral ampliada no plano da teoria da subjetividade, mas sim na perspectiva de uma teoria social de teor normativo, (...) Uma teoria que constitui uma ponte entre a ideia original de Hegel e nossa situação intelectual encontra-se na psicologia social de George Herbert Mead; (...) (HONNETH, 2003, p 118-119-123, grifos do autor)

Em relação às possibilidades de contribuição da psicologia social de Mead para as suas construções acerca da sua teoria social, Honneth (2003) afirma que “Em nenhuma outra teoria, a ideia de que os sujeitos humanos devem sua identidade a experiência de um reconhecimento intersubjetiva foi desenvolvida de maneira consequente sob os pressupostos conceituais naturalistas (...)” (HONNETH, 2003, p 125). Ele prossegue afirmando que “ (...) seus escritos contêm até hoje os meios mais apropriados para reconstruir as instituições da teoria da intersubjetividade do jovem Hegel num quadro teórico pós-metafísico.” (HONNETH, 2003, p 125). E conclui asseverando que “(...) ela também procura fazer da luta por reconhecimento o ponto referencial de uma construção teórica que deve explicar a evolução moral da sociedade” (HONNETH, 2003, p 125).

Extrapolando os objetivos deste nosso estudo, estabelecer os principais componentes da psicologia social de Mead, ainda que de modo sintético as suas principais ideias, por isso, o nosso enfoque se volta para as construções que sustentam a teoria social do próprio Honneth, e neste sentido,

Com a sua proposta de interpretar o conflito entre o senhor e o escravo como uma luta pelo reconhecimento de pretensões de identidade, Hegel pode iniciar um movimento conceitual no qual a cisão social entre os homens podia ser atribuída, em contraposição a Maquiavel e a Hobbes, a experiência de uma violação de pretensões morais. (HONNETH, 2003, p 229)

Refletindo sobre a ideia da construção da identidade por meio de uma luta por reconhecimento, a partir do conflito entre o senhor e o escravo tendo como sustentação argumentativa o arcabouço de pretensões morais, este teórico infere que,

Condições intersubjetivas sob as quais os sujeitos humanos chegam a novas formas de auto relação positiva. O nexos existente entre a experiência de reconhecimento e a relação consigo próprio resulta da estrutura intersubjetiva da identidade pessoal: os indivíduos se constituem como pessoas unicamente porque, da perspectiva dos outros que assentem ou encorajam, aprendem a se referir a si mesmos como seres a que cabem determinadas propriedades e capacidades. A extensão dessas propriedades e, por conseguinte, o grau da auto realização positiva crescem com cada nova forma de reconhecimento, ao qual o indivíduo pode referir a si mesmo como sujeito: desse modo, está inscrita na experiência do amor a possibilidade da autoconfiança da experiência do reconhecimento jurídico, a do auto respeito e, por fim, na experiência da solidariedade, a da auto estima. (...) (HONNETH, 2003, p 272-273)

Portanto Honneth (2003) destaca três naturezas de experiência que venha a possibilitar o indivíduo se referir a si mesmo como sujeito, como pessoa no processo intersubjetivo,

autoconfiança a partir do amor, a partir do reconhecimento jurídico o auto respeito, a partir da solidariedade a auto estima, contudo “Sem a suposição de urna certa medida de autoconfiança, de autonomia juridicamente preservada e de segurança sobre o valor das próprias capacidades, não é imaginável um êxito na auto realização, (...)” (HONNETH, 2003, p 273). E este teórico elucida os motivos que fazem refluir o êxito da auto realização,

Pois "espontaneidade" [*Ungezwungenheit*] ou "liberdade" não pode referir-se, com vista a um tal processo, simplesmente a ausência de coerção ou influência externa; ela significa ao mesmo tempo a falta de bloqueios internos, de inibições psíquicas e de angústias, mas, num sentido positivo, essa segunda forma de liberdade deve ser compreendida como urna espécie de confiança dirigida para fora, que oferece ao indivíduo segurança tanto na expressão das carências como na aplicação de suas capacidades. Nesse sentido, a liberdade da auto-realização depende de pressupostos que não estão à disposição do próprio sujeito humano, visto que ele só pode adquiri-la com a ajuda de seu parceiro de interação. Os diversos padrões de reconhecimento representam condições intersubjetivas que temos de pensar necessariamente quando queremos descrever as estruturas universais de urna vida bem-sucedida. (HONNETH, 2003, p 273-274)

Ganha relevo a necessidade da ausência de coerção para a consecução de eliminação de bloqueios internos, inibições e angustias psíquicas o que põe a auto realização na dependência da relação com o outro o que exige intensa reflexão quanto à ideia de uma vida bem-sucedida, o que se põe como limitante para esta. Ainda neste sentido, outras nuances se colocam como desafiadoras no tocante a uma vida bem-sucedida quando se entende que,

As formas de reconhecimento do amor, do direito e da solidariedade formam dispositivos de proteção intersubjetivos que asseguram as condições da liberdade externa e interna, das quais depende o processo de urna articulação e de urna realização espontânea de metas individuais de vida; além disso, visto que não representam absolutamente determinados conjuntos institucionais, mas somente padrões comportamentais universais, elas se distinguem da totalidade concreta de todas as formas particulares de vida na qualidade de elementos estruturais. (HONNETH, 2003, p 274)

E ele conclui somando outro contratempo que se estabelece em relação ao contexto da vida bem-sucedida.

Ora, urna outra dificuldade da concepção em vista nasce do fato de que dois dos três padrões de reconhecimento introduzidos encerram em si o potencial de um desenvolvimento normativo mais amplo; como foi mostrado, tanto a relação jurídica quanto a comunidade de valores estão abertas a processos de transformação no rumo de um crescimento de universalidade ou igualdade. Com esse potencial interno de desenvolvimento, migra para as condições normativas da auto realização um índice histórico que deve limitar as pretensões de nossa concepção formal de eticidade: o que pode ser considerado condição intersubjetiva de urna vida bem-sucedida torna-se urna grandeza historicamente variável. (HONNETH, 2003, p 274)

Por meio de uma certa indeterminação para o contexto presente ao tempo que aponta para o peso dos valores materiais, Honneth (2003) parece conceber que estes valores assim como outras nuances extrapolam a possibilidade de apreensão de sua teoria social, e de modo mais abrangente da teoria, e procede afirmando que a sua concepção teórica,

não pode renunciar a tarefa de introduzir os valores materiais ao lado das formas de reconhecimento do amor e de uma relação jurídica desenvolvida, os quais devem estar em condições de gerar uma solidariedade pós-tradicional, mas tampouco pode preencher por si mesma o lugar que é assim traçado como local do particular na estrutura das relações de uma forma moderna de eticidade - pois saber se aqueles valores materiais apontam na direção de um republicano político, de um ascetismo ecologicamente justificado ou de um existencialismo coletivo, saber se eles pressupõem transformações na realidade econômica e social ou se se mentêm compatíveis com as condições de uma sociedade capitalista, já não é mais assunto da teoria, mas sim do futuro das lutas sociais. (HONNETH, 2003, p 280)

Entendemos a partir dessas considerações de Honneth (2003), que o contexto atual é de fato o da indefinição da luta das diferentes subjetividades por reconhecimento, e que o vasto campo que constitui o meio social se fragmenta em esferas de natureza distintas e frequentemente divergentes quanto à luta dos diferentes atores sociais, o que leva esta luta para um embate em desenvolvimento cujas definições estão reservadas ao passar do tempo.

Procurando ainda ampliar as possibilidades de entendimento do contexto atual em que se desponta essa grande variedade de posições ensejadas por diferentes formas de interpretação e de posições culturais entre outras formas diversas de existência é que “verifica-se uma contínua reinterpretação do programa cultural da modernidade, em que diversos grupos e movimentos apropriam e redefinem o discurso da modernidade nos seus próprios termos” (FONTES, 2021, p 366). Esta condição já desponta possíveis discordâncias entre grupos e pessoas que canalizam as suas necessidades para afirmações dos seus interesses de acordo com as suas interpretações. O conjunto destas posições se colocam no bojo do denominado pós-modernismo Almeida (2006), este teórico

enuncia os três principais abalos provocados pelo pós-modernismo. O primeiro deriva da tomada de consciência dos limites da linguagem. Através do trabalho de Wittgenstein, Heidegger, Davidson, Derrida e Rorty, entre outros, foi posta em causa a capacidade de a linguagem espelhar o real, em causa fica também toda a epistemologia e a ciência no geral, uma vez que a linguagem por ela usada não permite ultrapassar a si própria de modo a conseguir-se um olhar objetivo e isento sobre o real. O segundo golpe deriva da tomada de consciência dos limites da esfera da razão. O reconhecimento da existência de uma parte imensa da realidade que se situa fora da alçada da razão expõe os limites da mesma. Por último, temos a tomada de consciência da contingência dos valores, ao ser-lhes retirado o alicerce assente na

ideia de Deus torna-se então tudo de certa forma possível (ALMEIDA, 2006, apud FONTES, 2021, p. 366).

Portanto, a linguagem da ciência limita a compreensão do real, por outro lado a razão não apreende grande parte da realidade o que denuncia os limites da razão, e ainda, a grande variedade de valores para além da ideia centrada em Deus trás possibilidades para quase tudo. Percebemos que o conjunto destas características manifesta uma realidade que de fato põe em questão os parâmetros da modernidade centrado entre a ênfase na autonomia do homem e o controlo restritivo, causado pela institucionalização da vida moderna (FONTES, 2021, p 362). É neste contexto que se pode falar de modernidades e globalização, e a emergência de movimentos como o feminista, o ecologista e movimentos fundamentalistas de caráter religioso distoantes da cristalização e difusão da modernidade europeia. Estes movimentos demonstram a erosão das características fundamentais da modernidade e o enfraquecimento da ideologia hegemónica dos estados-nação (EISENSTADT, 2001 apud FONTES, 2021).

Para estes teóricos, a ideia que melhor caracteriza estes movimentos é aquela que compreende o mundo contemporâneo “como uma história contínua de constituição e reconstituição de uma multiplicidade de programas culturais” (EISENSTADT, 2001, p. 140 apud FONTES, 2021, p 361). E este segue afirmando que é de grande importância distinguir modernidade e ocidentalização, “(...) porque apesar da modernidade se ter iniciado na Europa ocidental e permanecer, de certa forma, como referência para o resto do mundo, ela assume múltiplas formas e programas culturais. (EISENSTADT, 2001, p. 140 apud FONTES, 2021, p 361). Nesta medida,

foram surgindo várias antinomias, contradições internas e vários conflitos ideológicos e políticos, que suscitaram um discurso crítico contínuo. Acentuaram-se clivagens tanto no mundo das ideias como da política, sendo que aquela que o autor destaca como das mais críticas é “a que separava visões universalistas e particularistas” (...). Uma tensão manifesta em horizontes que aceitam vários valores e racionalidades diferentes por oposição a uma visão que vê acima de tudo a racionalidade de uma forma totalizante. De igual forma desenvolveram-se paradoxos no interior do programa da modernidade, entre os pressupostos básicos das dimensões culturais e políticas e os grandes desenvolvimentos institucionais. (EISENSTADT, 2001, p. 144 apud FONTES, 2021, p. 362, grifos do autor)

E nesta linha de raciocínio, estes teóricos destacam que a ideia central de múltiplas modernidades é a possibilidade que as diferentes civilizações têm de criar perspetivas ontológicas dos seus próprios padrões culturais e institucionais, e a partir desta possibilidade poder dar respostas distintas aos desafios e às oportunidades da modernidade e de as

desenvolverem e cristalizarem segundo os seus interesses e experiências particulares (EISENSTADT 2003 apud FONTES, 2021).

Contudo, em que pese e muito a necessidade de distinção entre ocidentalização e modernidade, assim como a necessária compreensão de ontologias de grupos como étnicos fundamentalistas, feministas e ecologistas, e também os limites da linguagem da ciência, e da razão frente à realidade, os traços que esboçam o pós-modernismo se afirmam sim com substância ao assumirem a possibilidade de interpretar a realidade em acordo com as necessidades de variadas culturas, porém,

a saliência contínua das tensões entre programas pluralistas e universalistas, entre identidades multifacetadas por oposição a outras fechadas, e a ambivalência contínua dos novos centros da modernidade para com os principais centros tradicionais da hegemonia cultural atestam o facto de que, ao ultrapassar o modelo do estado-nação, estes novos movimentos não ultrapassaram os problemas *básicos da modernidade* (EISENSTADT, 2003, p. 973 apud FONTES p. 364, grifo do autor).

Deste modo, pensamos que em seu conjunto, as considerações de Fontes (2021) extrapolam mas não se contrapõem à ideia que tecemos a partir das críticas às divulgações midiáticas acerca dos sofrimentos das pessoas, pois, na medida em que estes grupos e movimentos do chamado pós-modernismo se tornam referência para a mídia enquanto formação de opinião manipulada, por outro lado, como vimos, as interpretações e demais posições destes mesmos movimentos não ultrapassam os problemas da modernidade, o que acresce a divergência de posições nas relações sociais e, com efeito, o problema da barbárie real Adorno (1995b). Pensamos que a ideia das múltiplas modernidades EISENSTADT (2001); FONTES (2021) manifesta uma divergência irreconciliadora no desenvolvimento histórico social na medida em que denuncia a necessidade de refletir sobre um outro paradigma capaz de convergir interesses até então conflitantes e, acreditamos que se situa como antecessor da própria modernidade, ou seja, situado na renascença,

3.2 Humanismo dessemelhante: contextualização e apontamentos teóricos

Se, como colocamos, o que se apresenta como realidade é meio de perpetuação do existente, e não o fim para a humanização das pessoas, o que nos parece interessante é o caminho que projeta na direção do humanismo. Esse tem como ponto de partida a sua concepção mais comum, o homem no centro, como fim da organização social no sentido de que esta o atenda em todas as suas necessidades.

Buscamos a construção de uma proposta que apresente uma possibilidade de materializar formas de concepção individual no meio social que amenizem as angústias vivenciadas pelas pessoas, como já referimos.

Contudo, não é muito afirmar que nosso objetivo seja propor algo singelo, pois reafirmamos a existência de um cenário em que atualmente “(...) – e provavelmente há milênios – a sociedade não repousa em atração, em simpatia, como se supôs ideologicamente desde Aristóteles, mas na persecução dos próprios interesses frente aos interessees dos demais. Isto se sedimentou do modo mais profundo no caráter das pessoas” (ADORNO, 2003e, p. 134, grifo do autor). E na medida em que este quadro sofre constante atualização “(...) a realidade sempre é simultaneamente uma comprovação da realidade, e esta envolve continuamente um movimento de adaptação.” (ADORNO, 2003a, p. 143, grifo do autor).

Por isso, percebemos atualmente um campo ambíguo no que se refere ir além do socialmente estabelecido, em que ao tempo que interesses pessoais estreitam oportunidades de ações inovadoras, estes mesmos interesses abrem espaço para ações de interesse não centrados no caráter pessoal, o que é reforçado pela efetividade de pessoas e espaços em que a tomada de consciência frente ao paupérrimo caráter humanizador do meio social já seja realidade. Mas, na construção de nossa proposta, pensamos em pessoas comuns cujo comportamento médio, geralmente, se apresenta de forma embaraçada, como nos orienta Horkheimer (2015): “quando se pede a um homem comum que explique o que se entende pelo termo razão, sua reação é quase sempre de exitação e embaraço” (HORKHEIMER, 2015, p. 11).

Procurando uma posição mais segura sobre os limites do sofrimento das pessoas e as possibilidades de construção de um conjunto de ideias a esboçar o humanismo dessemelhante, percebemos que Adorno (2003a) aponta para o conhecimento a partir da experiência, da individuação “na experiência do não-eu no outro” (...) (ADORNO, 2003a, p. 154), como base para a possível emancipação “(...) libertar de sua auto-inculpável menoridade” (ADORNO, 2003a, p. 141). Emancipação esta, frente à cultura administrada.

Para o humanismo dessemelhante, pensamos em elementos que, a partir do indivíduo, estejam voltados exclusivamente para o outro. Assim, pensamos numa interação mediada por um trabalho e uso de todas as possibilidades, para atender o outro em suas necessidades. O objetivo exclusivo seria o outro, e fazendo-se consciência pela interação prática no decurso do atendimento ao outro em suas necessidades (HEGEL, 1992).

Para uma explicitação mais clara da nossa proposição, e buscando bases que possam oferecer determinada sustentação teórica e metodológica, voltamos a atenção para o humanismo, fenômeno histórico que parece guardar elementos que podem estruturar as nossas proposições. Um fenômeno dessa envergadura não se detém a concepções simplistas, pois o seu entendimento considera que o termo “humanismo” é recente. “Esse termo foi usado pela primeira vez pelo filósofo e teólogo alemão F. I. Niethammer (1766-1848) para indicar a área cultural coberta pelos estudos clássicos e pelo espírito que lhe é próprio em contraposição com a área cultural, coberta pelas disciplinas científicas.” (REALE, 2004, p. 4, grifos do autor). E para a relação entre Humanismo e Renascença, Reale (2004) nos expõe:

se por Humanismo se entende a tomada de consciência de uma missão tipicamente humana através das *humanae litterae* (concebidas como produtoras e aperfeiçoadoras da natureza humana), então ele coincide com a *renovatio* de que falamos, ou seja, com o renascimento do espírito do homem: assim, o Humanismo e a Renascença são duas faces de um único fenômeno (REALE, 2004, p. 12, grifo do autor).

Portanto, o renascimento do espírito do homem, a nosso ver, é coerente com a necessidade do mundo atual, na qual o espírito do homem se anula pelo mercado. Mas a concepção em si se refere ao renascimento, não o identificando de modo radical, como não raro ocorre, em relação ao período histórico que o antecedeu. Desse modo, Reale (2004) afirma que o renascimento é um período específico da renascença, “(...) não foi o renascimento da civilização contra a incivilização, da cultura contra a incultura, e a barbárie do saber contra a ignorância. Ele foi muito mais o nascimento de outra civilização, de outra cultura, de outro saber” (REALE, 2004, p. 11, grifo do autor).

Assim, podemos acrescentar que “(...) a idade média foi uma época de grande civilização, e percorrida por fermentos e frimitos de vários tipos, quase que totalmente desconhecidos pelos historiadores do oitocentos” (REALE, 2004, p. 12). E de modo mais específico, temos a ideia de renascença:

a renascença é um período em que a similitude assume relevância, um quadro do saber bem ordenado, no qual seres e coisas tem o seu lugar; período de ausência do vazio e da pré- formação dos seres, bem como da necessidade de uma educação que vislumbrasse a harmonia entre o corpo, a alma e o espírito ou entre o corpo, o pensamento e a ordem cósmica (OLIVEIRA NETO, 2021, p. 54).

E que, “nesse longo período que data do aparecimento da filosofia ocidental, e da sua busca de elementares que pudessem explicar a ordem cósmica, que se estende até o século

XVI, o tema central e norteador das teorias e das vidas das pessoas foi o Ser, (...)” (OLIVEIRA NETO, 2021, p. 55). Porém, a dinâmica da história se fez artífice quando,

com o insucesso dos sistemas filosóficos universalistas da antiguidade clássica e do período cristão medieval em dizer o que o ser é, o homem moderno se encaminha a outra concepção teórica e a outra forma de vida, cujo alvo se desloca do ser ao ente, daquilo que é para aquilo que se manifesta. Nesse momento, as nossas vidas mudaram-se radicalmente (OLIVEIRA NETO, 2021, p. 56).

Entre tais mudanças, Reale (2004, p. 264) nos traz a importância dos feitos de Bacon com o qual

(...) tem início na história do Ocidente uma nova atmosfera intelectual. Ele indagou e escreveu sobre a função da ciência na vida e na história humana; formulou uma ética da pesquisa científica que se contrapõe (...) à mentalidade de tipo mágico que, em seus tempos, era dominante” (grifos do autor). E, ainda, “(...) tentou teorizar nova técnica de pesquisa da realidade natural; lançou as bases da moderna enciclopédia das ciências, que se tornou um dos empreendimentos mais importantes da filosofia europeia (REALE, 2004, p. 264).

Concomitantemente, “Descartes percebe a falta de um método, de novo saber ordenador que seja também instrumento fundacional verdadeiramente eficaz. (...) em contraposição ao edifício aristotélico, sobre o qual toda a tradição se apoia” (REALE, 2004, p. 291). E, procurando avançar nessa direção, por meio da aplicação de um conjunto de regras metódicas, “(...) Descartes passa a aplicá-las aos princípios sobre os quais o saber tradicional se fundamentou, (...) o que leva assim à descoberta de uma verdade que, retroagindo, confirma a validade das mesmas regras para qualquer saber” (REALE, 2004, p. 291). E, ainda com Descartes,

o banco de prova do novo saber, filosófico e científico é, portanto, o saber humano, a consciência racional, e em todos os ramos do conhecimento o homem deve proceder na cadeia das deduções a partir de verdades claras e distintas ou de princípios autoevidentes.” (REALE, 2004, p. 291).

Com efeito, “a filosofia não é mais, portanto, a ciência do Ser, e sim a doutrina do conhecimento, gnosiologia” (REALE, 2004, p. 291). Descartes e Bacon, entre outros pensadores, do contexto da Renascença são de enorme importância por suas construções inovadoras e desafiadoras, indubitavelmente de grandes préstimos à humanidade e merecem a devida referência ainda que os propósitos deste estudo buscam no Humanismo uma outra vertente, a qual nos parece polarizar com as concepções apresentadas por tais pensadores.

Em seu conjunto, Bacon, Descartes e outros pensadores, como Copérnico, Galileu, Newton, que atuaram no sentido da revolução científica fundadora da ciência moderna, pensadores de grande envergadura intelectual, constituem “a última corrente intelectual da Renascença que devemos lembrar, e talvez a mais importante, e que desembocou na ciência clássica moderna” (REALE, 2004, p. 18).

Por sua vez, a revolução científica foi um processo por meio do qual “(...) a tradição hermética, a alquimia, a astrologia ou a magia, posteriormente abandonadas pela ciência moderna (...), influíram sobre sua gênese ou, pelo menos, sobre seu desenvolvimento inicial” (REALE, 2004, 146, grifos do autor). Assim, é possível caracterizar de modo mais específico o saber científico em estado embrionário, “(...) que, ao contrário do saber medieval, reúne teoria e prática, ciência e técnica, dando assim origem a um novo tipo de douto, bem diferente do filósofo medieval, do humanista, do mago, do astrólogo, ou também do artesão, do artista da Renascença” (REALE, 2004, 146, grifo do autor).

Podemos então concluir que este perfil do novo ‘douto’, na medida em que esse novo tipo de ‘douto’ gerado pela revolução científica é o doutor “(...) de nova forma de saber, público, controlável e progressivo, isto é, (...) que, para ser validado, necessita do contínuo controle da práxis, da experiência” (REALE, 2004, p. 146, grifos do autor). Por isso, afirma-se que a revolução científica cria o cientista experimental moderno, cuja experiência “é o experimento, tornado sempre mais rigoroso por novos instrumentos de medida cada vez mais precisos. E o novo douto opera (...) fora das velhas instituições do saber, como as universidades” (REALE, 2004, p. 146, grifos do autor).

Destaca-se o fato de que este novo ‘douto’ tem a experiência como elemento fundamental do seu método e, por sua vez, a experiência é o experimento. Tal circunstância é de grande importância porque, apesar de o novo ‘douto’ ser o conhecedor que procura demonstrar claramente que se constitui como tal por concepções totalmente diferentes dos conhecedores que o antecederam, ao mesmo tempo, tendo por elemento fundante de suas concepções o experimento, esse constitui, de certa forma, uma correlação com aqueles ‘doutos’ que o antecederam, por terem por base de seus conhecimentos a experiência, a objetivação, o fazer.

Isso porque, “antes do período de que estamos tratando, as artes liberais (o trabalho intelectual) eram distintas das artes mecânicas, estas eram ‘baixas’ e ‘vis’, implicando o trabalho manual e o contato com a matéria identificavam-se com o trabalho servil” (REALE, 2004, p. 146, grifos do autor). Por esse motivo, as artes mecânicas eram consideradas

“indignas de um homem livre. Mas, no processo da revolução científica, essa separação foi superada: a ciência do novo cientista é o experimento, o experimento exige uma série de operações e medidas” (REALE, 2004, p. 146, grifos do autor). Como de certa forma esses elementos já se faziam presentes nas artes mecânicas,

assim, fundem-se numa só coisa o novo saber e a união entre teoria e prática, que frequentemente resulta na cooperação entre cientistas, por um lado, e técnicos e artesãos superiores (engenheiros, artistas, hidráulicos, arquitetos etc.), por outro, foi a própria ideia do saber experimental, publicamente controlável que mudou o *status* das artes mecânicas” (REALE, 2004, p. 146, grifos do autor).

Portanto, os estudos e demais observações se apropriaram das condições de que o conhecimento já existente propiciava, e constitui assim, o método científico ainda insipiente. Essa forma do saber “funda a autonomia da ciência em relação à fé. (...) por outro lado, leva à rejeição das pretensões essencialistas da filosofia aristotélica” (REALE, 2004, p. 139).

E é por isso que

a concepção de uma cultura do espírito que se oculta da técnica nasce do desconhecimento da sociedade sobre sua própria essência. Todo espírito possui elementos técnicos e apenas quem somente observa o espírito, apenas quem o conhece como consumidor, deixa-se enganar com a ideia de que os produtos espirituais teriam caído do céu. Consequentemente, em virtude destas considerações, não se pode ignorar a antítese observada entre humanismo e técnica. Ela pertence a uma falsa consciência. Na sociedade cindida, os diferentes setores não sabem o que são e o que não são, assim como não sabem o que são os outros. A própria fratura entre a técnica e o humanismo, tal como me parece de forma irremediável, é uma parte da aparência produzida socialmente (ADORNO, 1953, p. 4).

O autor supracitado acrescenta ainda que, numa sociedade concomitantemente poderosa e realmente racional, “a técnica poderia se transformar naquela essência social que lhe é imanente, possibilitando, na sociedade, a interdependência da chamada cultura com os progressos técnicos” (ADORNO, 1953, p. 4).

Desse modo, a essência social é imanente à técnica, forma avessa à supervalorização da técnica altamente desenvolvida, como esfera de controle das ações humanas e produtora de subjetividades regressivas, como já mencionamos, cujo conhecimento mais atualizado se subordina à propriedade privada, concentrando-se, portanto, nos domínios do capital na sociedade atual. Quanto à sua gênese, o contexto histórico nos explicitou que a ciência se apropriou de formas técnicas já existentes para a sua constituição, engendrando o novo ‘douto’ da ciência que se separava do conhecedor das ciências mecânicas que era comparado ao trabalhador da atividade servil, por se tratar de trabalho manual, separação superada com o

método do experimento. Houve ainda a separação de outros ‘doutos’ como do filósofo medieval, do humanista, do mago, do astrólogo, ou também do artesão, do artista da Renascença.

É sobre essa segunda vertente citada que voltamos a atenção, pois o conhecimento produzido pelo trabalho manual, especialmente nas artes mecânicas, foi associado aos estudos intelectuais que culminaram nos primórdios da ciência moderna. Entre os demais pensadores que não compunham esse quadro que, com as suas pesquisas, vieram a constituir os primórdios da ciência moderna, destaca-se um forte motivo pelo qual muitos deles se apoiavam no caráter religioso, motivo que tem a sua gênese no fato de que

Um dos aspectos mais típicos da Renascença foi a revivescência da componente helenística-orientalizante, cheia de ressonâncias mágico-telúrgicas, e difundida em alguns escritos que a antiguidade tardia havia atribuído a antiguíssimos deuses ou profetas e que na realidade eram falsificações. (o Corpus hermeticum, os Oráculos Caldeus, os Hinos órficos.). Ora, os Humanistas, que descobriram a crítica filológica do texto, caíram, todavia, no erro clamoroso de tomar como autênticas as obras atribuídas aos Profetas-Magos Hermes, Trismegisto, Zoroastro e Orfeu, e assim o complexo sincretismo entre doutrinas grego-pagas, neoplatonismo e cristianismo, tão difundido na Renascença, baseou-se em larga medida sobre esse equívoco colossal (REALE, 2004, p. 1, grifos do autor).

Seus escritos eram uma mistura de filosofemas “(extraídos do médio-platonismo e do neoplatonismo). (...) Com representações míticas e fantásticas, apresentando um tipo análogo de religiosidade confusa (...) do paganismo tardio, com a (...) pretensão de transmitir uma mensagem ‘revelada’” (REALE, 2004, p. 16, grifos do autor).

Para além deste equívoco colossal e o seu conseqüente sincretismo religioso, notam-se extraordinárias construções e concepções oriundas dos demais pensadores da época, cujo caráter não se inseria no método do experimento da ciência, e nem possuía caráter religioso. Entre os pensadores,

Francisco Petrarca, considerado o iniciador do humanismo enquanto propôs o retorno a si mesmo para buscar o reconhecimento da própria alma e a redescoberta da eloquência, da humanae litterae das Cíceronianas: a verdadeira sabedoria consiste em conhecer a si mesmo (...) (REALE, 2004, p. 21).

Também, Coluccio Salutati seguiu as ideias de Petrarca e “sustentou uma visão de filosofia entendida como prática vivida e exercício de liberdade, e afirmou o primado da vida ativa sobre a contemplativa” (REALE, 2004, p. 21).

Por meio de uma síntese com os principais expoentes desse período, pode-se elencar alguns pensadores como “Copérnico, Galileu e Newton, todos pela ciência; Descartes, Bacon e

Hobbes, pela filosofia, e Giordano Bruno, Lutero e Calvino, pela teologia, foram os anunciadores dessa nova ordem do saber e da revelação” (OLIVEIRA NETO, 2021, p. 57).

Contudo, o rol de pensadores cujas concepções expressam acordo para o nosso humanismo dessemelhante, situando-se conforme orienta Reale (2014), mais especificamente no 400, período em que o tipo de humanismo espiritualista e intimista de Petrarca,

(...) foi sendo substituído por um Humanismo civil e politicamente mais empenhado. Protagonistas desta direção foram principalmente Leonardo Bruni, (...), cuja fama está ligada sobretudo às traduções da política e da ética Aristotélica” (REALE, 2004, p. 21). Também, a personalidade de Poggio Bracciolini “que discutiu a fundo o problema da relação entre ‘virtude e sorte’ (REALE, 2004, p. 23).

Mas nos parece que Leon Battista Alberti é a personalidade que cristaliza, em suas concepções, alguns dos elementos que podem sustentar as nossas convicções. Entre os principais temas sobre os quais ele se debruçou, estão:

a) a crítica às investigações teológico-metafísicas e a contraposição das investigações morais a elas; b) a exaltação do *homo faber* e da sua atividade factiva e construtora dirigida a utilidade de todos os outros homens e da cidade; c) a relevância do conceito de “ordem” e de “proporção” entre as partes nas artes, porque a verdadeira arte reproduz e recria a ordem que existe na realidade das coisas; d) a relação entre “virtude” e “sorte”, pelo que a virtude é a atividade peculiar do homem que o aperfeiçoa, garante sua supremacia sobre as coisas e tem precedência sobre a sorte (REALE, 2004, p. 23 grifos do autor).

Sobre as investigações teológico-metafísicas, “para Alberti, é inútil procurar descobrir as causas supremas das coisas, porque isso não foi concedido aos homens, que só podem conhecer aquilo que está sob seus olhos, ou seja, por meio da experiência” (REALE, 2004, p. 23). Para a exaltação do *homo faber* e de sua atividade produtiva e construtora, “(...) aquela atividade que não está voltada apenas para o benefício do indivíduo, mas também para o benefício de todos os outros homens e da cidade” (REALE, 2004, p. 23). E podemos acrescentar que Alberti elogia os estoicos, que consideravam “o homem ser pela natureza constituído no mundo especulador e operador das coisas. E achavam que cada coisa nasceu para servir ao homem e o homem para conservar a companhia e a amizade entre os homens” (REALE, 2004, p. 24-25).

Dos elementos que finalizam as características desse pensador na qualidade de humanista, estão que “(...) louva Platão por ter escrito que os homens nasceram por motivo dos homens” (REALE, 2004, p. 25). Duas de suas afirmações sobre o sentido da atividade humana e sobre a superioridade da virtude sobre a fortuna, tornaram-se particularmente

célebres: o homem nasceu “não para marchar jazendo, mas sim para estar de pé ‘fazendo’. A fortuna subjuga apenas quem se lhe submete.” (REALE, 2004, p. 25). E esse autor completa: “Essas afirmações são como duas esplêndidas epígrafes que valem para todo o movimento humanista” (REALE, 2004, p. 25).

A intrincada correlação entre sujeito e objeto estudada com profundidade e apresentada por Adorno (1995b) é mais do que suficiente para afirmarmos que ainda que estudássemos a fundo a vida de cada um desses humanistas, cuja vertente se afasta da religiosidade e também do método experimental, portanto mais detido à ética, não seria suficiente para afirmarmos com segurança as intenções subjacentes às propostas que se tornaram arquivos na história, em nome deste ou daquele pensador humanista.

Desse modo, o que nos pareceu razoável foi a apreensão das principais vertentes do humanismo e, entre essas, entender aquela que parecesse apresentar, para o Ser humano, maior aproximação dos valores supremos e mais sublimes do Ser (WEBER, 2010).

Assim, não são todos esses elementos de Alberti que se fazem indispensáveis à construção da nossa categoria, por isso, passamos à tentativa de construção da mesma a partir de alguns desses elementos citados, bem como de componentes advindos de outros pensadores que se seguem.

Denominamos humanismo dessemelhante uma categoria em construção, por nós idealizada a partir de reflexões ao estado de sofrimento que as pessoas vivenciam na sociedade atual. Quando afirmamos que a produção do humanismo dessemelhante tem por objetivo idealizar uma posição a partir de reflexões ao estado de sofrimento das pessoas, não estamos afirmando dar respostas para todos os sofrimentos ou para esse ou aquele sofrimento, nem tampouco a todas as pessoas, e sim, como veremos adiante e tentaremos sintetizar na frase, ajudar sempre; o objetivo é idealizar respostas humanizadoras naquilo que é possível à pessoa, se esta pretende amenizar algum sofrimento alheio.

Para o entendimento do humanismo como categoria, resgatamos que categorias são formas de ser, determinações da existência (MARX, 2008), e quando nos referimos à sociedade, também se faz necessário um discernimento. Não estamos tratando de abrangência como objetivo, portanto, quando referimos ao sofrimento das pessoas na sociedade, estamos nos referindo a algo que esteja ao alcance de quem possa interessar, ou seja, na sociedade, esta como também aquilo que é o meio de interações do ser humano, e não a sociedade inteira como objetivo, o que seria propor uma teoria social.

Iniciamos os contornos da nossa categoria na medida em que temos como justificativa as vastas condições de sofrimento vivenciadas pelas populações, de ordem física ou não, Expressadas anteriormente neste estudo a partir de dados emblemáticos que levantamos, e que, sob as formas sociais atuais, são como a própria individualidade, algo que tende a ser ignorado. Esta condição de sofrimentos é mediada pela real existência do sujeito transcendental na sociedade, forma mercadológica e dominante, que se presta como produto e mantenedor das formas sociais em vigor.

É nesse contexto que se afirma que, “orientar a realidade em função das massas e as massas em função da realidade é um processo de imenso alcance, tanto para o pensamento como para a intuição” (BENJAMIN, 1994, p. 170). Nesse sentido, a televisão e o cinema, atualmente as grandes mídias, se destacam por cristalizarem o avanço da tecnologia a que se tem alcançado e, podemos destacar que se o cinema possui uma importante função “ (...) é criar um equilíbrio entre o homem e o aparelho. O cinema não realiza essa tarefa apenas pelo modo com que o homem se representa diante do aparelho, mas pelo modo com que ele representa o mundo, graças a esse aparelho” (BENJAMIN, 1994, p. 189).

Nesse contexto, reafirma-se que atualmente vigora um tipo de cultura subordinada à indústria cultural, essa, “expressa a forma repressiva da formação da identidade da subjetividade social contemporânea (...)” (LEO MAAR, 2003d, p. 21). Ele acrescenta asseverando que

a indústria cultural reflete a irracionalidade objetiva da sociedade capitalista tardia, como racionalidade da manipulação das massas. A indústria cultural obscurece por razões objetivas, aparecendo como uma função pública da apropriação privada do trabalho social.” (LEO MAAR, 2003d, p. 21). Por fim, para Adorno, a indústria cultural corresponde à continuidade histórica de condições sociais objetivas que formam a antecâmara de Auschwitz, a racionalidade da linha de produção industrial – seja fordista, seja flexível – do terror e da morte (LEO MAAR, 2003d, p. 22). Portanto, estabelece-se uma “(...) repressão do diferenciado em prol da uniformização da sociedade administrada, e à repressão do processo em prol do resultado, falsamente independente, isolado. (...) A semiformação é o espírito tomado pelo caráter de fetiche da mercadoria” (LEO MAAR, 2003d, p 25-26, grifos do autor.).

Embora já tenhamos situado e caracterizado as ideias de indústria cultural e de semiformação, retomamos tais ideias agora de um modo sintético, com intuito de juntamente com as elucidações acerca da relação de ajuste recíproco entre as massas e a realidade, possamos contextualizar o Ser em seu meio atualmente, e isso posto, podemos afirmar que “não há sentido para a educação na sociedade burguesa senão o resultado da crítica e da

resistência à sociedade vigente responsável pela desumanização” (LEO MAAR, 2003d, p. 27).

Essa afirmação acerca da educação se sustenta na medida em que o extremo horror, já presenciado pela humanidade com os campos de concentração e demais formas de barbárie, demonstra a capacidade desumanizadora da comunidade de seres humanos, e por isso,

quando falo da educação após Auschwitz, refiro-me a duas esferas: em primeiro lugar, educação na infância, sobretudo na primeira; logo, o esclarecimento geral que estabeleça um clima espiritual, cultural e social que não admita a repetição daquilo; um clima, portanto, em que os motivos que conduziram ao horror tenham chegado, na medida do possível, a tornar-se conscientes. (...) quero deixar bem claro, todavia, que o retorno ou não do fascismo é, em definitivo, uma questão social, não uma questão psicológica (ADORNO, 1995b, p. 108).

Nas construções teóricas desse pensador, é possível perceber uma intrínseca articulação da educação com a cultura. Em suas proposições, ele aponta para uma educação que leve a um esclarecimento geral e que se estenda ao espiritual, cultural e social. Estando a educação, assim como outras esferas de mediação das relações sociais, subordinada à indústria cultural e à semiformação; a alternativa que se mostra, em nossos termos, é pelo movimento de baixo para cima, ou seja, da educação na cultura. Essa alternativa é confirmada quando se relata que,

(...) desbarbarizar tornou-se a questão mais urgente da educação hoje em dia.(...) entendo por barbárie algo muito simples, ou seja, que estando na civilização do mais alto desenvolvimento tecnológico, as pessoas se encontrem atrasadas de um modo peculiarmente disforme em relação a sua própria civilização – e não apenas por não terem em sua arrasadora maioria experimentado a formação nos termos correspondentes ao conceito de civilização, mas também por se encontrarem tomadas por uma agressividade primitiva, um ódio primitivo ou, na terminologia culta, um impulso de destruição, que contribui para aumentar ainda mais o perigo de que toda essa civilização venha a explodir, aliás uma tendência imanente que a caracteriza (ADORNO, 2003b, p. 155).

E em outro momento, mas no mesmo contexto, ao discorrer sobre o que ele está chamando de falência da cultura, expõe:

Penso que além desses fatores subjetivos, existe uma razão objetiva da barbárie, que designarei bem simplesmente como a da falência da cultura. A cultura, que conforme sua própria natureza promete tantas coisas, não cumpriu a sua promessa. Ela dividiu os homens. A divisão mais importante é aquela entre trabalho físico e intelectual. Deste modo ela subtraiu aos homens a confiança em si e na própria cultura. E como costuma acontecer nas coisas humanas, a consequência disto foi que a raiva dos homens não se dirigiu contra o não-cumprimento da situação pacífica que se encontra propriamente no conceito de cultura. Em vez disso, a raiva se voltou

contra a própria promessa ela mesma, expressando-se na forma fatal de que essa promessa não deveria existir (ADORNO, 2003b, p. 164).

Portanto, é identificado um processo que levou à falência da cultura que produz, nos homens, um ódio que se voltou contra a própria promessa de uma vida pacífica mediada pela cultura. Por outro lado, afirma-se que a cultura, permeada por um grande desenvolvimento tecnológico, guarda impulsos primitivos de destruição, e que por isso, a questão mais urgente da educação é desbarbarizar, uma educação contra a barbárie. Assim, entendemos uma correlação direta entre educação e cultura.

Por um outro prisma, mas também enfocando a educação em integração com componentes da cultura, portanto no contexto da educação e formação humana, afirma-se a importância da educação do trabalho, e como meio de sistematização dessas formas educativas, é estabelecido que

na relação de medidas imediatas que o proletariado tomará após o primeiro passo, isto é, após a conquista da democracia, como medidas ainda insuficientes e insustentáveis, mas ainda assim inevitáveis para revolucionar todo o modo de produção (e confronte-se, para todo esse contexto, o discurso de Engels sobre “constituição democrática” etc.), cita, como última (décima) medida, a seguinte: Ensino público e gratuito a todas as crianças. Abolição do trabalho das crianças nas fábricas em sua forma atual. Unificação do ensino com a produção material [*mit der materiellen Produktion*] (MARX; ENGELS, 1948b apud MANACORDA, 2017, p. 39-40, grifos do autor).

Essas orientações de Marx voltadas para momentos de estruturação daquilo que seria a conquista do Estado pelo proletariado são analisadas por Manacorda (2017) da seguinte maneira:

Marx, ao aceitar o princípio da união do ensino ao trabalho material produtivo, exclui, no entanto, qualquer instrução desenvolvida na fábrica capitalista, tal como essa se apresenta, porque, para ele, a fábrica não é um sistema que elimina a divisão do trabalho, mas antes um sistema que, unicamente pela intervenção política (que não se reduz apenas às medidas imediatas e insuficientes), poderá, ao abolir seus aspectos mais alienantes, desenvolver uma função libertadora (MANACORDA, 2007, p. 40-41).

Destaca-se a ideia de que o trabalho na indústria, com a eliminação de seus aspectos alienantes, pode desenvolver importante função libertadora para os indivíduos da classe trabalhadora, pois o trabalho alienado, efeito da prioridade da reprodução do capital impõe uma desumanização ao trabalhador, fato que nos termos deste pensador assim se apresenta:

Dessa condição histórica do trabalho alienado – no qual a atividade humana, rebaixada de fim a meio, de automanifestação a uma atividade completamente estranha a si mesma, nega o próprio homem – decorre uma situação de “imoralidade, monstrosidade, hilotismo dos operários e dos capitalistas”, pois o que em um é atividade alienada, é estado de alienação no outro, e uma potência desumana domina a ambos. Eis aí o homem unilateral, fruto da divisão do trabalho, (...) (MANACORDA, 2007, p. 42).

A maior importância dessa assertiva é o fato de que o trabalho alienado leva à construção do trabalhador como um Ser unilateral, e por este motivo, foi afirmado a importância do trabalho na fábrica, inclusive para crianças, desde que eliminado seus aspectos alienantes, o que redundaria em trabalho com função libertadora para o trabalhador. E ainda nesse mesmo contexto, em relação a Marx e Engels, afirma-se:

Assim, seu discurso atinge, pela primeira vez, uma autêntica e pessoal definição do conteúdo pedagógico do ensino socialista: Por ensino entendemos três coisas: Primeira: ensino intelectual; Segunda: educação física, dada nas escolas e através de exercícios militares; Terceira: adestramento tecnológico, que transmita os fundamentos científicos gerais de todos os processos de produção e que, ao mesmo tempo, introduza a criança e o adolescente no uso prático e na capacidade de manejar os instrumentos elementares de todos os ofícios. A união do trabalho produtivo remunerado, ensino intelectual, exercício físico e adestramento politécnico elevará a classe operária acima das classes superiores e médias (MARX; ENGELS, 1948b apud MANACORDA, 2007, p 43-44).

Manacorda (2007) conclui que, conforme as asseverações de Marx, “o trabalho produtivo com o ensino e a ginástica, não apenas como método para aumentar a produção social, mas também como único método para produzir homens plenamente desenvolvidos” (MANACORDA, 2007, p. 45).

Desenvolvendo também a ideia da educação em articulação direta com o trabalho, e na mesma direção, Mascarenhas (2012) nos elucida que

sabemos que a concepção de infância mudou muito com o advento da modernidade. As crianças que antes eram concebidas como adultos em miniatura passaram a ser vistas a partir de suas especificidades e necessidades, e a infância passou a ser percebida como uma etapa da vida com a sua configuração própria. Podemos entender essa mudança como um avanço no tocante ao desconhecimento da infância em si e às relações extremamente autoritárias que se davam entre adultos e crianças (...) (MASCARENHAS, 2012, p. 54).

Com efeito, se torna possível uma melhor compreensão do porquê o trabalho se distanciou da infância e, em convergência com os posicionamentos de Manacorda (2007), Mascarenhas (2012) afirma que:

(...) isso ocorre por causa do processo de alienação do trabalho, (...) como vamos estabelecer a relação entre educação e trabalho na infância se o trabalho se constitui no espaço societal em que vivemos em tortura, sofrimento, exploração e não realização? Se idealizamos a infância como momento de vivência da inocência, da espontaneidade e da naturalidade, como vamos arrancar as crianças desse mundo “fantástico” e “maravilhoso” e introduzi-las no mundo do trabalho, da labuta, do sofrimento? Essa é uma das razões pelas quais queremos distanciar e proteger nossas crianças do mundo do trabalho. Temos toda uma legislação que proíbe em várias situações o trabalho infantil e regula o trabalho a partir de uma certa faixa etária. Vemos a apresentação do uso do trabalho de crianças como uma verdadeira monstruosidade. (...) (p. 56, grifos da autora).

E por meio de uma análise mais geral, essa autora nos esclarece quanto às determinações do sistema socioeconômico, no que se refere ao trabalho infantil, uma vez que o desenvolvimento do sistema produtivo se dá por avanços mais acelerados ou não, e pode até apresentar recuos:

(...) As crianças e jovens estão distanciadas do mundo do trabalho porque nesta etapa de ordenação da estrutura societal do capital não há em determinadas circunstâncias o interesse em absorvê-los como mão de obra. O que temos é um processo de intensificação do desemprego estrutural e uma mecanização cada vez maior do trabalho. (...) não podemos jamais esquecer que essa estrutura, nos primórdios do processo de industrialização, não hesitou e não se preocupou com a proteção à infância, explorando violentamente crianças e jovens junto com seus pais e mães no trabalho nas fábricas e jamais questionou se esse era mesmo o lugar mais adequado para a vivência da infância e da juventude. Por isso não nos iludamos com os slogans hoje apresentados: “lugar de criança é na escola”, “não ao trabalho infantil”. Os interesses que realmente se sobrepõem são os interesses da reprodução do capital (MASCARENHAS, 2012, p. 58).

Ela ainda conclui suas análises acerca da articulação entre trabalho e educação, eliminando os óbices ao entendimento de um trabalho desumanizante, ao tempo que seja educativo. Pelo oposto, ela nos afirma que:

Ter o trabalho como princípio educativo desde a educação infantil não significa encaminhar as crianças para o trabalho nas empresas, nas fábricas ou em qualquer outro lugar específico, pois trabalho, na perspectiva aqui adotada, não é sinônimo de emprego ou de atividade laboral. Trabalho é atividade produtora, criadora, realizadora, humanizadora. Nesse sentido, desde a infância devemos desenvolver essa potencialidade dos seres humanos (MASCARENHAS, 2012, p. 58).

Portanto, se constitui a ideia do trabalho como princípio educativo, e, nessa perspectiva, o trabalho como atividade produtora, realizadora, humanizadora, o que afasta completamente a ideia de um trabalho hediondo, extremamente abusivo em relação às crianças e jovens. E nesse processo, em direção oposta ao trabalho da indústria, alienante e produtor de um Ser unilateral. O trabalho como princípio educativo leva o trabalhador a uma

formação omnilateral (GRAMSCI, 1991) ou onilateral (ENGELS, 1955 apud MANACORDA, 2007), termos que traduzem ideias muito aproximadas em face ao objetivo da formação, quando denotam uma formação não restrita e que leva à autonomia do trabalhador.

Embora seja de grande relevância, as posições e desenvolvimentos desses autores acerca da educação, em articulação com o trabalho, resgatamos a ideia da educação em articulação integrada à cultura, e enfocamos a partir de Leo Maar (2003d) que, a forma alienada do trabalho como anunciada por Marx, se generalizou na sociedade e, portanto, “que a crise da formação cultural, a deficiência da experiência cultural continuada constitui uma característica da modernidade, colocando em xeque assim a noção de “progresso” (...) o poder das relações sociais é decisivo, sofrendo ainda os efeitos das pulsões instintivas” (LEO MAAR, 2003d, p. 18-19, grifos do autor).

Portanto, nos parece que o entendimento e exercício de uma educação com esclarecimento amplo a nível da cultura, como já citamos a partir de Adorno (2003f), apresenta-se com maior efetividade para objetivos que minoram a desumanização e, portanto, de valor imprescindível ao humanismo dessemelhante, pois acreditamos que, “se existe uma função para a educação, essa se encontra na promoção da cultura com fins de humanização, no combate à barbárie em todas as suas nuances, no investimento ao pensamento crítico e autocrítico” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985 apud ZANOLLA, 2014, p. 323). Essa autora conclui nos esclarecendo que, “isso concretiza o princípio da emancipação, permite lutar contra a ignorância, configurada enquanto violência de qualquer espécie” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985 apud ZANOLLA, 2014, p. 323).

E entre as espécies de violência que afligem o social, encontra-se aquela que se movimenta na esfera da educação, especialmente contra os professores e professoras de qualquer nível desse componente social. Por isso, a elucidação dos processos de violência que ocorrem na educação é de grande importância para o entendimento das (im)possibilidades que possui essa estrutura mediadora da cultura para a constituição do humanismo dessemelhante.

A construção teórica envolvida nos processos formativos pode ajudar-nos na compreensão da relação entre a violência e a educação, pois aglutina a contribuição de várias perspectivas dos fundamentos da área educacional, que nos permitem identificar os sentidos do discurso sobre a violência no sistema educativo. A relação entre violência e educação pode ser analisada começando-se das bases da sociabilidade, nas ações dos sujeitos sociais, na subjetividade, por meio das regras e de normas sociais, impostas e acordadas, bem como por meio da definição de justiça e legitimidade da ordem social (MAGALHÃES, 2019, p. 188).

Portanto, é como se dá a sociabilidade a partir dos componentes da cultura estabelecida e com as subjetividades que com ela se articulam, se apresenta como profícua possibilidade de uma análise mais aproximada da realidade, pois revela a construção teórica envolvida nos processos formativos.

Os processos formativos são estruturas que se articulam com as concepções de mundo e, portanto, de educação; por isso, interpenetram a esfera da cultura. Não obstante, traduzem interesses e são o efeito de disputa no campo da cultura. Nesse sentido, pode-se citar alguns dos processos formativos que compõem o contexto da modernidade tardia.

Relativização do conhecimento sistematizado, especialmente do poder da ciência, destacando o caráter instável de todo conhecimento, acentuando-se por outro lado, a ideia de sujeitos como produtores de conhecimento dentro de sua cultura, (...). Mais do que aprender e aplicar o conhecimento objetivo, os indivíduos e a sociedade progridem à medida que se empenham em alcançar seus próprios objetivos. Não há cultura dominante, todas as culturas têm valor igual. Os sujeitos devem resistir às formas de homogeneização e dominação cultural. É preciso buscar critérios de restabelecimento da unidade do conhecimento e das práticas sociais que a modernidade fragmentou (...) onde os saberes eliminem suas fronteiras e comuniquem entre si. Não há uma natureza humana universal, os sujeitos são construídos socialmente e vão formando sua identidade, (...) como construtores de sua vida pessoal e seu papel transformador, isto é, sujeito pessoal e sujeito da sociedade (LIBÂNEO, 2005, p. 27).

Portanto, toda uma alteração em relação ao paradigma da denominada modernidade, em especial a ideia da centralidade nas individualidades, afastamento da ideia de totalidade e relativização do conhecimento. A modernidade tardia, ou pós-modernidade, se compõe por correntes de pensamento, “elas se constituem a partir das críticas às concepções globalizantes do destino humano e da sociedade, as metanarrativas assentadas na razão, na ciência, no progresso, na autonomia individual” (LIBÂNEO, 2005, p. 38). Entre essas correntes, podemos citar o pós estruturalismo:

A influência do pós estruturalismo na educação aparece principalmente pela divulgação do pensamento de M. Foucault sobre as relações entre o saber e o poder nas instituições educativas. O sistema educativo enquanto poder cria um saber para exercer controle sobre as pessoas, razão para lançar descrédito sobre a pedagogia já que seu papel é formar o sujeito da modernidade, isto é, o sujeito submisso, disciplinado, submetido ao poder do outro. O saber está, pois, comprometido com o poder, sendo que essas relações de poder estão onipresentes, exercidas nas mais instâncias como a família, a escola, a sala de aula (LIBÂNEO, 2005, p. 39).

Já o neopragmatismo está:

associado à virada linguística-pragmática iniciada por filósofos ligados à Filosofia Analítica, seu principal representante é R. Rorty. Em oposição à tradição positivista do conhecimento, valoriza no processo educativo as experiências pessoais do indivíduo, a interação dialógica numa conversação aberta, contínua, interminável (LIBÂNEO, 2005, p. 39).

Procedemos alguns apontamentos acerca da modernidade tardia por ser uma importante visão de sociedade, uma vez que lança olhar ao indivíduo, à sua história e, por isso, acreditamos que possibilita algum tipo de rompimento progressista com o existente. Especialmente no contexto da educação, acreditamos que os processos educativos que traduzem a modernidade tardia tendem e alguns, de fato, materializam uma centralidade exclusiva no indivíduo, enviesando a leitura da realidade ao tempo que relega ao desprezo à universalidade, à relação fundante de complementação entre sujeito e objeto, como nos elucidava Adorno (1995b).

Por isso, as considerações que fizemos acerca da educação do trabalho e com o trabalho (MANACORDA, 2007; MASCARENHAS, 2012; MAGALHÃES, 2019), e da educação pós-moderna (LIBÂNEO, 2005), possuem a sua relevância no sentido de trazerem indispensáveis enfoques, tanto para o contexto da modernidade, em que nossos autores da educação do trabalho se apoiaram nas concepções Hegeliana e Marxiana, como da modernidade tardia.

Porém, para avançarmos em direção a (im)possibilidades de construção da nossa categoria, o humanismo dessemelhante, acreditamos que seja necessário centrar uma ideia de educação que se articula com a cultura estabelecida, mas que não se detenha nela, e nem por ela, pois, como nos orienta Adorno (2003a), o momento urge entender os processos subjetivos que determinam a objetividade.

E para tanto, afirma-se que a concepção de educação é aquela cujo objetivo é a produção “de uma consciência verdadeira. (...) A educação da família, na medida em que é consciente, por meio da escola, da universidade teria neste momento de conformismo onipresente muito mais a tarefa de fortalecer a resistência do que de fortalecer a adaptação” (ADORNO, 2003a, p. 141-144).

De modo mais contextualizado, este teórico nos apresenta, de forma conclusiva, o seu entendimento quanto à educação, partindo de uma contundente justificativa em relação à educação como se encontra, educação para a adaptação, o que obsta a emancipação do Ser.

O motivo evidentemente é a contradição social; é que a organização social em que vivemos continua sendo heterônoma, isto é, nenhuma pessoa pode existir na sociedade atual realmente conforme suas próprias determinações, enquanto isto

ocorre, a sociedade forma as pessoas mediante inúmeros canais e instancias mediadoras, de um modo tal que tudo absorvem e aceitam nos termos desta configuração heterônoma que se desviou de si mesma em sua consciência. É claro que isto chega até às instituições, até à discussão acerca da educação política e outras questões semelhantes. O problema propriamente dito da emancipação hoje é se e como a gente – e quem é “a gente”, eis uma grande questão a mais – pode enfrenta-lo (ADORNO, 2003f, p. 181-182).

E conclui fazendo apontamentos no que se refere aos objetivos mais importantes da educação para o atual contexto em que se encontra a cultura.

Mesmo correndo o risco de ser taxado de filósofo, o que, afinal, sou, diria que a figura em que a emancipação se concretiza hoje em dia, e que não pode ser pressuposta sem mais nem menos, uma vez que ainda precisa ser elaborada em todos, mas realmente em todos os planos de nossa vida, e que, portanto, a única concretização efetiva da emancipação consiste em que aquelas poucas pessoas interessadas nesta direção orientem toda a sua energia para que a educação seja uma educação para a contradição e para a resistência (ADORNO, 2003f, p. 182-183).

Por todas essas considerações, a base teórica que é chamada a apoiar a construção do nosso humanismo, se vale de elementos que compõem, sobretudo, concepções de quatro grandes dessemelhante pensadores, entre outros já referidos neste trabalho. São eles: Leon Battisti Alberti, Sigmund Freud, Max Weber, Friedrich Hegel, Theodor Adorno.

Para tanto, com essa categoria, tem-se o objetivo de propiciar uma forma de ser pela qual a pessoa possa minorar a condição de sofrimento alheio. Tal objetivo se aproxima daquele que propõe à pessoa se colocar nas relações interpessoais, a partir da experiência individual, num processo de individuação com a coletividade (ADORNO, 1995b), e sim, não importando a própria bagagem de vida, visa atender ao outro.

A metodologia que pretende estabelecer tal objetivo é constituída a partir das considerações dos nossos autores-referência, e conflui para as mais variadas formas possíveis de atender ao outro em seus sofrimentos.

Com Friedrich Hegel, iremos pensar a apropriação de elementos do mundo exterior, o que possibilita o conhecimento da realidade por meio da exteriorização da consciência nas relações interpessoais, que de retorno se faz mais inteirada da realidade. Ele expõe este processo da seguinte forma:

A consciência aí é para ela mesma, mas não é o ser-para-si; porém encontra-se a si mesma por meio do trabalho. [...] O trabalho, ao contrário, é desejo refreado, um desvanecer contido, ou seja, o trabalho forma. A relação negativa para com o objeto torna-se a forma do mesmo e algo permanente, porque justamente o objeto tem independência para o trabalhador. Este meio termo negativo é, ao mesmo tempo, a singularidade, ou o puro ser-para-si da consciência, que agora no trabalho

se transfere para fora de si no elemento do permanecer; a consciência trabalhadora, portanto, chega assim à intuição do ser independente, como [intuição] de si mesma. [...] no formar, o ser-para-si se torna para ele como o seu próprio, e assim chega à consciência de ser ele mesmo em si e para si. [...] assim, precisamente no trabalho, onde parecia ser apenas um sentido alheio, a consciência, mediante esse reencontrar-se de si por si mesma, vem-a-ser sentido próprio (HEGEL, 1992, p. 132-133).

Hegel (1992) está se referindo especialmente ao trabalho servil, mas essa possibilidade de exteriorização é presente no Ser e se faz perene na vida da pessoa. Então, a percepção de qualquer situação possibilita esse movimento da consciência.

Com Leon Battista Alberti, expoente humanista, iremos refletir sobre a condição de que é digna de exaltação: “(...) aquela atividade que não está voltada apenas para o benefício do indivíduo, mas também para o benefício de todos os outros homens e da cidade” (REALE, 2004, p. 24). E Alberti “elogia os estoicos, que consideravam o homem ser pela natureza constituído no mundo especulador e operador das coisas. E achavam que cada coisa nasceu para servir ao homem e o homem para conservar a companhia e a amizade entre os homens” (REALE, 2004, p. 25).

Ao citar esse pensador, nessa passagem, Reale (2004) refere-se a *homo faber*, sobre o qual pode pesar a ideia de uma vida para o trabalho desumano; mas com Alberti, nos importa o enfoque da realização. Nesse sentido, importa-nos a pessoa com grande apreço ao trabalho, ao uso de ferramentas, a resolver situações-problema, a se constituir também pelo trabalho.

Com Max Weber, elaboramos os valores a serem implementados. “Esses valores, supremos e mais sublimes, encontram refúgio na transcendência da vida mística, ou na fraternidade das relações diretas e recíprocas entre indivíduos isolados” (WEBER, 2010, p. 57). São, pois, valores como guia das formas de ser e, simultaneamente, como objetos a serem valorizados.

Com Sigmund Freud, dialogamos sobre a ambivalência do ser, cuja base é a existência de Eros e Tanatos. “Segundo nossa especulação, esse Eros atua desde o começo da vida e surge como ‘instinto de vida’, ‘oposto ao instinto de morte’, que se originou pela animação do orgânico” (FREUD, 1920b, p. 177). Condição essa que constitui uma ambivalência a qual determina a incompletude do Ser, com efeito, uma necessidade que cedo ou tarde irá clamar de modo mais ou menos determinante sobre a vida da pessoa.

Com Adorno e Horkheimer (1985), Adorno (1995a), Adorno (2003a) e Adorno (2003f) atentaremos para a condição em que, nas relações humanas, o outro muito provavelmente será encontrado numa condição determinada pela irrazão, pois,

com o desenvolvimento do sistema econômico, no qual o domínio do aparelho econômico por grupos privados divide os homens, a autoconservação confirmada pela razão, que é o instinto objetualizado pelo burguês, revelou-se como um poder destrutivo da natureza, inseparável da autodestruição. Estes dois poderes passaram a se confundir turvamente. A razão pura tornou-se irrazão (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 48).

Essas últimas considerações não se sustentam na ilusão de preparar alguém para qualquer dificuldade quando visam atitudes práticas no contexto do nosso humanismo dessemelhante, mas de modo inverso, visam entender as condições existentes e quase sempre inflexíveis da realidade, e por isso, delinham os contornos do humanismo dessemelhante.

Com Adorno (1995c), concordamos que seja “(...) ilusório esperar que o apelo a vínculos, ou inclusive a exigência de que se volte a manter vínculos, sirva deveras para melhorar o mundo e as pessoas” (ADORNO, 1995b, p. 109). Ele justifica essa convicção com base no entendimento de que “não tarda em perceber-se a falsidade de vínculos exigidos só para conseguir algo – mesmo que esse algo seja bom – sem que eles sejam vividos pelas pessoas como substanciais em si mesmos”(ADORNO, 1995b, p. 109, grifos do autor).

Como o interesse egoísta não tarda a se valer do que não é seu, essa condição, que a nosso ver repõe de modo perene o sofrimento indiscriminado e voluntário nas relações sociais, pelo que pudemos perceber, encontra como alternativa, uma reflexão que demos especial destaque por temos acordado e da qual nos valemos para o humanismo dessemelhante: “Penso também na formação de algo assim como grupos e colunas móveis de educação, formados por voluntários, que saíssem a campo e que, através de discussões, tentassem suprir as falhas mais perigosas” (ADORNO, 1995b, p. 112). Portanto, ir a campo orientado por valores humanizadores como instrumentos de contradição, de resistência ao estabelecido.

Com essas orientações, entendemos que temos um conjunto de possíveis (im)possibilidades que nos permite refletir acerca da forma de ser na perspectiva do humanismo dessemelhante. Desse modo, procuramos expor este perfil.

3.3 Do Ser para a formação

Neste item, pretendemos situar o humanismo dessemelhante no contexto das relações em que se desenvolve e para as quais ele se volta - o meio social, a cultura, a educação.

Situamos o humanismo dessemelhante no universo da secularização, o que se faz necessário, uma vez que não raramente as situações de atendimento a sofrimentos alheios são

apropriadas pelas pessoas de modo automaticamente relacionadas a procedimentos oriundos de alguma instituição religiosa, de algum grupo ou pessoas, cujo solo de convicções se volta de alguma forma para a condição da fé religiosa, seja essa qual for.

Portanto, visamos a pessoa viva no desenrolar de sua existência, nas relações que se travam no social e nas reflexões solo que possam desenvolver, cujo objetivo não se estende para além da terrenalidade da vida, das relações interpessoais travadas cotidianamente.

3.4 A praxis e suas (im)possibilidades para a educação humanista

O humanismo dessemelhante se propõe a subsidiar a prática de um Ser constituído por modos, comportamentos, ações e representações que atentem para as dificuldades alheias, no sentido de mitigar sofrimentos de qualquer ordem. Um Ser que em seus limites, tenha elementos para construir, sustentar e se manifestar, objetiva e subjetivamente de algum ou de todo modo possível, em prol de alguém que esteja com alguma dificuldade e que por isso trouxe à luz, sofrimento. Ajudar sempre, talvez seja a frase que resume o humanismo dessemelhante. Essa palavra, sempre, se encontra evidentemente condicionada ao contexto que vai delimitar o alcance, conforme as condições em que se encontra aquele que pretende apoiar o outro que sofre.

Porém, a sociedade que se manifesta atualmente é administrada por meio de uma racionalidade que estabelece o Ser transcendental, constitutivo dos homens e mulheres viventes, cuja característica principal são suas bases orientadas a processos mercadológicos (ADORNO; HORKHEIMER, 1985; ADORNO, 1995a; ADORNO, 1995b). Essa condição choca com a natureza humana do próprio Ser, a qual se expressa por um contraditório caráter instintual, o Eros como instinto de vida e, Tanatos, instinto de morte (FREUD, 1920b, p. 117).

Identificamos, nesta condição, um primeiro obstáculo para a (im)possibilidade de implementação dos procedimentos a partir do nosso pretensão humanismo dessemelhante. Obstáculo que instalado no Ser, em cada um de nós, engendra um enleio de sensações e outros sentimentos. Procurando deslindar esse emaranhado de sensações advindas da contradição que se ergue da natureza instintual humana, reafirmamos com Adorno (1995a, p. 205) que “o pensar tem um duplo caráter: é imanentemente determinado e é estrigente e obrigatório em si mesmo, mas, ao mesmo tempo, é um modo de comportamento irrecusavelmente real em meio à realidade”.

Num primeiro momento, essa consideração parece apresentar um elemento ainda mais complicador ao contexto do indivíduo, pois posiciona o Ser num entre mundo interior e mundo exterior, a perceber, simultaneamente, e o tempo todo, influências de seu eu e do mundo exterior. No entanto, pensamos que essa consideração seja efetivamente o entendimento que avança e explica de modo extraordinário a complexidade do Ser. Este, o indivíduo, encontra-se desde sempre sobre a base da ambivalência e, portanto, a sua forma de Ser apresenta a carência que pode ser reprimida por si ou por outrem, ou atendida, pelo indivíduo que busca ou por outrem que venha a essa atender. O labirinto que exige decisões é nutrido pela subjetividade que percebe a si e ao mundo ao redor, pois é estringente e imanentemente determinado, o que abre a possibilidade de que as percepções exteriores possam ser convertidas em decisões e alternativas ao labirinto de possibilidades que nos aparece nas distintas situações. O leque de decisões e manifestações é amplo e imprevisível se há o desconhecimento do Ser, apesar de que a previsibilidade nas formas sociais atuais é a da posição da maioria coagulada sob o efeito aglutinador da indústria cultural.

Do ponto de vista do ser que se propõe à forma do humanismo dessemelhante, o processo ocorre de modo muito parecido. Todavia, as decisões visam aos valores humanos mais sublimes, os quais se encontram atualmente por meio das relações de indivíduos isolados e com a superação da vida mística (WEBER, 2010) e, por isso, vai ao encontro daquele que se sabe que sofre, vai a campo individualmente ou na forma de colunas móveis de educação, apresentando valores que resistem ao processo gerador de sofrimento estabelecido (ADORNO, 1995b). Se põe pela educação da contradição ao tempo que não desvia o olhar, do sofrimento alheio no sentido de amparar o outro, em situação que se encontra passível de ações de acolhimento àquele que sofre.

Indo ao encontro do sofrimento alheio, levando e valorizando nos outros esses valores sublimes mais apartados dos campos mercadológicos, desenvolve este procedimento com vistas a um trabalho que seguramente é de difícil realização, mas que, sendo entre humanos, visa ao bem do outro, e de todos os outros (ALBERTI, s.d. apud REALE, 2004) e, por isso, realiza o mínimo que seja um recuo dos sofrimentos em geral.

Os procedimentos descritos procuram fundamentar situações a partir da pessoa em direção ao outro. Em suas nuances, como procuramos fundamentar, esse movimento nos parece que se aproxima das proposições de Adorno (2003f, 1995a; 1995b) quando afirma que a construção da autonomia seria possível não pela forma, mas pelo conhecimento por meio da experiência vivida, em um processo de individuação com o coletivo, em que o indivíduo não é

apagado em prol das concepções da coletividade. Também não desconhece as demais individualidades, pondo-se como unidade no diverso, como individuação. Um procedimento em que se prioriza o outro como ponto de partida, entendendo o objetivo da interação como mediação em relação ao outro, tanto para entendê-lo como para realização de alguma atitude.

Para o humanismo dessemelhante, a experiência que a pessoa possui não é a única levada como referência para o que se pensa e o que se deve fazer, mesmo considerando a mediação dos objetivos da relação. A experiência que constituiu a pessoa passa a ser um pressuposto, uma condição a partir da qual uma pessoa irá ou não se envolver nas propostas do humanismo dessemelhante.

Evidentemente que o que se é produto de toda uma existência até então, não é e nem pode ser apagado, ou posto em suspensão como em outras correntes metodológicas asseguram para as concepções e práticas - por isso não é o que estamos propondo. Mas o que se é produto de uma história de vida, pensamos que não pode ser determinante, principalmente para interações com quem vivenciou alguma divergência por qualquer motivo.

Com isso, queremos afirmar que o colocar-se da pessoa é para ajudar, independente do que essa pessoa seja como produto de sua vida, até então. Para ajudar alguém, mesmo que o outro esteja em condições antagônicas ou defenda posições antagônicas àquele que pretende ajudar, pensamos que a pessoa imbuída da intenção de ajudar, tem essa possível possibilidade, mesmo que ela se caracterize por qualquer elemento, por qualquer traço físico ou não, por qualquer convicção, mesmo que esses traços possam ser, por muitos, motivo de discriminação, desrespeito etc.

Enfim, estamos afirmando que, para a mitigação do sofrimento alheio como estamos propondo, a pessoa não se guiará pelas defesas que a orienta na luta social, mas simplesmente tentará ajudar, pois estas lutas que empreendemos para nos mantermos vivos na sociedade, minimamente respeitados, são a parte densa da nossa experiência e, talvez, nos regrida ao estabelecido socialmente quando da busca pelo efetivo conhecimento que visaria à emancipação.

Refletimos sobre situações reais como exemplificação, e nelas aludimos à imagem de sócios em determinado empreendimento. A reflexão toma esses personagens como ponto de partida, por serem personagens empreendedores, os indivíduos da sociedade do capital, a sociedade atual. Contudo, no desenvolvimento desse exemplo, as circunstâncias postas a nosso ver, abrange (im)possivelmente a todos, pois, quando centra a sua dinâmica na relação de ser humano para ser humano, desloca a relação entre sócios para mero ponto de partida,

que também poderia se dar entre colegas de profissão, amigos de infância ou a partir de relações constituídas por qualquer outra natureza.

Em nosso exemplo, esses sócios assim o são pela empresa que os têm para si, sendo meio para que a empresa exista, dê retorno lucrativamente satisfatório, dividam o lucro e fiquem com o dinheiro. E pensamos que o dinheiro não pode absolutamente tudo, por isso, os sócios o são para um empreendimento que deles exige todo o seu ser, esforços físicos, subjetividade, tempo... e sofrimentos de tudo que não se desenvolve como se esperava, leia-se acometimento da saúde. De retorno lhes dão benesses limitadas ao mundo das coisas e outras que só se conseguem por meio de trocas, a partir de coisas.

Propomos uma reflexão sobre o fato de que essas duas pessoas possam ser sócias não para a empresa, elas como meio, empresa como fim; mas serem sócias para si, tendo o empreendimento como meio, meio de interação com a (im)possibilidade de constituírem relações humanizadoras, a fim de se ajudarem em tudo o que recursos financeiros não possam alcançar, como situações que exigem confiança, tempo, dedicação, consideração etc, e meio para a produção de recursos para a aquisição de coisas.

Nesse sentido, por analogia, a sociedade para a empresa inclui investimento para a manutenção e melhorias da empresa, inclui socorro caso a empresa necessite, na forma de dinheiro ou de trabalho mais intenso ou mais prolongado, a fim de resolver entraves ao seu bom funcionamento. Por outro lado, a sociedade, para ambos, poderia apresentar-se de duas formas que pensamos ser de dois diferentes níveis. Num primeiro, os problemas financeiros de um dos sócios poderiam ser minorados pelo outro. Nessa ocasião, pensamos em doenças graves em família ou pessoal, ou qualquer outro tipo de revés que pode atingir a todos a qualquer momento de nossas vidas, e que exige grandes recursos financeiros. Evidentemente sob as reservas do que denominamos ser os parâmetros das formas de ser, ou seja, um labirinto de alternativas que termina com a decisão pessoal.

Num segundo nível, a ajuda não seria somente financeira, mas envolveria a dedicação de uma parcela de tempo para o auxílio de superar a burocracia, o trânsito, as filas etc., situações em geral que necessitam de tempo, empenho com responsabilidade e só podem ser resolvidas por alguém de confiança.

Com essas construções, procuramos explicitar que tal sociedade, quando deixa de ser para o negócio e passa a ser para as pessoas, desloca do centro a ideia da relação para o lucro, e põe como central a relação para o não sofrer. Nesse caso, põe-se o empreendimento como meio da relação e como meio para o atendimento de cada um dos envolvidos. Assim, a

partilha não se limita ao lucro, ela se expande para uma correlação que visa principalmente mitigar as dificuldades do outro, o que é (im)possível de ser reproduzido em quaisquer circunstâncias em que as pessoas queiram.

Assim, parece que um dos focos do humanismo dessemelhante seria minorar ou impedir situações que pelo sistema capitalista se converge em afazeres remunerados e até em novas profissões, como o velho *office boy*, e atualmente o profissional *organizer*, entre outros. Não desconsideramos a necessidade de alguém ter que receber financeiramente por algum feito, ou de pagar pelo mesmo, mas acreditamos que profissões ou afazeres remunerados que surgem de burocracias do sistema socioeconômico e de impossibilidades de tempo, também oriundo daquele, são condições centrais para a reafirmação do sistema como fim e dos seres humanos como meio, e não o inverso, como pretendemos pelo humanismo dessemelhante, pela educação como resistência.

Destacamos neste contexto, a tentativa de afastamento da velha relação custo-benefício para uma relação que se põe como eixo em nossa proposição acerca do humanismo dessemelhante, a relação empenho-duplo benefício. Empenho daquele que pode ajudar o outro que sofre, e benefício para quem é apoiado em seu sofrimento, e para aquele que prestou apoio, pois cultiva em si e no outro, valores humanos supremos e sublimes como indicados por Weber (2010) e por meio dessa interação, se fazendo pessoa mais humana (HEGEL, 1992).

Não iremos materializar exemplos de situações que possam ser corriqueiras, como ajudar pessoas com limitações físicas ou mentais em momentos de necessidade em situações esporádicas no dia a dia, uma vez que já destacamos a intervenção pela contradição, e neste caso, a nossa convergência a posições que se contrapõem ao sofrimento em todas as situações. Tampouco iremos referir ao respeito às diferenças e, para reproduzir o que todo dia reproduz a grande mídia, respeito ao homoafetivo, ao negro, à mulher. Isso porque acreditamos que todos somos diferentes uns dos outros. A todos esses e aos outros, dirigir-se com o objetivo de minorar o sofrimento e com o respeito que todo ser humano deveria ter, pois todos, em algum momento, sofrem, seja mais, seja menos.

Queremos resgatar a nossa posição quanto àqueles que mais sofrem, e destacar a fome como algo que já pode ser suprimida no mundo, a considerar que quando se pensa na abundância e na fome, estas são de caráter opositor, mas, “(...) imediatamente idênticas enquanto potências da dissolução. Ao subordinar a vida inteira às exigências de sua conservação, a minoria que detém o poder garante, justamente com sua própria segurança, a

perpetuação do todo” (ADORNO; HORKHEINER, 1985, p. 37-38). Por isso, independentemente de quem seja, das características pessoais que possua, alimentar-se é condição primeira para viver. Portanto, considerando os valores supremos e mais sublimes do ser humano, como destaca Weber (2010), minorar o sofrimento de alguém é o sentido principal da frase que pensamos expressar o humanismo dessemelhante: ajudar sempre.

Contudo, o caráter universal da desumanização impõe a qualquer proposição que se quer mais humana, o indiscutível objetivo de desbarbarizar o contexto das relações humanas, ao tempo que requer como objetivo primordial para a educação o impedimento da repetição de Auschwitz (ADORNO, 1995b). No bojo de uma sociedade movida pela irrazão, também urge a luta, a resistência ao totalitarismo, à racionalidade administrada, e nesse contexto, não menos importante, é a resistência a uma forma atualizada de personalidades fascistas cristalizadas em vários setores da sociedade, destaque para quadro político hodierno. E por isso, o desejo de manter no horizonte dos objetivos, uma formação para a resistência, para a contradição, o que nos possibilita uma educação, uma cultura efetivamente humana (ADORNO, 2003a).

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Vindo de uma tradição que procura ser humano com o Ser humano, e de poucas condições materiais, historicamente fomos residência de um sentimento de incômodo com as referências que nos constituiu para além da educação familiar, essa, de excelência. Algo soava estranho, injusto, grotesco até. A curiosidade com os procedimentos alheios possibilitou entendimentos básicos, mas suficientes para despertar questionamentos para os quais as respostas surgiam na medida em que nos inserimos na academia.

A proximidade com as pessoas amigas e parentes de notável inteligência, dedicação e princípios éticos e morais, com os quais me identifiquei, nunca me faltaram a companhia, mas a relevância dos estudos foi e tem sido de grande importância em minha vida.

A iniciação nos estudos da dialética materialista de Marx (2017), incipiente na graduação e na especialização, ganhou profundidade no mestrado, e nos proporcionou maior consciência do mundo, da sociedade, assim como nos propiciou a inserção na docência. Os desdobramentos do método: o concreto pensado, a falsa consciência, a unidade no diverso etc, nos possibilitou um tanto de entendimento do funcionamento do sistema socioproductivo e, portanto, a obtenção de respostas a muitos questionamentos companheiros de longa data. Também me proporcionou uma fundamentação, uma segurança na prática docente, tanto nos nomeados aspectos teóricos, como na produção das aulas em si.

Contudo, a curiosidade, o desejo de aprender sempre mais, me manteve instigado, e de várias formas, relacionando ao meio acadêmico da pós-graduação. A inserção no doutorado nos permitiu um conhecimento novo - a dialética; agora negativa Adorno (2009), me apresentou um horizonte até então oculto. A perene tensão sujeito e objeto, a não-identidade, o desencantamento do conceito etc, me desafiou a novas e tensas reflexões.

As orientações e as aulas no decorrer do curso trouxe inúmeros componentes mediadores, tomados de várias teorias e do arcabouço da teoria crítica, sobretudo, Adorniana, que nos propiciou mais qualidade nas nossas reflexões e, portanto, uma pacificação no custoso desafio de entender um pouquinho a teoria crítica. Os conceitos cognitivos de Marcuse (1969), a indústria cultural, Adorno e Horkheimer (1985), a tão sonhada emancipação de Adorno (2003), a luta por reconhecimento Honneth (2003) entre outras ideias e conceitos caros às teorias críticas se estabeleceram como ponto nodal no decurso do meu processo de conhecer.

Porém, o ponto de inflexão que me permitiu encadear componentes da teoria crítica, que persistiam orbitar de modo isolado em nosso horizonte teórico, se apresentou por meio de diálogos com a minha orientadora. Nessa dinâmica, especialmente em alguns momentos mais específicos, tomados por um diálogo aberto e academicamente rigoroso, eu pude perceber um enorme volume de elementos teóricos e metodológicos tanto em qualidade como em quantidade, que materializaram conexões, relações, sentidos, processos, que até então eu não compreendia. Quando o conhecimento ganha robustez, ganhamos confiança em nós.

O grande volume e riqueza da teoria crítica, sobretudo Adorniana, não deixa dúvidas de que ela é um estudo para a vida inteira, mas o tanto que dela consegui me apropriar, me permite entender um horizonte que se fazia ainda opaco sob o instrumental teórico da dialética Marxiana.

Pensamos agora não apenas pela centralidade das relações de produção, porque necessitamos sair da menoridade (KANT, 1985). Essa necessidade envolve diretamente a percepção de ser participante de relações que fluem sob uma irrazão (ADORNO; HORKHEIMER, 1985), esta por sua vez, contribui com a falta de percepção de uma condição em que os instintos destrutivos das pessoas aliados à alta tecnologia, caracteriza a barbárie real (ADORNO, 1995b), inalgurada literalmente em Auschwitz (ADORNO, 1995b), local cujos fatos que lá se desenrolaram leva esse teórico a se referir a ele como o horror.

Um horror cujas condições que o engendrou, a pressão do social sob uma cultura vazia e uma individualidade negada (ADORNO, HORKHEIMER, 1985), encontram-se vigentes e robustos, o que urge pensar processos formativos mais humanos. E nessa direção, uma educação para a resistência ao existente, leia-se à barbárie, ou seja, educação e cultura que permitam a emancipação do perigo, do horror (ADORNO, 2003a). Uma educação que não se subordine automaticamente aos ditames da racionalidade administrada (ADORNO; HORKHEIMER, 1985). Uma educação que não se sujeite à negação da individualidade, nem tampouco uma educação que nega a totalidade, mas, nesse sentido, uma educação que procure tencionar sujeito e objeto em uma dinâmica inesgotável (ADORNO, 1995a).

Por fim, uma educação que se alinha à cultura da superação ao sempre igual, uma cultura cuja fruição não se detenha nos empobrecidos bens culturais, mas se lance a relações e construções mais humanas centradas no não-eu no outro (ADORNO, 2003b). Esse direcionamento da formação é o horizonte que orienta o humanismo dessemelhante em construção por meio deste nosso estudo. O humanismo do contexto da Renascença aliado à

educação para a contradição ao existente sob o constante propósito de ajudar sempre, visando amenizar sofrimentos.

Observamos que a passagem do esclarecimento ao mito e toda a constelação de elementos que permeiam a indústria cultural, a semiformação e com efeito a irrazão Adorno e Horkheimer (1985), nos permitiu entender a realidade social com a qual colidem os viventes e determina a relação sujeito e objeto, Adorno (1995a). Com efeito, o Ser desapossado da condição de sujeito, sofre, sofrimento este que nos aflige a todos, mas de modo distinto, e que por isso produz realidades e conseqüentemente subjetividades distintas o que constitui múltiplas modernidades, Fontes (2021). Nesta perspectiva vemos a conjuntura atual como o desenrolar de divergências entre distintas modernidades sob a cultura do descartável, por meio da qual vamos paulatinamente perdendo o Ser, Oliveira Neto (2021), e acreditamos que esta condição tem muito a esclarecer o caos em que nos sentimos atualmente.

Identificado por pós-modernismo, o momento atual é crivado de controversas, se com Harvey (2005) vimos que considerável parte das argumentações que sustentam as subjetividades das individualidades consideradas periféricas partem de reificações, com Honnet (2003) vimos que a luta por reconhecimento de pessoas, grupos e comunidades marginalizadas é ofuscada e até bloqueada pela própria realidade a qual impede estas frações de acessarem inclusive condições de autorrespeito, por ser esta realidade esvaziada de justiça, de amor e de solidariedade. Por isso pensamos em propor o humanismo dessemelhante a partir de aspectos éticos e filosóficos do Humanismo, movimento da Renascença Reale (2004) e da teoria crítica especialmente adorniana.

Contudo, neste ponto a que chegamos desta pequena construção, percebemos que a direção que percorremos ao destacar e procurar discutir os sofrimentos, a irrazão, as múltiplas modernidades, a perda do Ser, a luta por reconhecimento; nos permitiu entender que a base de sustentação para um humanismo dessemelhante deve buscar fortes contributos nas ideias do eu e do me da teoria psicológica de Mead, trabalhada por Honneth (2003), assim como na relação Ser e ente, como a entende Adorno (2009), o que exige um exame acurado não somente das obras destes autores como também de Hegel, para a construção de uma sólida estrutura teórica e metodológica que venha dar conta da nossa utopia, humanismo dessemelhante, um quadro teórico para o qual a conjuntura que nos cerca se fez imperativa.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. À guisa de introdução: Adorno e a experiência formativa. *In: Educação e Emancipação*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003d.
- ADORNO, T. W. A filosofia e os professores. *In: Educação e Emancipação*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003h.
- ADORNO, T. W. **Dialética negativa**. Trad. Marco Antonio Casanova; revisão técnica Eduardo Soares Neves Silva. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- ADORNO, T. W. Educação contra a barbárie. *In: Educação e Emancipação*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003b.
- ADORNO, T. W. Educação e emancipação. *In: Educação e Emancipação*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003f.
- ADORNO, T. W. Educação para que? *In: Educação e Emancipação*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003a
- ADORNO, T. W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. São Paulo: Unesp, 2019.
- ADORNO, T. W. **Introdução à sociologia**. São Paulo: Unesp, 2008.
- ADORNO, T. W. O que significa elaborar o passado? *In: Educação e Emancipação*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003g
- ADORNO, T. W. **Palestra feita para os acadêmicos da universidade técnica Karlsruhe**, em 10 de novembro de 1953.
- ADORNO, T. W. Televisão e formação *In: Educação e Emancipação*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003c
- ADORNO, T. W. **Temas básicos de sociologia**. São Paulo: Ática, 1986.
- ADORNO, T. W. **Teoria da semicultura**. Porto Velho: EdUFRO, 2005.
- ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- ADORNO T. W. Notas marginais sobre teoria e práxis. *In: _____*. **Palavras e sinais: modelos críticos 2**. Petrópolis: Vozes, 1995c.
- ADORNO T. W. Sobre sujeito e objeto. *In: _____*. **Palavras e sinais: modelos críticos 2**. Petrópolis: Vozes, 1995a.
- ADORNO T. W. Educação após Auschwitz. *In: _____*. **Palavras e sinais: modelos críticos 2**. Petrópolis: Vozes, 1995b.

ADORNO T. W. Razão e revelação. In: _____. **Palavras e sinais: modelos críticos 2**. Petrópolis: Vozes, 1995d.

ALMEIDA, O. T. **Modernidade, pós-modernidade e outras nublosidades**. *Cultura*, Vol. 22. 2006. Disponível em: <http://journals.openedition.org/cultura/2147>; DOI: 10.4000/cultura.2147. Acesso em: 19 abr. 2019.

AURÉLIO B. O. F. **Novo dicionário da língua Portuguesa**. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1986

BAPTISTA, T. J. R. **A obesidade e a indústria do emagrecimento**. *ComCiência*, Campinas, n. 145, 2013.

BAUMAN, Z. **Vida para consumo: A transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro, Zahar, 2008

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Editora brasiliense, São Paulo, 1994.

BRASIL. **Decreto Nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999**. Regulamenta a Lei no 7.853, de 24 de outubro de 1989, dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, consolida as normas de proteção, e dá outras providências. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3298.htm, Acessado em Maio/2022

BRASIL. Presidência da República. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. **Decreto nº 5.296, de 2 de dezembro de 2004**. Regulamenta as Leis nºs 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2004.

CARDIM, I. Ano de 2021 teve recorde de divórcios consensuais no Brasil. **Agência Brasil**, Brasília, DF, 7 jan. 2022. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/>. Acesso em: Fevereiro de 2022

CAUVIN, J. **Naissances des divinités, naissance de l'agriculture**. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS), 1994.

COSTA, J. F. **Violência e psicanálise**. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986.

CROCHICK, J. L.; ZANOLLA, S. R. S. **O vazio da indiferença: Racionalidade social, tecnologia e adoecimento**. In: Trabalho, racionalidade e adoecimento. Campinas: Mercado das Letras, 2021. P 15-35

CROCHICK, J. L. Preconceito e ilusão. Webmosaica, vol. 3 nº 1, jan/jun. In: **O vazio da indiferença: Racionalidade social, tecnologia e adoecimento**. Trabalho, racionalidade e adoecimento. Campinas: Mercado das Letras, 2021. P 15-35

CROCHICK, J. L.; ZANOLLA, S. R. S. **Trabalho, racionalidade e adoecimento**. Campinas: Mercado de Letras, 2021a

CURY, C. R. J. **Educação e Contradição: elementos metodológicos par uma teoria crítica do fenômeno educativo**. Cortez, Autores Associados, São Paulo, SP, 1986

EISENSTADT, S. N. **Comparative Civilizations & Multiple Modernities**. Leiden and Boston: Brill, vol. 1 e vol. 2, 2003.

EISENSTADT, S. N. Modernidades Múltiplas. **Sociologia, Problemas e Práticas**, Lisboa, nº 35, p.139-163, 2001.

ENGELS, F. **La situazione della classe operaria in Inghilterra**. Roma, Edizione Rinascista. 1955a

FIOCRUZ-FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Deficiência Mental**. Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/biosseguranca/Bis/infantil/deficiencia-mental.htm>. Acesso em: 5 maio 2022.

FONTES, P. V; **Das múltiplas modernidades à pós-modernidade: uma reflexão a partir de Shmuel Eisenstadt**. In: revista humanidades e inovação. V.8, n 44. pp 361-367. Ciência Vitae: <http://www.cienciavitae.pt//9312-B2EE-487B>. 2021

FONTES, V.. Quem tem medo de Gramsci. **Conversas Impertinentes**, 14 maio 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6pYalGYq70o>. Acesso em: 5 jan. 2022.

FREUD, S. **Mal-estar na civilização e outros trabalhos**. São Paulo, CIA das Letras, 2011

FREUD, S. Obras completas vol. 7. **O Chiste e sua relação com o inconsciente**. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1905.

FREUD, S. Obras completas vol. 10. **O futuro de uma ilusão**. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1920a.

FREUD, S. **O mal estar na cultura**. 2. ed. Porto Alegre: L&PM, 2017.

FREUD, S. Obras completas vol. 9. **Psicologia das massas e análise do Eu**. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1920c.

FREUD, S. Obras completas vol. 14. **Totem e Tabu**. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1920d.

FREUD, S. Obras completas vol. 8. **Uma Teoria Sexual**. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1920.

FREUD, S. Obras Completas vol. 14. **Além do princípio do prazer**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1920b.

GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro, Civilização brasileira, 1991.

GALARRAGA, N. Jovem mata três crianças e dois adultos a facadas em uma escola infantil de Santa Catarina. **EL PAIS**, São Paulo, 4 maio 2021.

GRUPO GLOBO. Estudante brasileira vende virgindade a japonês por 780.000 dólares. **G 1 Mundo**, Rio de Janeiro, 25 out. 2012.

HABERMAS, J. (1983). **Técnica e ciência enquanto ideologia**. In: BENJAMIM, Walter; HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W.; HABERMAS, J. Textos escolhidos. São Paulo, Editora Abril, pp 313-343

HARVEY, D. **Condição pós-moderna. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo, Editora Loyola, 14^a Edição, 2005

HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do espírito**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

HOBBSAWM, E. J. **A era do capital**. 28. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018a.

HOBBSAWM, E. J. **A era das revoluções**. 28. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018b.

HONNETH, Axel. Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais. Tradução de Luiz Repa, São Paulo, Editora 34, 2003

HORKHEIMER, M. **Eclipse da razão**. São Paulo: Unesp, 2015.

HUYSENS, A. (1984): “**Mapping the post-modern**”. *New German Critique*, n° 35, pp. 5-52. Institute of Personnel Management (1986): *Flexible patterns of work*, Londres.

IBGE. **Pessoas com deficiência: Conheça o Brasil-População**. Rio de Janeiro: IBGE Educa Jovens, 2022. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens>. Acesso em: 5 maio 2022.

JAMESSON, F. (1984b) “**postmodernism, or the cultural logic of late capitalism**”. *New Left Review*, n° 146, pp. 53-92

KANT, I. **Crítica da razão pura**. 5. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

KANT, I. **Textos seletos**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. (Orgs). **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo, Martins Fontes, 1991.

LEO MAR, W. À guisa de introdução: Adorno e a experiência formativa. In: ADORNO, T. W. **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003d. p. 11-28.

LDB. **Lei de diretrizes e bases da educação Nacional**. Brasília, 1996

LIBÂNEO, J. C. As teorias pedagógicas modernas revisitadas pelo debate contemporâneo na educação. In: LIBÂNEO, J. C. ; SANTOS, A. (Orgs). **Educação na era do conhecimento em rede e transdisciplinaridade**. Campinas, SP, Alínea, 2005. P 19-62

MANACORDA, A. **Marx e a pedagogia moderna**. Educação em debate, Alínea editora, Campinas São Paulo, 2007

MARCUSE, H. **Ideologia da sociedade industrial**. Zahar editores. Rio de Janeiro, RJ, 1969

MARCUSE, H. **Ideologia da sociedade industrial**. Zahar editores. Rio de Janeiro, RJ, 1982

MARX, K. **O capital: crítica da economia política**. São Paulo, Boitempo, 2017.

MARX, K. **O capital. Crítica da economia política**. Livro primeiro o processo de produção do capital. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

MARX, K.; ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. Edição eletrônica: Ed. Ridendo Castigat Mores, 1999. Ebook

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto del partido comunista**. Piccola biblioteca marxista, Roma: Edizione Rinascista, 1948b.

MARX, K. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MAGALHÃES, S. M. O. Entre sombras e luzes: a questão do fenômeno da violência política e ideológica contra os professores. In: **Educação contra a violência, pesquisas e análises críticas**. Org: Silvia Rosa da Silva Zanolla, Antonio A. S. Zuin. Campinas, São Paulo, Editora Alínea, 2019.

MASCARENHAS, A. C. B.; ZANOLLA, S. R. (orgs.). **Educação, Cultura e Infância**. Campinas: Alínea, 2012

MONTEIRO, L. **Languishing: “A pandemia colocou todos numa condição de sobreviventes.”** Estado de Minas, Bem Viver, 30 jan. 2022.

OLIVEIRA NETO, P. A. G. **Fenômeno e história: a morte do homem e o covid-19**. In: Trabalho, racionalidade e adoecimento. Campinas: Mercado das Letras, 2021.

ONU-Organização Mundial da Saúde. **ONU: Covid-19 causou mais de 6.400.000 mortes diretas ou indiretas**. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2022/05/1788242>. Acessado em Maio de 2022

OPAS-ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Folha informativa sobre COVID-19**. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em: 5 jan. 2021.

OPAS-ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Pandemia de COVID-19 desencadeia aumento de 25% na prevalência de ansiedade e depressão em todo o**

mundo. Rio de Janeiro, 2 mar. 2022. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias>. Acesso em: 4 maio 2022.

PAULA, W. M. de. **Gênero Humano e ser social: A obstacularização ao patrimônio genérico humano**. Dissertação de mestrado, UFG, 2017

PENSO, M. A.; SENA, D. P. A. de. A desesperança do jovem e o suicídio como solução. **Sociedade e Estado**, Brasília, DF, v. 35, n.1, jan./abr. 2020.

REALE, G. **História da filosofia: do humanismo a Descartes**. v. 3. São Paulo: Paulus, 2004.

REUBER, A. 1% da população global detém mesma riqueza dos 99% restantes. **BBC News**, 18 jan. 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias>. Acesso em: 5 maio 2022.

RIBEIRO, S. H. **Trabalho, e mortificação: o humano, o desejo e o consumo**. 2018, Tese (doutorado em sociologia) Universidade Federal de Goiás, Goiania, 2018

SAFATLE, V.; JUNIOR, N. da SILVA.; DUNKER, C. (Orgs). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte, Autêntica, 2022

SALES FILHO, Eduardo. **Papo de Gordo 32**. 2009. Disponível em: <https://www.papodegordo.com.br/2009>. Acesso em: 7 maio 2022.

SCHWARTZ, Y. Conceituando o trabalho, o visível e o invisível. **Trabalho, Educação, Saúde**, Rio de Janeiro, v. 9, supl.1, p. 19-45, 2011.

TERRA, W. A. **Educação, racionalidade tecnológica e adoecimento** In: Trabalho, racionalidade e adoecimento. CROCHICK, J. L.; ZANOLLA, S. R. S. Campinas: Mercado de Letras, 2021b. p. 127-144

WEBER, M. **Ciência e política duas vocações**. 2. ed. São Paulo: Martin Claret, 2010.

WILLIAMS, M. H. BRANCH, J. D **Recursos Ergogênicos** In: A ciência do exercício e dos esportes. Jones & Bartlett Editora, 1998, p 401-411

ZANIN, C. A imprensa e o papel das mídias no Brasil. **Pragmatismo Político**, 2 mar. 2015. Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br>. Acesso em: 3 jan. 2022.

ZANOLLA, S. R. S. **Afirmção verbal em reunião do núcleo de pesquisa**. Goiânia: NEVIDA, 2019.

ZANOLLA, S. R. S. **Dialética negativa e materialismo dialético: da subjetividade decomposta à objetividade pervertida.. kriterion**, Belo Horizonte, v. 56, n. 132, p. 451-471, dez. 2015.

ZANOLLA, S. R. S. Educação e psicanálise em Adorno – **A (re)versão apologética da cultura**. **Inter-Ação**, Goiânia, v. 39, n. 2, p. 311-327, maio/ago. 2014.

ZANOLLA, S. R. S. **Poder, controle e relações de trabalho na universidade pública à luz da teoria crítica**. Goiânia: FE/UFG, 17 set. 2008. (Conferência apresentada em mesa redonda por ocasião da reunião do Conselho Diretor.)

ZANOLLA, S. R. S. PONTES, J. S. **Cultura, educação e violência no telejornalismo sensacionalista, pesquisa crítica**. São Paulo, Campinas, 2021

ZANOLLA, S. R. S.; SILVA, C. C.; SILVA, S. A. Trabalho docente, racionalidade, barbárie e adoecimento na Universidade. *In*: CROCHICK, J. L.; ZANOLLA, S. R. S. **Trabalho, racionalidade e adoecimento**. Campinas: Mercado de Letras, 2021a. p. 163-184.

APÊNDICE A - Quadro de Reportagens que Figuraram nos Telejornais Exibidos entre 1º de janeiro e 31 de maio de 2022

| Dia/ Mês | Tempo de reportagem | Nº de reportagens | Reportagem sobre violência | Título | Duração |
|-----------------|---------------------------------------|---|---------------------------------------|--|----------------|
| 01/jan | 44' e 46'' | 15 | 01 | <u>Fantástico vai mostrar caso chocante de violência e racismo no Maranhão. (Um jovem negro foi tratado como ladrão e espancado no meio da rua, por estar mexendo no próprio carro.)</u> | 2' |
| 03/jan | 47' e 31'' | 18 | Não houve reportagens sobre violência | | |
| 04/jan | 49' e 10'' | 23 | Não houve reportagens sobre violência | | |
| 05/jan | Edição Indisponível | | | | |
| 06/jan | 48' e 22'' | 22 | Não houve reportagens sobre violência | | |
| 07/jan | 46' | Detalhamento das reportagens indisponível | | | |
| 08/jan | 48' e 01'' | 17 | 01 | <u>Pacientes que dependem de medicamentos do Ministério da Saúde estão recorrendo a doações.</u> | 4' |
| 10 e 11/jan | Não houve reportagens sobre violência | | | | |
| 12/jan | 51' 23'' | 19 | 01 | <u>Polícia Civil de Pernambuco anuncia ter identificado quem matou a menina Beatriz a facadas.</u> | 5' |
| 13 e 14/jan | Não houve reportagens sobre violência | | | | |
| 15/jan | 46' e 44'' | 21 | 01 | <u>Fantástico traz um alerta sobre avanço de grupos neonazistas no Brasil.</u> | 2' |
| 17/jan | Não houve reportagens sobre violência | | | | |
| 18/jan | 50' e 49'' | 17 | 01 | <u>Agentes penitenciários encontram morto homem acusado de 3 assassinatos no fim do ano passado.</u> | 2' |
| 19/jan | Não houve reportagens sobre violência | | | | |
| 20/jan | 49' e 15'' | 19 | 01 | <u>Relatório independente afirma que então arcebispo de Munique, Joseph Ratzinger, acobertou caso de pedofilia.</u> | 2' |
| 21/jan | 50' e 12'' | 19 | Não houve reportagens sobre violência | | |
| 22/jan | 61' | 18 | Não houve reportagens sobre violência | | |
| 24/jan | 48' e 8'' | Não informado | 02 | - <u>População em situação de rua da cidade de São Paulo cresce 31% em 2 anos.</u> - <u>Papa emérito admite que participou de reunião, em 1980, sobre padre acusado de abuso sexual de menores.</u> | Não informado |
| 25/jan | 49' e 39'' | Detalhamento das reportagens indisponível | | | |
| 26/jan | 50' e 20'' | 21 | 01 | <u>Voo com mais de 200 brasileiros deportados dos EUA, incluindo crianças,</u> | 2' |

| | | | | | |
|-------------|---------------------------------------|----|----|--|------|
| | | | | <u>chega a BH.</u> | |
| 27/jan | 50' e 18'' | 23 | 01 | <u>2021 foi o ano mais violento para jornalistas no Brasil.</u> | 40'' |
| 28 e 29/jan | Não houve reportagens sobre violência | | | | |
| 31/jan | 49' e 53'' | 19 | 01 | <u>PGR denuncia ministro da Educação, Milton Ribeiro, por homofobia.</u> | 41'' |
| 01/fev | 30' e 07'' | 11 | 01 | <u>Câmeras de segurança registram assassinato de jovem congolês que trabalhava em quiosque no Rio. (Pelo menos 3 dos quatro agressores são negros. A reportagem não menciona esta característica.)</u> | 4' |
| 02/fev | 50' e 10'' | 15 | 02 | <u>Família de Moise deixou República Democrática do Congo para escapar da violência. (Sobre jovem congolês que trabalhava em quiosque no Rio e foi assassinado.)</u> | 3' |
| | | | | <u>- Bebê de 1 ano morreu de Covid esperando vaga em UTI no DF.</u> | 24'' |
| 03/fev | 50' e 08'' | 24 | 04 | <u>Aldeia Pataxó em Minas Gerais sofre com lama contaminada de Brumadinho.</u> | 3' |
| | | | | <u>Polícia de Pernambuco procura suspeito de assassinar duas adolescentes. (Edson Cândido Ribeiro é suspeito de estuprar e matar duas adolescentes. Edson é negro, mas a reportagem não menciona esta característica.)</u> | 2' |
| | | | | <u>- Sargento da Marinha mata vizinho negro no RJ, e diz que o confundiu com bandido.</u> | 4' |
| | | | | <u>- STF determina que governo do Rio de Janeiro elabore um plano para reduzir letalidade da polícia em comunidades.</u> | 1' |
| 04/fev | 49' e 26'' | 17 | 04 | <u>Testemunhas revelam que dois guardas municipais ignoraram pedido para salvar congolês de espancamento. (Sobre jovem congolês espancado e morto no Rio.)</u> | 3' |
| | | | | <u>- Mais 193 brasileiros que tentaram entrar ilegalmente</u> | 36'' |

| | | | | | |
|--------|-----------|----|---------------------------------------|--|----------------------------|
| | | | | <p><u>nos EUA chegaram ao Brasil.</u></p> <p><u>Militar que matou vizinho no RJ vai permanecer preso e pode responder por homicídio doloso.</u> (Sobre militar da Marinha que matou vizinho negro no RJ.)</p> <p><u>Número de licenças para uso de armas cresce 325% em 3 anos.</u> (Segundo o Instituto Sou da Paz, Carolina Ricardo, sua diretora, as mulheres têm sido mortas dentro de casa, e há um abastecimento de armas para o crime.)</p> | 3' |
| 05/fev | 45' e 31" | 17 | 01 | <p>- <u>Número de mulheres que conseguem diagnóstico precoce do câncer de mama ainda é pequeno no Brasil.</u></p> | 2' |
| 07/fev | 48' e 15" | 21 | Não houve reportagens sobre violência | | |
| 08/fev | 50' e 22" | 20 | 05 | <p>- <u>Dois bebês trocados em maternidade são entregues às mães biológicas em Goiás.</u></p> <p>- <u>Após 2 dias, sai da cadeia jovem que tinha sido preso injustamente ao comprar pão no Rio.</u> (A reportagem menciona que o jovem é negro, foi preso por engano por policial que realizava uma ação.)</p> <p>- <u>Parentes afirmam a senadores que imagens de assassinato de Moïse foram editadas.</u> (Sobre assassinato de congolês que trabalhava em quiosque no Rio.)</p> <p>- <u>Aras manda investigar Kim Kataguirí e Monark por possível apologia ao nazismo.</u> (Kim é deputado federal, e Monark apresentador em pod cast, ambos afirmam a necessidade de existência de um partido nazista no Brasil, e defende o direito de ser antijudeu.)</p> <p>- <u>Engarrafamentos facilitam roubos cada vez mais frequentes de celulares em São Paulo.</u></p> | 1' 4' 3' 2' 4' |

| | | | | | |
|--------|------------|----|---------------------------------------|---|------------------|
| 09/fev | 51' e 15'' | 15 | 02 | <p>- <u>Novas imagens mostram outros detalhes do assassinato do congolês no Rio.</u> (Sobre assassinato de congolês que trabalhava em quiosque no Rio.)</p> <p>- <u>Empresário Airton Cascavel é preso suspeito de estuprar jovem em Santa Catarina.</u> (A vítima era cuidadora da mãe do empresário.)</p> | 3' 26'' |
| 10/fev | 49' e 44'' | 20 | 01 | - <u>PMs sem mandado judicial são filmados revirando casa de família no Rio.</u> | 3' |
| 11/fev | 50' e 33'' | 16 | 01 | - <u>PM de SP afasta um dos policiais envolvidos na agressão a 3 torcedores do Corinthians.</u> | 3' |
| 12/fev | 44' | 17 | 03 | <p>- <u>Clientes que tiveram planos de saúde transferidos da Amil reclamam de falta de cobertura médica.</u> (Houve descredenciamento de unidades, clientes que sofrem de doenças graves estão entre os desassistidos.)</p> <p>- <u>PF prende em SP suspeito de ameaçar filha de ministro Félix Fischer do STJ.</u> (O ministro é relator dos casos da Lava Jato).</p> <p>- <u>Torcedor do Palmeiras morre em pancadaria em São Paulo após a derrota para o Chelsea no mundial de clubes.</u></p> | 7' 28'' 2' |
| 14/fev | 50' e 08'' | 15 | 01 | - <u>Pedido de pizza salvou uma mulher, vítima de violência doméstica, em São Paulo.</u> (O pedido de pizza foi feito pelo 190 da Polícia Militar.) | 3' |
| 15/fev | 52' e 18'' | 16 | 01 | - <u>Ministério Público de Milão pede a extradição de Robinho e envia mandado de prisão internacional.</u> (O ex-jogador brasileiro foi condenado por violência sexual a uma jovem numa boate na Itália. Robinho é negro, mas esta característica não foi mencionada.) | 24'' |
| 16/fev | 50' e 16'' | 16 | 01 | - <u>Vídeo de homem negro caracterizado como servo escravizado vira caso de polícia em Goiás.</u> | 2' |
| 17/fev | 51' e 37'' | 17 | Não houve reportagens sobre violência | | |

| | | | | | |
|-------------|---------------------------------------|----|---------------------------------------|--|-----|
| 18/fev | 50' e 08" | 16 | Não houve reportagens sobre violência | | |
| 19/fev | 46' e 13" | 18 | Não houve reportagens sobre violência | | |
| 21/fev | 46' e 10" | 16 | Não houve reportagens sobre violência | | |
| 22/fev | 54' e 30" | 16 | 01 | - 3 homens viram réus pela morte de Moïse. (Sobre o congolês espancado e morto no Rio. Pelo menos um dos acusados é negro, característica não mencionada na reportagem.) | 35" |
| 23 a 28/fev | Não houve reportagens sobre violência | | | | |
| 01/mar | 54' e 42" | 13 | Não houve reportagens sobre violência | | |
| 02/mar | 54' e 40" | 17 | Não houve reportagens sobre violência | | |
| 03/mar | 52' e 49" | 19 | 02 | - <u>Repórteres da TV Globo são agredidos durante reportagem sobre a feira da madrugada no Brás, no centro de SP.</u> - <u>Homem é baleado por agente penitenciário durante confusão com torcedores.</u> (Dante Luiz de Oliveira foi baleado pelo agente penitenciário José Ribeiro Apóstolo que alega ter sido agredido por um grupo de torcedores e que não sabia se havia efetuado o disparo. José Ribeiro é negro, mas a reportagem não mencionou esta característica.) | 2' |
| 04/mar | 53' e 53" | 14 | Não houve reportagens sobre violência | | |
| 05/mar | 52' e 55" | 15 | Não houve reportagens sobre violência | | |
| 07/mar | 54' e 18" | 18 | Não houve reportagens sobre violência | | |
| 08/mar | 50' e 38" | 15 | Não houve reportagens sobre violência | | |
| 09/mar | 54' e 31" | 16 | Não houve reportagens sobre violência | | |
| 10/mar | 51' e 41" | 17 | Não houve reportagens sobre violência | | |
| 11/mar | 60' e 36" | 18 | Não houve reportagens sobre violência | | |
| 12/mar | 54' e 06" | 16 | Não houve reportagens sobre violência | | |
| 14/mar | 51' e 56" | 21 | Não houve reportagens sobre violência | | |
| 15/mar | 53' e 53" | 19 | 01 | - <u>Governo Bolsonaro censura comédia de 2017 alegando apologia à pedofilia.</u> (A comédia é uma produção da TV Globo.) | 5' |
| 16/mar | 52' e 31" | 22 | Não houve reportagens sobre violência | | |
| 17/mar | 52' e 35" | 20 | Não houve reportagens sobre violência | | |
| 18/mar | 53' e 49" | 20 | Não houve reportagens sobre violência | | |
| 19/mar | 54' e 11" | 21 | Não houve reportagens sobre violência | | |
| 21/mar | 54' e 45" | 18 | 01 | - <u>Pesquisa mostra como discriminação racial ocorre com frequência no transporte público.</u> | 4' |
| 22/mar | 49' e 39" | 21 | 03 | - <u>Ranking revela a desigualdade do saneamento básico no Brasil.</u> (As cidades das regiões Sul e Sudeste são | 4' |

| | | | | | |
|--------|-----------|----|----|---|----------|
| | | | | <p>melhor atendidas, as do Norte e Nordeste as piores atendidas. Em qualquer cidade, as favelas são as regiões menos atendidas.)</p> <p>- <u>Polícia Civil de SP identifica e indícia agressor de equipe de jornalismo da Globo.</u></p> <p>- <u>Aluno de 13 anos esfaqueia colegas em escola no interior de São Paulo.</u></p> | 1' |
| 23/mar | 53' e 13" | 22 | 01 | - <u>Justiça decreta prisão de diretora da escola suspeita de maus-tratos a crianças em São Paulo.</u> | 2' |
| 24/mar | 30' e 30" | 08 | | Não houve reportagens sobre violência | 4' |
| 25/mar | 53' e 14" | 22 | | Não houve reportagens sobre violência | |
| 26/mar | 55' e 29" | 18 | | Não houve reportagens sobre violência | |
| 28/mar | 30' e 55" | 12 | | Não houve reportagens sobre violência | |
| 29/mar | 29' e 24" | 17 | | Não houve reportagens sobre violência | |
| 30/mar | 55' e 01" | 20 | | Não houve reportagens sobre violência | |
| 31/mar | 54' e 45" | 18 | 01 | - <u>Golpe de 64 gerou "fortalecimento da democracia", diz ministro na ordem do dia de 31 de março.</u> | 4' |
| 01/abr | 60' e 21" | 21 | 04 | - <u>Morte de menina durante ação policial provoca protestos e vandalismo em Porto de Galinhas.</u> (Criança de 6 anos estava no terraço da casa da avó e foi alvejada com um tiro supostamente da polícia que afirma ter trocado tiros com traficantes. Segundo a polícia o ato foi dos traficantes.). | 2' e 20" |
| 02/abr | 52' e 46" | 20 | | Não houve reportagens sobre violência | |
| 04/abr | 53' e 52" | 19 | | Não houve reportagens sobre violência | |
| 05/abr | 53' e 29" | 21 | | Não houve reportagens sobre violência | |
| 06/abr | 52' e 34" | 16 | | Não houve reportagens sobre violência | |
| 07/abr | 51' e 25" | 18 | | Não houve reportagens sobre violência | |
| 08/abr | 53' e 18" | 21 | 01 | - <u>MP do Rio denuncia Gabriel Monteiro por filmar sexo com adolescente.</u> (Gabriel Monteiro é vereador na Câmara Municipal do Rio. Ele é negro, mas esta característica não foi mencionada na reportagem.). | 42" |
| 09/abr | 55' e 26" | 21 | 01 | - <u>Fantástico mostra o drama de crianças e jovens que precisam reconstruir a vida depois de suas mães terem sido vítimas de feminicídio.</u> | 2' |
| 11/abr | 53' e 32" | 21 | 01 | - <u>TJD-ES suspende por 30</u> | 1' |

| | | | | | |
|--------|-----------|----|---------------------------------------|--|------------------------|
| | | | | <u>dias técnico que agrediu uma auxiliar de arbitragem.</u> (Descontente com a arbitragem, o técnico se aproximou da auxiliar e desferiu uma cabeçada nela.) | |
| 12/abr | 52' e 58" | 20 | 02 | - <u>Dois Yanomamis morrem em conflito dentro da reserva indígena.</u> - <u>Polícia de NY identifica suspeito de envolvimento em ataque no metrô.</u> (Frank James é negro, mas esta característica não foi mencionada.) | 3' 10' |
| 14/abr | 52' e 27" | 19 | 01 | - <u>CNJ analisa exclusão de pergunta do formulário de adoção sobre etnia.</u> (Defensoria Pública do Rio e da Bahia procuram eliminar pergunta do formulário que dificulta a adoção de crianças negras.) | 4' |
| 15/abr | 52' e 40" | 21 | 02 | - <u>Idosa arrastada por 3 quarteirões após roubo de carro deixa hospital.</u> - <u>Polícia Civil apreende adolescente e prende jovem suspeitos de esfaquear jornalista Gabriel Luiz, da TV Globo.</u> (O jovem preso é negro, mas esta característica não foi mencionada na reportagem.) | 3' 6' |
| 16/abr | 57' e 01" | 23 | Não houve reportagens sobre violência | | |
| 18/abr | 53' e 16" | 17 | Não houve reportagens sobre violência | | |
| 19/abr | 54' e 53" | 19 | 03 | - <u>Presidente do STM desdenha de áudios de sessões da corte que comprovam tortura na ditadura.</u> - <u>Homem que jogou o carro contra ex-mulher e as próprias filhas se entrega à polícia em SP.</u> - <u>Jornalista Gabriel Luiz deixa a UTI e é transferido para o quarto em hospital em Brasília.</u> (Jornalista da Rede Globo esfaqueado em Brasília.) | 3' 4' 1' |
| 20/abr | 31' e 17" | 11 | 01 | - <u>Deputado estadual Arthur do Val, de SP, anuncia que vai renunciar ao cargo.</u> (O deputado se tornou alvo do Conselho de Ética após | 30'' |

| | | | | | |
|--------|-----------|---|---------------------------------------|---|--------------|
| | | | | enviar áudios com mensagens machistas sobre mulheres ucranianas.) Um importante dado omitido na reportagem, mas presente no áudio, o deputado cita a possibilidade de se aproveitar das ucranianas porque elas são pobres. | |
| 21/abr | 54' e 28" | 16 | Não houve reportagens sobre violência | | |
| 22/abr | 31' e 05" | Detalhamento das reportagens indisponível | | | |
| 23/abr | 33' e 16" | 12 | Não houve reportagens sobre violência | | |
| 25/abr | 53' e 12" | 21 | 01 | - <u>Polícia conclui que repórter Gabriel Luiz foi vítima de tentativa de latrocínio.</u> (Gabriel, repórter da Rede Globo, foi ferido com 10 facadas. José Felipe Leite Tunhole de 19 anos e um adolescente de 17 confessaram o crime. José Felipe é negro, mas a reportagem não faz esta referência.) | 43" |
| 26/abr | 53' e 12" | 11 | Não houve reportagens sobre violência | | |
| 27/abr | 53' e 12" | 21 | 01 | - <u>MP denuncia à justiça homem que esfaqueou jornalista da Rede Globo, Gabriel Luiz.</u> (A reportagem não afirma que o criminoso é negro, embora seja.) | 27" |
| 28/abr | 53' e 12" | 18 | 01 | - <u>Ministros do STF cobram apuração de denúncia de estupro e morte de menina Yanomami.</u> (Reportagem em 6 de maio mostra que a PF indica como falsa essa denúncia.) | 3' |
| 29/abr | 51' e 37" | 20 | 01 | - <u>A polícia de SP pede a prisão do empresário Saul Klein por crimes sexuais.</u> (O empresário e mais 9 funcionários são indiciados por 7 crimes sexuais contra mulheres.) | 3' |
| 30/abr | 52' e 48" | 22 | Não houve reportagens sobre violência | | |
| 02/mai | 50' e 31" | 18 | 02 | - <u>Israel cobra pedido de desculpas após chanceler russo dizer que Hitler tinha raízes judaicas.</u> - <u>Indígenas denunciam ameaças após morte de três caçadores na reserva Parakanã.</u> (O estatuto do índio proíbe em terras indígenas a caça, pesca, coleta de frutos, assim como atividade agropecuária.) | 3' 3' |

| | | | | | |
|--------|-----------|---|----|--|--------------------------|
| 03/mai | 53' e 29" | 15 | 01 | <p>- <u>Dois episódios em SP, no metrô e na Câmara, provocam indignação e protestos contra manifestações racistas.</u> (Na Câmara, sem perceber que seu microfone estava ligado, o vereador Camilo Cristóforo fez afirmações racistas em relação a negros. No outro caso, dentro do metrô, uma funcionária da embaixada húngara, a reportagem caracteriza a mulher como loira, pede a brasileira sentada próximo dela que tome cuidado pois seu cabelo está encostando nela e pode passar doença.)</p> | 6' |
| 04/mai | 51' e 07" | 24 | 03 | <p>- <u>Defensora pública aposentada chama homem de "macaco" em Niterói, RJ.</u> (Homens negros que trabalham como entregadores de compras estacionaram van para entrega em frente garagem, foi o motivo do início do desentendimento.)</p> <p>- <u>PSB de SP desfilia vereador Camilo Cristóforo após fala racista.</u> (Desfiliação ocorre em razão de fala racista ocorrida no dia anterior, na Câmara, sem perceber que seu microfone estava ligado.)</p> <p>- <u>Justiça argentina afasta de estádios torcedores que fizeram gestos racistas.</u> (Torcedor do River Plate que atirou pedaços de banana na torcida do Fortaleza em Buenos Aires e o torcedor do Boca Juniors que imitou gestos de um macaco.)</p> | 1' 37" 24" |
| 05/mai | 52' e 09" | Detalhamento das reportagens indisponível | 02 | <p>- <u>Mulher denuncia ter sido agredida por três dias pelo namorado em apartamento no Rio.</u> (Mulher exibe rosto repleto de hematomas oriundos de agressões do namorado.)</p> <p>- <u>Defensora pública aposentada que chamou homem de "macaco" não comparece para depor no RJ.</u></p> | Não informado |

| | | | | | |
|--------|-----------|----|----|--|-----------------------------------|
| 06/mai | 50' e 59" | 20 | 01 | - <u>Investigação da Polícia Federal sobre denúncia de estupro e homicídio de menina Yanomami aponta para mal entendido.</u> | 3' |
| 07/mai | 47' e 59" | 19 | 01 | - <u>Talibã determina que mulheres voltem a cobrir o rosto e o corpo.</u> | 29" |
| 09/mai | 51' e 37" | 21 | 04 | - <u>Sargento dos Bombeiros atira em funcionário de rede de lanchonetes após discussão no Rio.</u> (Era madrugada quando o sargento Paulo César de Souza Albuquerque, com base num cupom, exigiu um desconto ao qual não tinha direito, agrediu o atendente de 21 anos que reagiu, e depois foi alvejado pelo sargento. Tanto o sargento do Bombeiros quanto o atendente são negros, a reportagem não menciona esta característica.) - <u>MP e Câmara Legislativa cobram providências depois que alunos foram ameaçados por PMs em escola militar conveniada no DF.</u> (Os estudantes haviam produzido um quadro no qual, entre outras ilustrações, mostra a violência de policiais nas comunidades. Os policiais responsáveis pela disciplina da escola exigiram a retirada do quadro, houve protestos dos estudantes que foram reprimidos.) - <u>Salvador registra 3 mortes de PMs em fim de semana violento.</u> (Em ações de patrulhamento, os policiais foram alvejados dentro da viatura.) - <u>Padre é suspeito de atropelar ladrão no interior de São Paulo.</u> (Frei Gustavo Trindade dos Santos dirigia o veículo que atropelou e deixou em estado grave um jovem que, segundo o boletim de ocorrência, havia acabado de furtar roupas na paróquia. O suspeito do furto é negro, mas esta | 2' 4' 2' 41" |

| | | | | | |
|--------|--|----|---------------------------------------|---|----------------|
| | | | | característica não foi mencionada na reportagem.) | |
| 10/mai | 53' e 57" | 19 | 01 | - <u>Donas de escola e funcionária se tornam rés em São Paulo.</u> (São acusadas de tortura e maus-tratos a 9 crianças matriculadas na escola.) | 17" |
| 11/mai | 29' e 39" | 19 | 01 | - <u>Mulher chama jovem negro de macaco em discussão por açaí no DF.</u> | 32" |
| 12/mai | 53' e 09" | 23 | 02 | - <u>Justiça determina reforço policial em acampamento atacado no Pará.</u> (O fato ocorreu em Anapu. Agricultores denunciaram que um grupo armado atacou uma vila em que vive dezenas de famílias e queimou duas casas. A região é alvo de disputa de fazendeiros.) - <u>Peritos tentam descobrir de onde partiu tiro que matou menina em Porto de Galinhas.</u> (A menina foi alvejada durante uma operação da polícia na região. Os moradores acusam a polícia pelo disparo, mas a polícia afirma que o tiro foi disparado por traficantes que atiraram durante a operação policial.) | 21" 33" |
| 13/mai | Edição não disponível pelo portal da emissora. | | | | |
| 14/mai | 60' e 00" | 23 | 02 | - <u>Atirador mata 10 pessoas em supermercado no estado de Nova York.</u> - <u>Policial que fez disparo de arma de fogo na cracolândia é identificado.</u> | 3' 2' |
| 16/mai | 53' e 06" | 17 | Não houve reportagens sobre violência | | |
| 17/mai | 51' e 20" | 19 | 02 | - <u>Polícia Civil do Pará investiga morte misteriosa de juíza em Belém.</u> (O esposo da juíza, que é juiz, é suspeito de ter ligação com a morte, pois teve com a vítima uma discussão no dia anterior. Ele afirma que ela se matou com a arma dele que sempre levava em seu carro.) - <u>Movimento apoia e protege jovens LGBT da periferia.</u> (Em alusão ao dia internacional à homofobia, | 3' 4' |

| | | | | | |
|--------|-----------|----|----|---|------------------------|
| | | | | há 32 anos quando a OMS retirou a homossexualidade do rol de transtornos mentais. A reportagem trata de casos de intolerância persistente nos dias atuais.) | |
| 18/mai | 51' e 37" | 22 | 02 | <p>- <u>Homem toma arma de policial rodoviário, mata o agente e o colega dele em Fortaleza.</u> (O homem caminhava entre os carros na BR 116 em Fortaleza. O assassino é negro, mas esta característica não foi mencionada na reportagem.)</p> <p>- <u>Torcedores do Corinthians são alvo de racismo na Libertadores.</u> (Torcedores da equipe argentina Boca Juniors efetivaram a prática racista.)</p> | 19" 24" |
| 19/mai | 50' e 44" | 24 | 01 | - <u>Sem teto e dependentes químicos se dispersam nas ruas de SP; auxílio fica mais difícil.</u> (A reportagem dá ênfase ao frio que acentua a necessidade dessas pessoas somada à dificuldade de ajudar devido à dispersão delas pela cidade de São Paulo, depois de operações da polícia sobre traficantes entre eles, o que os fez se dividir.) | 4' |
| 20/mai | 28' e 59" | 20 | 01 | - <u>No Afeganistão, Talibã ordena que apresentadoras de TV cubram o rosto.</u> | 21" |
| 21/mai | 42' e 44" | 21 | 03 | <p>- <u>Pandemia agrava a situação do mercado de trabalho para as mulheres com filhos.</u></p> <p>- <u>PF avalia entrar em terra indígena no Pará, onde Kayapós dizem ter detido garimpeiros.</u></p> <p>- <u>Fantástico de domingo traz detalhes exclusivos da prisão do homem mais procurado de SP.</u> (O homem é Paulo Cupertino, que matou o namorado da filha, Rafael Miguel, em 2019. Rafael era ator de novelas da Globo. Rafael e Paulo são brancos, mas a reportagem não faz menção a esta característica.)</p> | 3' 1' 2' |
| 23/mai | 46' e 30" | 17 | 02 | - <u>Mulher é agredida com 12 facadas pelo ex-companheiro</u> | 5' |

| | | | | | |
|--------|------------|----|----|--|--------------------|
| | | | | <p><u>na frente dos filhos em BH.</u> (A reportagem afirma que nos últimos 3 dias os noticiários que envolvem casos de polícia no Brasil deram conta de pelo menos 3 casos de violência contra mulheres, e nos 3 elas foram vítimas de ex-companheiros. Também informa que a vítima já havia sido agredida anteriormente com um soco na boca pelo mesmo agressor. Ela chegou a pedir medida protetiva, mas retirou, pois estava reatando com o agressor. O fato ocorreu na rua.)</p> <p>- Vereador de São Paulo, <u>Adilson Amadeu (União Brasil)</u>, foi condenado a um <u>ano de prisão em regime aberto.</u> (A prisão foi motivada por comentários de ódio a judeus.)</p> | 31'' |
| 24/mai | 53' e 15'' | 21 | 03 | <p>- <u>Chacina de Unai: começa novo julgamento do ex-prefeito Antério Mânica.</u> (O ex-prefeito é acusado de ser o mandante do crime que resultou na morte de três auditores fiscais do trabalho e o motorista que os levou até a região rural da cidade para uma diligência. O crime ocorreu em janeiro de 2004.)</p> <p>- <u>Ataque a tiros em escola no Texas mata 14 crianças e uma professora.</u></p> <p>- <u>2 bebês morrem em menos de 24 horas à espera de vagas de UTI no Recife.</u></p> | 28'' 3' 44'' |
| 25/mai | 52' e 22'' | 20 | 03 | <p>- <u>Sobe para 21 o número de mortos por atirador em escola no Texas.</u></p> <p>- <u>Dois anos após morte de George Floyd, Biden reforma a polícia.</u> (A reportagem frisa que a vítima era um negro que foi sufocado por um policial branco até a morte.)</p> <p>- <u>Polícia ainda não identificou todos os mortos na operação na Vila Cruzeiro</u></p> | 3' 3' 7' |

| | | | | no Rio. | |
|--------|----------------------------------|---|---------------------------------------|---|---------------|
| 26/mai | Edição não disponível no portal. | | | | |
| 27/mai | 52' e 27" | 19 | 01 | - <u>Ex-prefeito Antério Mânica é condenado a 64 anos de prisão.</u> (O ex-prefeito foi condenado por ser o mandante do crime que resultou na morte de 3 auditores fiscais do trabalho e o motorista que os levou até a região rural da cidade para uma diligência. O crime ocorreu em janeiro de 2004.) | 3' |
| 28/mai | 50' e 22" | 20 | 02 | - <u>5 pessoas são presas em operação contra garimpos em terras indígenas no norte do país.</u> - <u>Fantástico repercute morte de Genivaldo.</u> (Sobre homem retido numa abordagem policial em Sergipe, depois torturado com gás no porta-malas da viatura da Polícia Rodoviária Federal. O fato ocorreu em 25 de maio.) | 2' 2' |
| 30/mai | 56' e 40" | 19 | Não houve reportagens sobre violência | | |
| 31/mai | 56' e 00" | Detalhamento das reportagens indisponível | 01 | - <u>A PF começa a ouvir testemunhas sobre a abordagem que culminou com a morte de Genivaldo em Sergipe.</u> (Sobre o caso em que Genivaldo faleceu após ter sido torturado com gás dentro do porta-malas de uma viatura da Polícia Rodoviária Federal.) | Não informado |

Fonte: Próprio (2022).